

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DO PONTAL**

**LARISSA SILVA VILELA**

**“RECICLANDO A SOBREVIVÊNCIA”: O trabalho precário dos catadores no  
Setor Sul em Ituiutaba - MG**

**ITUIUTABA**

**2025**

**LARISSA SILVA VILELA**

**“RECICLANDO A SOBREVIVÊNCIA”: O trabalho precário dos catadores no  
Setor Sul em Ituiutaba - MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Geografia do Pontal PPGEP, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - ICHPO, da Universidade Federal de Uberlândia- UFU.

Linha de pesquisa: Produção do espaço rural e urbano.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joelma Cristina dos Santos

**ITUIUTABA**

**2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

V699r  
2025 Vilela, Larissa Silva, 1989-  
“Reciclando a sobrevivência” [recurso eletrônico] : o trabalho  
precário dos catadores no Setor Sul em Ituiutaba - MG / Larissa Silva  
Vilela. - 2025.

Orientadora: Joelma Cristina dos Santos.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5178>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Geografia. I. Santos, Joelma Cristina dos, 1979-, (Orient.). II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em  
Geografia do Pontal. III. Título.

---

CDU: 910.1

André Carlos Francisco  
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia -

Pontal

Rua Vinte, 1600, Bloco D, Sala 300 - Bairro Tupã, Uberlândia-MG, CEP 38304-402

Telefone: (34) 3271-5305/5306 - [www.ppgep.ich.ufu.br](http://www.ppgep.ich.ufu.br) - [ppgep@ufu.br](mailto:ppgep@ufu.br)



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Geografia do Pontal - PPGEP				
Defesa de:	Mestrado Acadêmico				
Data:	28 de abril de 2025	Hora de início:	14:00	hora de encerramento:	15:58
Matrícula do Discente:	22312GEO008				
Nome do Discente:	Larissa Silva Vilela				
Título do Trabalho:	RECCLANDO A SOBREVIVÊNCIA: O Trabalho Precário dos Catadores no Setor Suj em Ituiutaba - MG				
Área de concentração:	Produção do espaço e dinâmicas ambientais				
Linha de pesquisa:	Produção do espaço rural e urbano				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Dinâmicas territoriais e produção do espaço				

Reuniu-se através de conferência pelo Google Meet, Campus Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal assim composta: Profa. Dra. Andreia Cristina da Silva Almeida / PPGEP, Ituiutaba - MG; Profa. Dra. Patrícia Francisca de Matos - UFCAT, Catalão - GO e Profa. Dra. Joelma Cristina dos Santos / PPGEP, Ituiutaba - MG - ICHPO, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Profa. Joelma Cristina dos Santos, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

APROVADA

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

---



Documento assinado eletronicamente por **Andreia Cristina da Silva Almeida, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/04/2025, às 05:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Joelma Cristina dos Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/04/2025, às 09:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **PATRICIA FRANCISCA DE MATOS, Usuário Externo**, em 29/04/2025, às 10:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6277436** e o código CRC **9AB932C5**.

---

**Referência:** Processo nº 23117.026000/2025-94

SEI nº 6277436

**LARISSA SILVA VILELA**

**“RECICLANDO A SOBREVIVÊNCIA”: O trabalho precário dos catadores no  
Setor Sul em Ituiutaba - MG**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Joelma Cristina dos Santos (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de Ciências Humanas do Pontal

---

Profa. Dra. Patrícia Francisca de Matos

Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

---

Profa. Dra. Andreia Cristina da Silva Almeida (Membro)

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de Ciências Humanas do Pontal

Data: 28/04/2025

Resultado: Aprovado

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por guiar meus passos e me permitir concluir esta etapa tão significativa e importante da minha vida, superando os diversos obstáculos e desafios que surgiram ao longo do caminho.

Minha gratidão também à Universidade Federal de Uberlândia - Campus Pontal, por sua direção, administração e corpo docente, que, por meio do Programa de Pós-Graduação, oferece oportunidades para aqueles que desejam realizar o sonho de ingressar no mestrado em Geografia.

A incrível mulher e professora, Profa. <sup>a</sup>Dra. <sup>a</sup>Joelma Cristina dos Santos, a quem admiro profundamente e serei eternamente grata. Sua paciência, sabedoria e dedicação foram fundamentais para mim. Sempre carregarei seu exemplo de simplicidade, força, inteligência e amizade, que me inspirou a seguir em frente, mesmo nos momentos mais difíceis. Sua frase constante, “calma, vai dar certo”, ecoará sempre em minha memória. Minha gratidão por tudo o que fez por mim será eterna!

Meu eterno agradecimento ao meu esposo, Deivisson, meu companheiro de vida e de todas as jornadas. Sua presença foi essencial em todos os momentos, sempre me oferecendo apoio, força e incentivo para não desistir. Sem você ao meu lado, essa conquista não seria possível. Você se desdobrou entre o trabalho e o cuidado com nossa família, assumindo com amor o papel de pai e mãe para nossos filhos, Miguel e Samuel. E agora, no momento de finalizar esta dissertação, fomos abençoados com mais um presente: à espera de um novo bebê. Apesar dos desafios adicionais que essa linda notícia trouxe à conclusão da minha pesquisa, sua parceria tornou tudo possível. Dedico esta conquista a você e à nossa família, que é minha maior motivação.

Agradeço profundamente aos meus pais, por toda a confiança que sempre depositaram em mim e por acreditarem na minha capacidade de realizar sonhos e me tornar uma pessoa melhor. Minha gratidão também à minha irmã e às minhas sobrinhas, pelo apoio incondicional durante minhas ausências, compreendendo que essa dedicação era necessária para alcançar este objetivo.

Enfim, a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para esta conquista, o meu mais sincero e profundo agradecimento. Muito obrigada!

*Vi ontem um bicho/Na imundície do pátio/Catando  
comida entre os detritos. /Quando achava alguma  
coisa, /Não examinava nem cheirava:/Engolia com  
voracidade. /O bicho não era um cão, /Não era um  
gato, /Não era um rato. /O bicho, meu Deus, era um  
homem. (Manuel Bandeira – O bicho)*

## RESUMO

O mercado de trabalho está se tornando mais exigente devido à reestruturação produtiva do capital e a busca por mão de obra qualificada, o que gera um exército de reserva em condições cada vez mais precárias. Nesse contexto, os catadores de recicláveis, que atuam de forma informal, enfrentam exclusão social e trabalho precarizado, sem benefícios trabalhistas. Estes catadores encontram no trabalho informal uma alternativa de renda, porém enfrentam desafios, riscos e exclusão do mercado formal, sem direitos trabalhistas. Este estudo tem como foco territorial de análise os catadores de recicláveis do setor Sul de Ituiutaba-MG, visando compreender a dinâmica do trabalho informal e a lógica do capital, ressaltando o papel crucial desses trabalhadores na sociedade e no desenvolvimento sustentável. Assim, o estudo destaca a importância de reconhecer o valor desse trabalho para a sociedade, investigando a organização, rotina e condições enfrentadas por esses trabalhadores na coleta e separação de materiais recicláveis. Este trabalho visa também investigar as razões que levam os trabalhadores a ir para a informalidade e as condições de trabalho que enfrentam nesse contexto e entender o trabalho informal dos catadores de materiais recicláveis no setor Sul de Ituiutaba-MG, com foco nas desigualdades sociais e precarização. Concluindo que a pesquisa enfatiza a relevância acadêmica e social do tema, destacando a importância de respeitar, valorizar e buscar melhorias para esses trabalhadores.

**Palavras-Chave:** Trabalho informal, catadores, desigualdades, precarização;

## RESUMEN

El mercado laboral es cada vez más exigente debido a la reestructuración productiva del capital y la búsqueda de mano de obra calificada, lo que genera un ejército de reserva en condiciones cada vez más precarias. En este contexto, los recicladores reciclables, que trabajan de manera informal, enfrentan exclusión social y trabajo precario, sin beneficios laborales. Estos recicladores encuentran en el trabajo informal un ingreso alternativo, pero enfrentan desafíos, riesgos y exclusión del mercado formal, sin derechos laborales. Este estudio tiene como enfoque territorial el análisis de los recicladores reciclables en el sector sur de Ituiutaba-MG, con el objetivo de comprender las dinámicas del trabajo informal y la lógica del capital, enfatizando el papel crucial de estos trabajadores en la sociedad y el desarrollo sostenible. Así, el estudio destaca la importancia de reconocer el valor de este trabajo para la sociedad, indagando en la organización, rutina y condiciones que enfrentan estos trabajadores en la recolección y separación de materiales reciclables. Este trabajo también tiene como objetivo indagar en las razones que llevan a los trabajadores ir a por la informalidad y las condiciones laborales que enfrentan en este contexto y comprender el trabajo informal de los recolectores de materiales reciclables en el sector sur de Ituiutaba-MG, enfocándose en las desigualdades sociales y la precariedad. Concluyendo que la investigación enfatiza la pertinencia académica y social del tema, destacando la importancia de respetar, valorar y buscar mejoras para estos trabajadores.

**Palabras clave:** Trabajo informal, recicladores, desigualdades, precariedad;

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

<b>FIGURA 1- MAPA -LOCALIZAÇÃO DA ÁREA URBANA DE ITUIUTABA-MG</b>	14
<b>FIGURA 2- FLUXOGRAMA SOBRE VALOR DE USO</b>	42
<b>FIGURA 3-: REPORTAGENS SOBRE A CONDIÇÕES ANÁLOGAS À ESCRAVIDÃO NO BRASIL</b>	48
<b>FIGURA 4-REPORTAGEM EXIBIDA NO G1-TRIÂNGULO E ALTO PARANAÍBA SOBRE O DIA DE COMBATE AO TRABALHO ESCRAVO</b>	49
<b>FIGURA 5- MAPEAMENTO DE ORGANIZAÇÕES DE CATADORES DE RECICLÁVEIS NO BRASIL E NO ESTADO DE MINAS GERAIS EM 2024</b>	66
<b>FIGURA 6- MAPA - ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL - LOCAL DOS CATADORES DE RECICLÁVEIS NA RUA 47</b>	79
<b>FIGURA 7- ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- PONTO ONDE REÚNEM PARA TRABALHAR</b>	81
<b>FIGURA 8-: ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- CATADORAS REALIZANDO OS SEUS TRABALHOS</b>	83
<b>FIGURA 9-: ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- CATADOR UTILIZANDO CARRINHO PARA SUAS ATIVIDADES 10</b>	91
<b>FIGURA 10-: ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- CAMINHÃO UTILIZADO NA COLETA</b>	92
<b>FIGURA 11-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- CATADORES EXERCENDO SUAS ATIVIDADES</b>	94
<b>FIGURA 12-: ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL - FARDOS PRONTOS E EMBALADOS PARA O TRANSPORTE</b>	95
<b>FIGURA 13-: ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- CATADOR COM SEU MEIO DE TRANSPORTE E CARRINHO</b>	97
<b>FIGURA 14-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- ACÚMULO DE RESÍDUOS PRESENTES NO LOCAL DE TRABALHO</b>	102
<b>FIGURA 15-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- COBRA VENENOSA ENCONTRADA NO LOCAL DE TRABALHO</b>	104
<b>FIGURA 16-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- ANUNCIO DE COMPRA DE LATINHAS</b>	105

## GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1-: DISTRIBUIÇÃO PESSOAS DESOCUPADAS POR IDADE NO BRASIL NO 1º TRIMESTRE 2024</b>	39
<b>GRÁFICO 2- PERCENTUAL DESOCUPADOS POR SEXO NO BRASIL NO 1º TRIMESTRE 2024</b>	40
<b>GRÁFICO 3-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- GRAU DE ESCOLARIDADE DOS CATADORES</b>	85
<b>GRÁFICO 4- ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- TIPO DE RESIDÊNCIA DOS CATADORES</b>	88
<b>GRÁFICO 5-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- TRANSPORTE FEITO PELOS CATADORES</b>	89
<b>GRÁFICO 6- ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- RISCOS RECONHECIDOS NO TRABALHO</b>	103

## QUADROS

<b>QUADRO 1-OS DIFERENTES MODOS DO TRABALHO</b>	26
<b>QUADRO 2- NÚMERO DE MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS (MEIS) EM 2021</b>	64
<b>QUADRO 3-RESÍDUOS RECUPERADOS NO ESTADO DE MINAS GERAIS EM 2024 PELAS ORGANIZAÇÕES.</b>	67
<b>QUADRO 4-: ESPECIFICAÇÕES DE MATERIAIS QUE PODEM E QUE NÃO PODEM SER RECICLADOS</b>	75
<b>QUADRO 5- RELAÇÃO DE NOMES FICTÍCIOS E O TEMPO DE TRABALHO COMO CATADOR(A)</b>	78
<b>QUADRO 6-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- EMPREGO ANTERIOR DOS CATADORES</b>	86

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>CIISC</b>	Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis
<b>CLT</b>	Consolidação das Leis do Trabalho
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro Geografia e Estatística
<b>MNCR</b>	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
<b>NBR</b>	Norma Brasileira
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio Contínua
<b>PNRS</b>	Política Nacional de Resíduos Sólidos
<b>OIT</b>	Organização Internacional do Trabalho
<b>SISNAMA</b>	Sistema Nacional do Meio Ambiente
<b>SNVS</b>	Sistema Nacional de Vigilância Sanitária
<b>SUASA</b>	Sistema Unificado de Atenção à Sanidade

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1. TRABALHO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES</b>	<b>19</b>
1.1 Definição de trabalho	19
1.2 Evolução Histórica do trabalho	25
1.3 O trabalho frente ao sistema capitalista	33
1.4 Divisão social no trabalho	41
1.5 O trabalho e a Questão social	45
<b>2. O TRABALHO INFORMAL: metamorfoses no mundo do trabalho</b>	<b>52</b>
2.1 Novas formas de organização do Trabalho	52
2.2 O trabalho informal e sua diversidade	57
2.3 Catadores de reciclagem no Brasil	62
2.4 Importância da atividade de catadores na reciclagem	68
2.5 Políticas públicas e iniciativas de apoio aos catadores de reciclagem	71
<b>3. O TRABALHO INFORMAL DOS CATADORES DE RECICLÁVEIS EM ITUIUTABA-MG</b>	<b>77</b>
3.1 Os catadores de recicláveis do setor sul	77
3.2 Cotidiano de vida e trabalho	84
3.3 O trabalho da separação dos recicláveis até destinação final	90
3.4 Condições de trabalho dos catadores	96
3.5 Desafios enfrentados pelos catadores de reciclagem	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO</b>	<b>119</b>

## INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho vem se apresentando cada vez mais rígido frente à reestruturação produtiva do capital e consequentemente se tem uma maior exigência de mão de obra qualificada, assim o capital visa cada vez mais à expansão de lucros, tendo como principal fonte a exploração da força de trabalho, sem limites para o seu crescimento. O mais importante é estar com lucros acima do estabelecido, lucros esses obtidos na maioria dos casos por uma exploração desordenada da classe trabalhadora.

O capitalismo então resulta da necessidade de um exército de reserva de mão de obra, o que significa que uma parcela da população sempre será mantida em condições precárias de trabalho, enquanto o capital se reproduz com margens de lucros cada vez maiores. Essa classe trabalhadora, muitas vezes não possui a oportunidade de estar se qualificando para esse mercado de trabalho que vem se modernizando e vem passando por grandes transformações oriundas das inovações tecnológicas.

Algumas formas de resistência e/ou sobrevivência vão surgindo em meio aos mecanismos impostos pelo capital. A partir do desemprego estrutural gerado pelo capitalismo em sua fase atual, aumenta-se a exploração para com esses trabalhadores.

Nesta pesquisa nos interessa também analisar a organização dos trabalhadores de reciclagem, isso porque tal segmento agrupa vários agentes definidos em um circuito de cadeia produtiva, neste sentido, entra aqui o sujeito desta pesquisa, o catador de recicláveis, que trabalha informalmente, porém caracterizado como uma classe que precisa se sobressair para sobreviver. Aponta-se a importância de se reconsiderar o significado deste tipo de trabalho para a sociedade, percebendo que desempenham relevante papel na cadeia produtiva, visto que contribuem com uma nova forma de destinação para a maioria dos resíduos sólidos.

Busca-se também a compreensão da forma de organização destes trabalhadores informais, as suas rotinas diárias, seu modo de trabalho e como são as suas condições frente a essas atividades de catação e separação desses resíduos para os materiais recicláveis.

Mas precisa-se entender primeiramente o que vem a ser esses resíduos, conforme a Ecycle é denominado como resíduos:

Resíduos sólidos são formados por tudo aquilo que sobra de determinado produto, seja a embalagem, casca ou outra parte do processo, que pode ser reutilizado ou reciclado. Para isso, os materiais precisam ser separados de acordo com a sua composição. Em outras palavras, os resíduos ainda possuem algum valor econômico que pode ser aproveitado pelas indústrias, por cooperativas de catadores e outros componentes da cadeia produtiva. Os resíduos sólidos são gerados a partir de atividades de origem industrial, doméstica, agrícola, de serviços de saúde, de estabelecimentos comerciais e de varrição. (Ecycle, 2024)

Assim os resíduos sólidos que são coletados no país são bem diversificados, incluindo restos de comidas, papel, plásticos, vidros, eletrônicos, dentre outros que mesmo sendo descartados, muitas vezes possuem algum tipo de valor econômico e não prejudicam o meio ambiente, quando destinados corretamente.

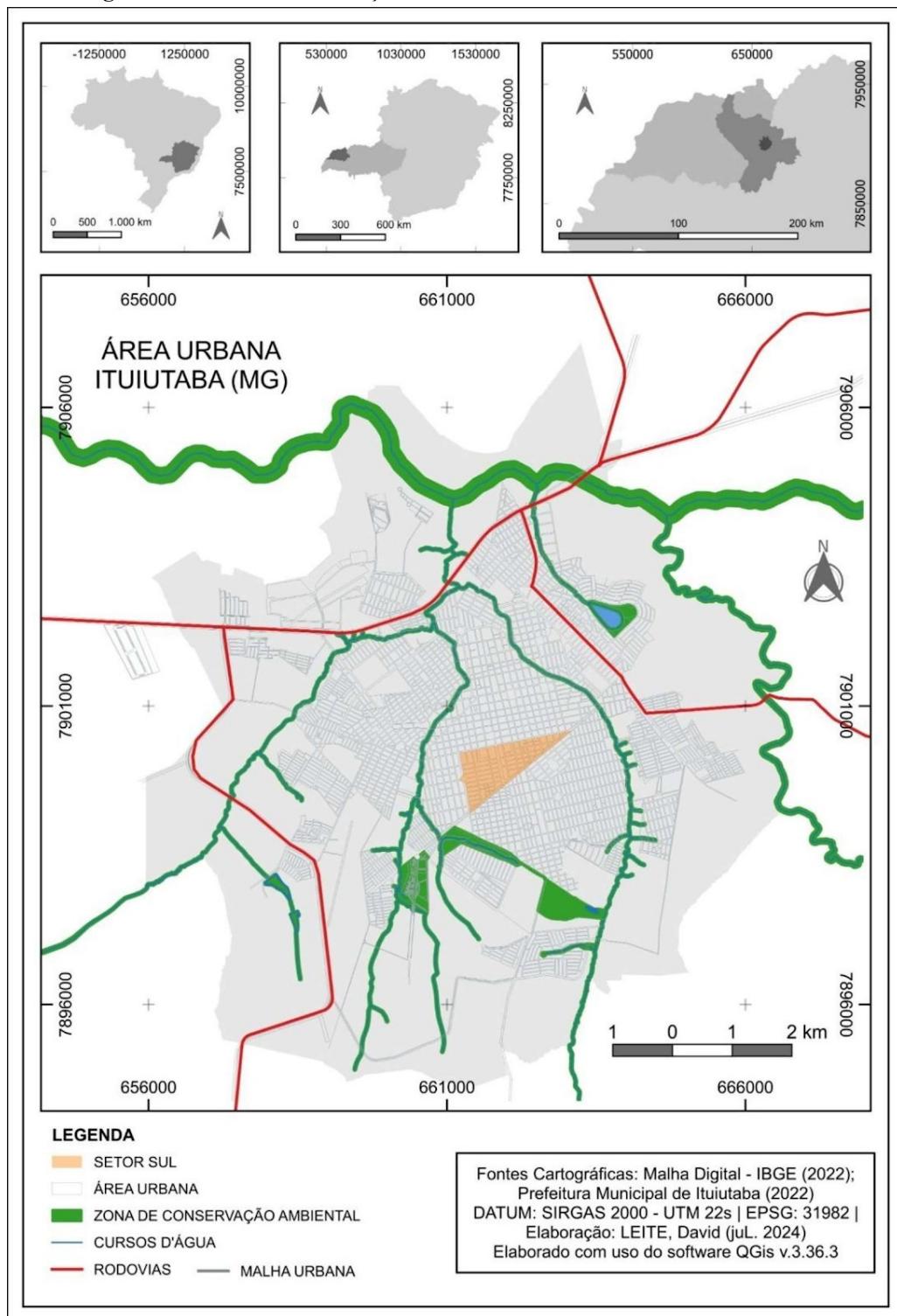
O trabalho informal do catador que faz parte dessa cadeia produtiva representa uma alternativa de renda para muitas pessoas que não têm acesso a outras oportunidades, porém também traz consigo diversos desafios e riscos.

Considera-se a partir desse desdobramento que o trabalho informal de catadores de recicláveis se constitui em uma realidade em muitos lugares do mundo, sobretudo nos países em desenvolvimento. Esses trabalhadores são muitas vezes excluídos do mercado formal de trabalho, sem acesso a direitos e garantias trabalhistas.

Portanto, a escolha da temática acaba resultando em contribuições positivas na área de pesquisas sobre a Geografia do Trabalho, tendo uma relevância tanto acadêmica como socialmente, devido a fatores que envolvem a inclusão social, apresentando um tipo de trabalho que merece respeito e admiração e ao mesmo tempo a busca por melhorias dignas e valorização desses trabalhadores informais.

De maneira geral, a pesquisa apresenta a discussão sobre o trabalho informal e a lógica do capital a partir dos catadores de materiais recicláveis presentes no setor Sul da cidade de Ituiutaba-MG, conforme o (mapa 1)

**Figura 1- MAPA -LOCALIZAÇÃO DA ÁREA URBANA DE ITUIUTABA-MG**



**Fonte:** LEITE, David, 2024

Ao analisar o mapa que menciona o setor Sul é um dos 80 bairros presentes na cidade de Ituiutaba- MG, com a ajuda do Guia e Mapas do Brasil, temos que este setor

contém 31 ruas e vias, além de uma grande cadeia de comércio e serviços em geral. Assim a pesquisa tem como delimitação territorial de análise essa distribuição espacial, resultando na organização destes catadores dessa área da cidade de Ituiutaba, compreendendo melhor como esse trabalho se distribui e se concentra nesse setor Sul. Demonstrando a área de maior concentração que os catadores estão presentes, além de revelar a dinâmica entre o desenvolvimento urbano e as atividades informais do setor Sul com a dependência da economia local da coleta de recicláveis.

A escolha pelo Setor Sul, se deu devido ao mesmo oferecer um maior ambiente empírico sobre a temática, visto que este concentra características específicas do trabalho informal dos catadores e a precarização em que estão inseridos, o que chamou a atenção da pesquisadora.

Sendo assim, acredita-se que o setor Sul de Ituiutaba-MG, pode ter uma dinâmica única de geração e descarte de resíduos, estrutura urbana e população, que impacta a atuação dos catadores de materiais recicláveis devido a informalidade e precariedade.

Dessa forma, buscamos compreender as formas de organização desses trabalhadores. A perspectiva da pesquisa é analisar o trabalho informal, explorando a trajetória de vida e trabalho dos catadores envolvidos no processo de reciclagem de materiais descartáveis. Nossa objetivo é entender as razões pelas quais eles optam pela informalidade, ou são levados a essa condição, e investigar as suas condições de trabalho nesse contexto.

Logo, pode se construir a questão problema que norteará a pesquisa: Quais são os motivos que impulsionam ao trabalho de reciclagem? Assim, a pesquisa traz como objetivo geral o de compreender o trabalho informal pelos catadores de materiais recicláveis no setor Sul em Ituiutaba-MG, com enfoque nas desigualdades sociais e precarização dos trabalhadores.

E como objetivos específicos nos propomos a: (1) analisar as condições de trabalho informal desses catadores; (2) observar as questões de vulnerabilidade social e da saúde dos mesmos; (3) identificar o motivo pelos quais esses trabalhadores se encontram nessa prática e por fim (4) traçar o perfil socioeconômico desses catadores.

Para alcançar os objetivos propostos, algumas estratégias foram pensadas para o desenvolvimento do projeto, visto que a pesquisa se caracteriza de forma qualitativa. Os procedimentos metodológicos a serem utilizados foram inicialmente levantamentos bibliográficos com vários autores, mas tendo como principais referências os seguintes pesquisadores: Antunes (1999), Harvey (2011), Thomaz Junior (2004), Gonçalves (2006); autores esses que trabalham e influenciam através de suas obras a compreensão sobre a temática.

Para representar a classe dos trabalhadores informais definidos como o participante principal da pesquisa, considerou-se características como escolaridade, qualificação, como se sentem frente ao seu trabalho, se possuir bens materiais, se suas rendas são suficientes, tendo uma junção de necessidades que possam contribuir para a organização de um roteiro de entrevistas, conforme Bardin (2011, p.137) define como um instrumento de indução para investigarem as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores, referências) auxiliando desta forma na análise de conteúdo e interagindo melhor com os sujeitos da pesquisa.

Este instrumento de indução possibilitou uma maior aproximação com os catadores de recicláveis (maiores de 18 anos) atingindo 20 trabalhadores como público-alvo, presentes no espaço destinado para os processos de reciclagem, que estão localizados no setor Sul na cidade de Ituiutaba-MG, de forma a facilitar o relato de experiências, suas trajetórias de vida, condições de trabalho, auxiliando no levantamento do perfil de cada catador.

Em um segundo momento, gravou-se as entrevistas e posteriormente foram transcritas, sem riscos de erros ou distorções nas falas, contando também com a ajuda de formulários e anotações em rascunhos que puderam auxiliar em um maior detalhamento dela.

A coleta de dados ocorreu através de entrevistas baseadas em um roteiro, sendo cuidadosamente elaboradas e aprovadas pelo Comitê de ética, para não ter possíveis erros ou constrangimentos com os entrevistados. Essas entrevistas foram realizadas diretamente no local de trabalho dos catadores enquanto estavam executando suas atividades.

As entrevistas foram realizadas ao longo de uma semana, devido a participação de 20 catadores, que não dispunham de tempo integral para responder às perguntas. Por isso, os encontros aconteceram de acordo com a disponibilidade de cada um, muitas vezes durante o trabalho ou em momentos breves que conseguiam dedicar. Para facilitar esse processo, foram oferecidos lanches, aproveitando os intervalos para a alimentação como oportunidades para conduzir as entrevistas. Apesar do tempo prolongado para a conclusão de todas as conversas, a experiência foi bastante produtiva e marcou o trabalho de campo, permitindo uma aproximação significativa com os participantes.

Paralelamente à realização das entrevistas, foi possível aprofundar o trabalho de campo de forma mais detalhada. À medida que os catadores relataram suas rotinas, observou-se diretamente os locais de trabalho, a forma como se organizavam e as condições em que atuavam. Aproveitou-se também para registrar imagens dos resíduos acumulados, o que permitiu vivenciar parte da realidade enfrentada por esses trabalhadores. Foi possível perceber o forte odor causado pelos resíduos, observar o desgaste físico, como as mãos calejadas e sujas, além da presença constante de insetos, como mosquitos e moscas. Dessa forma, a pesquisadora pode sentir, de forma concreta, a vulnerabilidade a que esses profissionais estão expostos diariamente.

O objetivo principal da pesquisa é compreender o exercício do trabalho informal desses profissionais. Desta maneira para compreender plenamente as relações do capitalismo em conjunção com as formas de trabalho informais e precarizadas na sociedade, a estrutura deste trabalho é composta, além da introdução por três seções.

Na primeira seção, será abordado o conceito de trabalho, incluindo suas definições fundamentais, fornecendo uma breve contextualização, desde sua evolução ao longo da história, sua relação com o capitalismo, a divisão social do trabalho, até seu impacto na desigualdade social.

Em seguida, na segunda seção, concentraremos nosso foco no trabalho informal, com ênfase nos catadores de recicláveis de forma geral, discutindo as novas formas de organização do Trabalho, bem como a sua diversidade, adentrando nos catadores de recicláveis presente no Brasil e também apresentando a importância da atividade desses catadores na reciclagem, bem como políticas públicas e iniciativas de apoio existentes aos catadores de reciclagem.

A terceira seção entra na fase dos resultados da pesquisa realizada, abordando o principal foco da pesquisa e oferece uma contextualização detalhada sobre o trabalho informal dos catadores do setor sul em Ituiutaba-MG, apresentando os cotidiano de vida e trabalho, suas condições e desafios enfrentados e como se procede o trabalho dos recicláveis até destinação final. Este capítulo é seguido pelas considerações e referências.

## 1. TRABALHO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

### 1.1 Definição de trabalho

Na perspectiva de Marx (1993), o trabalho vem para atender as necessidades do homem, a partir da capacidade de transformar a natureza, uma dialética de dupla transformação, com a finalidade de suprir todas essas necessidades, ocasionando o processo de humanização do homem. Conforme a concepção de Marx, o trabalho é a relação do homem com a natureza, visto que a partir do processo de transformação de propriedades naturais, origina-se um novo homem a partir do trabalho.

Na concepção de Ferreira (2020, p.8) essa relação é instável. O autor ressalta: “Para isso, utiliza-se do pensamento para alcançar meios de materializar o trabalho através de ferramentas e instrumentos, essa dinâmica entre a natureza e o humano é instável, e continua em constante transformação”. Ou seja, essa interação entre homem e natureza acaba se tornando dinâmica, pois tanto as necessidades humanas, quanto a natureza, sempre estão em constantes mudanças, o que resulta na adaptação de ambos, por meio do trabalho.

Defronta-se com a natureza como uma de suas forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica a sua própria vida. (Marx, 2013, p. 202)

O autor afirma que quando o homem usa seus recursos corporais como braços e pernas para uma ação que possa satisfazer as suas necessidades, ele acaba modificando a natureza, natureza esta que oferece os recursos que serão disponibilizados para o próprio homem, como um alimento, um abrigo, se transformando como um objeto de trabalho.

Assim, ainda conforme Ferreira (2020 p.8): “No primeiro contato entre o homem e a natureza preservar a condição pura de trabalho, a sua matéria mais natural”. Mesmo sendo uma “condição pura de trabalho” acaba resultando em uma transformação mútua, pois ao modificar a natureza o homem aleatoriamente acaba por se modificar também, devido a essa autotransformação acaba desenvolvendo novos conhecimentos e habilidades, mudando sua própria vida, o trabalho assim não se torna apenas um meio de sobrevivência, mas também desenvolve uma transformação pessoal, resultando no trabalho como sendo central na vida do homem.

Na concepção marxista, a força de trabalho no sistema capitalista é reconhecida como uma mercadoria. Isso ocorre devido à exploração do trabalho, significando que essa força pode ser comprada e vendida. Nesse contexto, o trabalhador desempenha suas atividades laborais e, em troca de sua sobrevivência, vende sua força de trabalho ao empregador em troca de um salário. Dessa forma, ele se insere na lógica do sistema capitalista, como será abordado no subitem 2.3 desta seção.

O conceito de Trabalho para Thomaz Jr (2011 p.2) também pode ser definido como “[...] forma de duplo nível articulado de existência, o metabolismo homem-meio e a regulação sociedade/espaço [...]”. Voltamos então no mesmo pensamento de Marx, onde a sociedade está ligada à natureza, o ser humano necessita do meio para obter os recursos necessários para a sua sobrevivência, esse metabolismo acaba sendo essa ligação de ambos.

Thomaz Jr. (2011 p.11) ainda ressalta que “Ontologicamente prisioneiro da sociedade, o trabalho, em todas as suas dimensões, é a base fundante do autodesenvolvimento da vida material e espiritual”. Ou seja, o trabalho é considerado na vida material como algo que possa suprir as necessidades do homem e ao mesmo tempo espiritual com o propósito de uma vida cheia de sentidos e ao mesmo tempo emancipadora.

No trabalho e nas formas mais complexificadas da atividade humana que o ser exercita uma interação entre causalidade e teleologia, sendo que a causalidade é o próprio movimento do real, é o existente. São as formas de concretude material, ou a materialidade fundante. Assim, baseamos nossas reflexões na compreensão do trabalho como elemento fundante do ser social, o que se traduz em superar o aparente dilema que se interpôs entre a centralidade ontológica do trabalho e a irredutibilidade do ser social ao trabalho [...] (Thomaz Jr, 2009. p.111)

Entende-se que a causalidade oferece ao homem a condição do mundo material, e na ontologia temos a ação do homem de transformar, guiando-se como por um propósito. Desta maneira, o trabalho transforma a realidade.

Analizando os dois autores com suas concepções, comprehende-se que o trabalho desempenha um papel fundamental em vários âmbitos da vida do homem, da mesma forma que Ferraz e Fernandes questiona se seria verdadeira essa prioridade ontológica:

Ou, mais do que isso, pode manipular e produzir outros objetos que, por si só, não seriam produzidos, afinal, uma árvore não se torna uma canoa por ela mesma, mas são suas características que permitem que a humanidade a

transforme. Nesse sentido, afirma-se a natureza como prioridade ontológica em relação à existência da humanidade, e sua recíproca não é verdadeira. (Ferraz; Fernandes, 2019, p. 6)

As autoras questionam esta reciprocidade existente entre natureza e o homem, visto que o homem necessita da natureza para estar suprindo suas necessidades, precisa dos recursos da natureza para seus objetivos, como exemplo citam a canoa, no entanto a natureza não precisa do homem para existir, logo conclui-se que, sem a natureza, o ser humano não poderia existir, já que tudo o que ele utiliza provém da natureza.

Do mesmo modo que Thomaz Jr., segue o raciocínio a priori, para Franco; Ferraz (2019 p.2) o trabalho “[..] enquanto categoria ontológica, é aquilo que difere os seres humanos dos demais animais, sendo o elemento determinante e dialeticamente determinado dos diversos aspectos da vida social, logo se apresenta como umas das concepções de ser uma necessidade vital, definindo múltiplas possibilidades:

O trabalho, como atividade vital que assegura a satisfação das necessidades de produção e reprodução de qualquer agrupamento humano, é uma prática universal é uma realização social que define múltiplos condicionamentos e possibilidades. Sua concretude, materializada distintamente em cada contexto histórico, pode se configurar em relações sociais marcadas, por um lado, pelos efeitos de poder, pela dominação e pela exploração, possuindo valorações simbólicas negativas e formando uma complexa trama de fios contraditorialmente urdidos. Por outro lado, pode expressar coesão, consentimento e prazer com a criação de uma obra coletiva, com vistas à superação dos limites impostos pela natureza. (Cattani & Holzmann 2011 p.7)

Associando os autores também com a concepção do autodesenvolvimento da vida espiritual enfatizada por Thomaz Jr, comprehende-se que a partir dos limites impostos pela natureza, o trabalho se torna gratificante e prazeroso, superando os desafios naturais. As autoras Ferraz; Fernandes (2019 p.6) definem trabalho como universal, uma reciprocidade, pois ao se alterar a natureza, pode por consequência estar alterando a si mesmo: a inter-relação entre ser humano e natureza, na qual o primeiro elemento, de forma intencional, modifica o segundo, visando satisfazer suas necessidades, momento em que ocorre o gasto de energia físico-psíquica.

Desta maneira, as autoras trazem a ideia de que o trabalho não altera somente a natureza, mas também o próprio homem ao interagir com o mundo, resultando então como uma atividade recíproca. Logo, o trabalho é a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem” (ENGELS, 1999, p. 4).

Ainda pensando na concepção ontológica de Thomaz Jr traz que:

Assim, baseamos nossas reflexões na compreensão do trabalho como elemento fundante do ser social, o que se traduz em superar o aparente dilema que se interpôs entre a centralidade ontológica do trabalho e a irreduzibilidade do ser social ao trabalho. Mais ainda, é fundamental distinguir a função ontológica fundante do trabalho e a centralidade política do trabalho (do proletariado), ou sua constituição em classe revolucionária, ou ainda a classe portadora do mandato histórico revolucionário (Thomaz Jr, 2009. p.176)

O autor também define o trabalho como centralidade ontológica, ou seja, como fundamental na existência do homem, entretanto ele aponta uma diferença em se tratando na política de classes, aparecendo no contexto o proletariado que traz uma revolução para a sociedade devido ao seu poder de transformação social.

Por fim Ribeiro e Leda (2007) retratam que o trabalho não pode ser pensado como natural ou histórico:

A categoria trabalho não pode ser pensada como natural ou histórica. O trabalho impregnado de toda uma subjetividade, inserido em um contexto econômico/ político/ social com tantas diversidades, leva os indivíduos a terem vivências bastante distintas. Ao longo dos tempos, identifica-se duas visões contraditórias do trabalho que convivem nos mesmos espaços, e por vezes, um mesmo indivíduo revela sentimentos ambíguos em relação a sua vida profissional. (Ribeiro; Leda, 2007. p.76)

Essa ideia de que não se pode pensar em trabalho como natural ou histórico, representa uma subjetividade que pode variar conforme as condições e a época do qual ele foi retratado dentro da sociedade. Ao mesmo tempo, o trabalho é visto pelo homem de forma ambígua, ora sendo uma forma de sustento e já outra, como desgastante e insatisfatório.

Seguindo a concepção de Ricardo Antunes, este autor ressalta essa relação de produção da classe que vive do trabalho, tendo como significado o vínculo presente entre os trabalhadores e o sistema produtivo do capital, tal conceito também está relacionado com a teoria marxista.

E ainda Antunes (2009, p.136), ao relacionar trabalho ao sistema capitalista, o autor retrata como não sendo definido somente como gratificante e fundamental para o ser social “[...] O trabalho, portanto, é a forma fundamental, mais simples e elementar daqueles complexos cuja interação dinâmica constitui-se na especificidade do ser social. [...]”.

Porém, analisando-o por outro lado, tornando-o alienado e aprisionado acaba se transformando em um trabalho unilateral, resultando em um trabalho aprisionado e limitado, resultando em um trabalho ruim, em vez de se sentir realizado profissionalmente.

Mas, quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho, como muitas vezes ocorre no mundo capitalista e em sua sociedade do trabalho abstrato, ela se converte em um mundo penoso, alienante, aprisionado e unilateralidade. É aqui que emerge uma constatação central: se por um lado necessitamos do trabalho humano e de seu potencial emancipador e transformador, por outro devemos recusar o trabalho que explora, aliena e infelicitá o ser social, tal como o conhecemos sob a vigência e o comando do trabalho abstrato. (Antunes, 2018, p.31)

O autor ressalta que o trabalho tem a habilidade de emancipação e transformação do homem, sendo uma fonte de autonomia e independência, amparando a vida material, pessoal e ainda social, contribuindo desta forma para o desenvolvimento pessoal, quando realizado de forma justa.

Desta forma é fundamental a promoção de um trabalho que sempre vise a equidade e que resista as formas que acabam explorando, submetendo desta maneira os trabalhadores a questões desumanas, com salários baixos, jornadas excessivas e falta de direitos.

Antunes então denomina os trabalhadores, que antes eram tratados como proletários, como a classe-que-vive-do-trabalho que acaba sendo constituído por todos esses trabalhadores e trabalhadoras que vendem a força de trabalho na atual fase do modo capitalista de produção, após a reestruturação produtiva, sendo cobrado dos mesmos um aumento da produtividade e consequentemente se reverte em um aprendizado coletivo nessa cadeia, surgindo novas formas de trabalho.

Desta maneira Coutinho (2009), vem para reforçar que o termo trabalho se refere à atividade humana, se distinguindo das práticas animais, por ser considerado de forma flexível e consciente, cuja pode ser tanto individual como também coletiva, de modo social e ao mesmo tempo complexo e dinâmico.

Pensar sobre o trabalho hoje é também assumir uma postura teórica sobre a sociedade atual. A opção pela categoria contemporaneidade supõe a compreensão das mudanças expressivas por que passam as sociedades capitalistas ocidentais, desde as últimas décadas do século XX, mas se opõe à ideia de ruptura com a sociedade moderna do século passado. Assim, pode-se pensar em transformações e continuidade [...] (COUTINHO, 2009 p.191)

Isso significa que o trabalho ao ser analisado na sociedade contemporânea, implica na compreensão das transformações oriundas do capitalismo, relacionando-as com o mundo atual, com os avanços tecnológicos e consequentemente as mudanças nos meios trabalhistas, porém as desigualdades continuam as mesmas, ou ainda piores.

O trabalho nesta pesquisa representa uma categoria importante dentro da sociedade. A sociedade em questão é a comunidade local de Ituiutaba-MG, que abrange tanto os moradores quanto às empresas e órgãos públicos que produzem resíduos e dependem, direta ou indiretamente, dos serviços prestados pelos catadores com suas transformações e tentar compreender os seus sentidos acaba se tornando bem mais complexo do que o esperado. Ainda conceitualizando o trabalho pode ser compreendido sobre duas dimensões:

[...] se não existe diferença em relação ao objeto, é na ação do sujeito que as atenções se voltam. Isto é, em sua expressão geográfica o trabalho pode ser entendido tanto em nível da relação metabólica homem-meio, quanto na dimensão da regulação sociedade-espacó, nas suas diferentes manifestações (assalariado, autônomo, informal, domiciliar, terceirizado etc.). (Thomaz Jr. 2011 p.1)

Conforme apresentado pelo autor e com base nos diferentes modos de trabalho, o trabalho é entendido aqui como um fenômeno complexo, sempre ligado à interação entre o ser humano e seu ambiente, e a relação da sociedade com o espaço. Isso permite que o trabalho se manifeste de diversas formas, dependendo das necessidades, preferências, habilidades e oportunidades dos indivíduos. Em essência, o trabalho é resultado da combinação de múltiplos fatores, o que contribui para a diversidade de suas formas e manifestações.

Mas, para o mundo da Geografia, como pode ser entendido essa concepção do trabalho?

[...] o trabalho sob o enfoque geográfico, é compreendido por nós, pois, como expressão de uma relação metabólica entre o ser social e a natureza, sendo que nesse seu ir sendo ou em seu vir a ser está inscrita a intenção ontologicamente ligada ao processo de humanização do homem. A dupla linha de ação entre a ideação, a previsibilidade (a finalidade), enfim a teleologia (inexistente na natureza), e a materialidade fundante (causalidade), formam uma conexão interativa que solda a práxis ontológica do trabalho diante do agir societal. (Thomaz Jr. 2011, p. 4)

Em suma, o trabalho na concepção geográfica, mais uma vez não é denominado somente como uma atividade econômica, e sim através da ação humana sobre a natural,

ressaltando como Thomaz Jr apresenta a relação metabólica do ser social e a natureza, transformando assim a sociedade.

Como já foi descrito no texto, o trabalho acaba exercendo um papel de transformação na natureza através do homem, representando uma troca, cujo homem modifica o seu meio, e ao realizar essas atividades, o homem acaba desenvolvendo suas capacidades, se tornando um ser consciente, assim o trabalho passa a proporcionar uma teologia, direcionando para os devidos objetos do homem, concretizando desta forma a sua realidade com o material idealizado.

## 1.2 Evolução Histórica do trabalho

A história do trabalho remonta a tempos remotos, mas foi a partir do século XVIII, com a Revolução Industrial, que ganhou maior contextualização. Nesse período, ocorreram importantes avanços, como o surgimento dos movimentos sindicalistas e a conquista de direitos trabalhistas, marcando o início de uma evolução significativa em favor do trabalhador.

Para compreender historicamente a evolução do trabalho, é importante começar com uma perspectiva da Antiguidade. Aristóteles argumentava que as atividades laborais não eram compatíveis com uma vida plena e virtuosa, sendo consideradas indignas. Essa visão se refletia nas práticas escravistas da época, onde os escravizados eram desprovidos de quaisquer direitos e submetidos a condições desumanas.

Desde os primórdios, o trabalho era visto como uma forma de castigo, sendo indispensável para a sobrevivência humana. O homem precisava realizar esse "castigo" para garantir sua alimentação e abrigo. Nesse contexto, Martins (2007) destaca que a palavra "trabalho" possui várias definições e formas (Quadro 1), mas enfatiza a principal como a realização de atividades de maneira exaustiva.

### QUADRO 1-OS DIFERENTES MODOS DO TRABALHO

<b>Trabalho primitivo</b>	Surgiu nas comunidades primitivas com o desenvolvimento das primeiras ferramentas, construídas de ossos, pedras e madeira.
<b>Trabalho escravo</b>	Os serviços manuais exaustivos eram dados aos escravos, por ser considerado desonroso para os homens livres.
<b>Trabalho Feudal</b>	A escravização começou a perder força e a servidão ocupou esse lugar. O servo possui algumas obrigações para com o seu senhor, tais como proteção militar e a realização de trabalhos em suas propriedades
<b>Trabalho capitalista</b>	Os proletários não eram detentores dos meios de produção, trabalhavam a salários baixos, não possuíam direitos trabalhistas, realizavam longas jornadas de trabalho e viviam em condições precárias.
<b>Trabalho socialista</b>	O trabalho, dentro do modelo socialista, busca a quebra da luta de classes e a dominação das indústrias pela classe burguesa. Essas deveriam ser comandadas pelo proletariado.

**Fonte:** site toda matéria. Org. VILELA.L. S

Em síntese, o quadro retrata os diferentes modelos de trabalho, destacando as relações de produção e sua evolução ao longo do tempo. Desde a era primitiva, o trabalho emergiu com o desenvolvimento das primeiras ferramentas feitas de ossos e madeira, estando diretamente associado ao aproveitamento dos recursos naturais, como a agricultura.

Conforme Freud apresenta a descoberta do homem primitivo sobre o trabalho:

Após o homem primitivo descobrir que estava em suas mãos – literalmente – melhorar sua sorte na Terra mediante o trabalho, não podia lhe ser indiferente o fato de alguém trabalhar com ele ou contra ele. O outro indivíduo adquiriu a seus olhos o valor de um colaborador, com o qual era útil viver. (Freud, 2016, p. 43).

O autor destaca a evolução das relações humanas, evidenciando como a terra supria as necessidades de sobrevivência por meio da caça, pesca e agricultura. Com o trabalho coletivo, havia uma divisão de tarefas: os homens podiam plantar enquanto as mulheres colhiam, ou as mulheres plantavam e os homens se dedicavam à caça, promovendo a interação entre os indivíduos e com o meio em que viviam.

Além disso, Oliveira (2006) aponta que, nesse período, surgiram as trocas de excedentes, como o milho produzido em maior quantidade sendo trocado por trigo com os vizinhos. O autor também ressalta que, gradualmente, os alimentos começaram a ser trocados por moedas, marcando o início da acumulação de riquezas a partir da produção agrícola e iniciando a comercialização.

Em sequência temos a abordagem sobre o trabalho escravo, forma predominante de organização laboral em sociedades antigas, marcado por características como exploração, penosidade e desonra. Segundo Martins (2007), o trabalho escravo não deve ser confundido com o "modo de produção primitivo", pois este último era baseado na colaboração comunitária e na ausência de exploração de um indivíduo pelo outro. Em contraste, o trabalho escravo surge como uma forma estruturada de exploração humana, desempenhando um papel central na economia e sociedade das civilizações antigas.

A definição de trabalho escravo segundo o artigo 149 do Código Penal brasileiro como:

São elementos que caracterizam o trabalho análogo ao de escravo: condições degradantes de trabalho (incompatíveis com a dignidade humana, caracterizadas pela violação de direitos fundamentais que coloquem em risco a saúde e a vida do trabalhador), jornada exaustiva (em que o trabalhador é submetido a esforço excessivo ou sobrecarga de trabalho que acarreta a danos à sua saúde ou risco de vida), trabalho forçado (manter a pessoa no serviço através de fraudes, isolamento geográfico, ameaças e violências físicas e psicológicas) e servidão por dívida (fazer o trabalhador contrair ilegalmente um débito e prendê-lo a ele). Os elementos podem vir juntos ou isoladamente.

O trabalho era visto como a desumanização dos escravos, tratados como coisas ou mercadorias no sistema escravocrata. Segundo Nascimento e Nascimento (2015), os escravos não tinham reconhecimento enquanto sujeitos de direitos, apesar de

contribuírem com seu trabalho para a riqueza e conforto de seus senhores. Essa visão reforça a ideia de que, nesse contexto, os escravizados eram reduzidos a uma condição de subumanidade, tratados exclusivamente como instrumentos de produção, sem consideração por sua dignidade ou individualidade.

Veschi (2019) enfatiza que a origem da palavra trabalhar é denominada no latim vulgar *tripaliare* interpretado como torturar, tendo raiz no latim tardio *tripalium*, em referência a um artefato de tortura usado pelos antigos romanos para castigar os réus ou condenados. Consequentemente, não era tratado como algo bom e sim de maneira, difícil e árduo e sendo assemelhado aos escravos.

Ele, o trabalho, competia aos escravos. Era realizado sob um poder baseado na força e na coerção, de modo que o senhor dos escravos detinha o direito sobre a vida destes últimos. Essa organização de valores era possível em razão da extrema concentração de riquezas, da submissão dos povos dos territórios conquistados e da legitimação da escravidão. (Borges; Yamamoto, 2014, p.4)

Percebe-se com a concepção dos autores, que o trabalho era baseado em uma sociedade escravista, sendo tratado com violência, como uma forma onde os trabalhadores eram submissos, de uma forma desigual e autoritária, o trabalho vinha da força desses homens que não recebiam por aqui e não tinham direitos a nada, sendo um sistema hierárquico, pois os senhores dos escravos tinham poder absoluto sobre eles, esse modelo de trabalho marcou a nossa história.

Ainda sem tratando da Grécia antiga Vernant (1989) ainda traz que:

Uma primeira observação de vocabulário, o grego não tem um termo correspondente a “trabalho”. Uma palavra como *πονος* aplica-se a todas as atividades que exijam um esforço penoso e não só as tarefas produtivas com valores socialmente úteis. No mito de Héracles, o herói tem de optar por uma vida de prazer e preguiça e uma vida voltada ao *πονος*. (Vernant, 1989, p.10)

Como se observa, na Grécia antiga não se tinha uma palavra específica que denominava o trabalho, dando uma ideia de produtividade, como é visto hoje, conforme Vernant apresenta que o trabalho era simplesmente visto como algo que exigisse esforço e sofrimento, não existindo um valor que seria socialmente necessário para o homem, como produtivo e econômico, mas existia opções entre ser preguiçoso, viver no prazer ou escolher uma vida penosa, ou seja, era entendido como algo de superação e heroísmo.

O trabalho era realizado a partir de condições extremas e submissões, acumulando grandes riquezas através do trabalho forçado, além de estar transformando a paisagem. Entretanto, os autores pressupõem que essas atividades escravizadas não eram compreendidas como trabalho, “[...] entendia a escravidão como um fenômeno natural, pois sustentava que havia pessoas destinadas a fazer uso exclusivo da força corporal e deveriam satisfazer suas necessidades no âmbito restrito das atividades manuais.” (BORGES; YAMAMOTO, p. 4)

A escravidão era tratada como natural, onde os indivíduos escravizados eram destinados a estarem ali, como escravos e servindo os seus superiores, reforçando a ideia de uma hierarquia que mantinha a ordem social, obrigando os escravos a dar toda a sua força sem nenhum tipo de questionamentos, dando autonomia assim para a exploração e desigualdades.

O trabalho escravo foi substituído pelo trabalho feudal, deixando os escravos e entrando os servos na história do trabalho com o surgimento do sistema feudal, com as seguintes características, de acordo com o conteúdo do site *Toda Matéria*:

- Era essencialmente rural, baseado no feudo (terras).
- Predominava o trabalho servil.
- Os servos eram obrigados a prestar serviços e pagar tributos aos senhores feudais.
- A economia feudal era agrária e de subsistência.
- Os feudos eram auto suficientes, produzindo para consumo interno.

Logo no trabalho capitalista os trabalhadores vendem sua força de trabalho em troca de salários, que por muita das vezes são baixos, mesmo trabalhando por horas a mais e de forma exploratória, acabam em condições precárias. Assim, Estenssoro (2013.p.13) ressalta que “Isto porque a acumulação do capital se associa com a exploração, a qual deve ser socialmente estruturada e reproduzida”.

Assim o trabalho frente ao sistema capitalista reflete a um movimento onde a máquina é quem comanda o ritmo de trabalho e não mais o homem; amplificando um

processo do qual remete em todo o mundo, transformando o rumo da humanidade (TEIXEIRA,2010). Desta maneira Borges (1999) descreve que foi a partir do modelo taylorista/fordista que se começa a ter novas visões do trabalho:

A superação gradual e histórica do modelo taylorista/fordista de produção, decorrente de uma diversidade de fatores, como o gigantismo organizacional e o concomitante crescimento da necessidade de maior flexibilização e agilidade, a globalização dos mercados, o surgimento de novas tecnologias e modelos de gestão, e os movimentos socioculturais da década de 60, criou contradições no mundo do trabalho (Borges, 1999, p. 5)

O autor defende a ideia de que com essa superação histórica, o mundo passou por contradições no mundo do trabalho, isso porque se observa que ao mesmo tempo que o trabalho se modernizou, ele trouxe consigo novas formas de trabalho, que acabaram sendo precárias e desiguais, resultando em grandes desafios para os trabalhadores.

Já o trabalho socialista vem para tentar criar um trabalho igualitário, sem explorações, com seus direitos trabalhistas, conforme Marx (1987) enfatiza que seriam modelos econômicos que poderiam favorecer a classe trabalhadora, onde se teria uma sociedade sem classes sociais.

Desta maneira, comprehende-se que com o período pós-revolução Industrial, o trabalho sofreu novas organizações e transformações tecnológicas, o que antes era de forma manual, passa a ser substituído por máquinas e equipamentos, possibilitando o crescimento econômico e a produção em massa, auxiliando na força de trabalho, o capitalismo desta forma passa a investir em trabalho/produção (VITA, 1997), obtendo novas organizações, modificando o modo de produção e impulsionando a economia. Em conformidade Harvey (2011, p. 28) ressalta:

[...] o modernismo surgido antes da Primeira Guerra Mundial era mais uma reação às novas condições de produção (a máquina, a fábrica, a urbanização), de circulação (os novos sistemas de transportes e comunicações) e de consumo (a ascensão dos mercados de massa, da publicidade, da moda de massas) do que um pioneiro na produção dessas mudanças. Mas a forma tomada pela reação iria ter uma considerável importância subsequente. Ela não apenas forneceu meios de absorver, codificar e refletir sobre essas rápidas mudanças, como sugeriu linhas de ação capazes de modificá-las ou sustentá-las. Reagindo à desprofissionalização dos artesãos por causa da máquina e da produção fabril sob o comando de capitalistas [...].

De fato, ao se falar de evolução, logo já se pensa que foi na tecnificação que houve a evolução do trabalho, porém como já vimos o trabalho foi transformando a

humanidade a partir das necessidades do indivíduo e acrescentando-se valor da mercadoria. Soma-se a isso a concepção de Fontana (2021 p. 7) que com o avanço da “tecnologia” foi se alterando a cada momento histórico, ora como uma técnica no fazer, ora como a construção de ferramentas mecânicas quase autônomas para um avanço considerável no século XVIII. Marx ainda evidencia sobre os valores de uso o seguinte:

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico, e graças a essa sua propriedade de trabalho humano igual ou abstrato ele gera o valor das mercadorias. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força humana de trabalho numa forma específica, determinada à realização de um fim, e, nessa qualidade de trabalho concreto e útil, ele produz valores de uso. (Marx, 1867, p.104)

Logo o trabalho como fonte de valor, surge após o aparecimento do comércio no antropocentrismo gerador de riqueza material socialmente produzida a partir da utilização e transformação dos recursos naturais (DUALIBE, 2010). Portanto, as mudanças no trabalho, aceleram os processos de produção e, em consonância se vende a força de trabalho em troca de salários cada vez mais baixos.

Para compreender as mudanças no trabalho que culminaram em um novo modelo de sociedade, vale ressaltar as inovações tecnológicas do período também entendidas como a interação da humanidade com ferramentas que irão acelerar os processos produtivos, o que mais tarde será assumido na digitalização de atividades e nas ações remotas mediadas pela técnica. (Fontana, 2021 p.6)

Assim, torna-se evidente que com os avanços das inovações tecnológicas, o trabalho e, consequentemente, a sociedade como um todo têm passado por transformações significativas ao longo do tempo. Segundo Santos (1994), a era técnico-científico-informacional impõe uma nova lógica de mercado, resultando numa redefinição do tempo, onde tradições, costumes, formas de trabalho e modos de produção ganham novos significados devido às mudanças na maneira de trabalhar. Borges (1999) complementa que foi a partir do modelo taylorista/fordista que novas perspectivas sobre o trabalho começaram a surgir.

A superação gradual e histórica do modelo taylorista/fordista de produção, decorrente de uma diversidade de fatores, como o gigantismo organizacional e o concomitante crescimento da necessidade de maior flexibilização e agilidade, a globalização dos mercados, o surgimento de novas tecnologias e modelos de gestão, e os movimentos socioculturais da década de 60, criou contradições no mundo do trabalho (Borges, 1999, p.5)

Desta forma, Antunes (1999) apresenta “a nova fase” das “características inovadoras”, ou seja, uma metamorfose onde a produção era voltada a partir da demanda que supria o consumismo e com um estoque mínimo, resultando em uma cadeia produtiva em que se podia aproveitar o tempo de produção. Esse marco histórico reflete um movimento dentro do capitalismo no qual as máquinas passam a ditar o ritmo de trabalho, substituindo a direção humana. Isso amplifica um processo que contribui para a “desigualdade social” globalmente, alterando o curso da humanidade (TEIXEIRA, 2010).

Antunes (2002, p.227) argumenta que essas transformações têm origem no neoliberalismo:

A sociedade contemporânea, particularmente nas últimas duas décadas, presenciou fortes transformações. O neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotados de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego, uma enorme precarização do trabalho e uma degradação crescente na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias. que destrói o meio ambiente em escala globalizada.

Desta maneira Antunes (2005) defende a ideia de que, mesmo tendo as transformações tecnológicas frente ao capitalismo, não se deve remover as formas de como se trabalhar, ou seja, “[...] se por um lado, necessitamos do trabalho humano, reconhecemos seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e infelicitá o ser social” (ANTUNES, 2005, p. 14).

Um problema significativo decorrente do avanço da tecnologia é que muitas vezes as máquinas, por exemplo, separam o trabalhador dos meios de produção, impedindo assim o desenvolvimento pleno de suas capacidades e resultando em alienação. Neste contexto, Ricardo Antunes (2005) argumenta que assim como um caracol não pode viver sem sua concha, o trabalhador não pode ser separado dos meios de produção, pois ambos são essenciais para sua proteção. Portanto, a sociedade deve buscar reintegrar essa união no contexto das mudanças técnicas e científicas em curso.

Para suprir todo esse envoltório de entrada, principalmente por conta desses trabalhos excedentes, ou condições de trabalho, são criadas leis trabalhistas para regulamentar as relações laborais, e o emprego se torna uma importante fonte de

identidade e estabilidade para as pessoas e desempenha um papel fundamental na estruturação das relações sociais e na formação da identidade individual.

### **1.3 O trabalho frente ao sistema capitalista**

Compreendendo melhor, sobre o trabalho e sua relação com o capitalismo, Harvey (2011), ressalta que o pós-modernismo se torna a cultura da sociedade capitalista avançada, enfatizando assim um maior entendimento desse sistema frente às relações de trabalho a partir da produção em massa:

[...] produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista [...]um novo tipo de trabalhador e um novo tipo de homem. Os novos métodos de trabalho são inseparáveis de um modo específico de viver e de pensar e sentir a vida[...] (HARVEY, 2011, p. 121).

Essa produção em massa resulta então em uma maior produção, visto que a sociedade passou a consumir mais, automaticamente para o capitalismo poder dar conta de suprir toda essa demanda, se fez necessário a construção de um novo modelo de força de trabalho, incluindo novas técnicas, novas leis, novos métodos, ocasionando mudanças na forma de se trabalhar, não beneficiando assim o trabalhador, pelo contrário, para essas altas produtividades, tem-se por trás trabalhadores sendo explorados.

Assim, no sistema capitalista, as relações de trabalho são caracterizadas principalmente pela propriedade privada dos meios de produção e pela busca de lucro. Em síntese, para o capitalismo, o que importa é produzir para agregar valor, não se importando com valores de uso, quanto mais se produz, mais se consome, mais perceptível é a elevação de lucros, a tecnologia repercute então na organização da produção.

Neste sistema, a mão de obra é tratada como uma mercadoria, na qual os trabalhadores são empregados pelos proprietários dos meios de produção para realizar atividades produtivas em troca de salários. Como menciona Antunes (2009, p. 19), "O sistema de metabolismo social do capital emergiu da divisão social que resultou na

subordinação estrutural do trabalho ao capital." De fato, o trabalho é explorado com o objetivo de acumulação de capital.

No capitalismo, por um lado, há proprietários dos meios e dos objetos do trabalho; de outro, os proprietários da capacidade de trabalho, que, por sua vez, ainda que desfrutem de sua liberdade na esfera social e na esfera da circulação, não são totalmente livres na esfera da produção, eles são forçados a vender sua mercadoria força de trabalho, pois, apartados dos meios de trabalho, não há como trabalhar para produzir os bens necessários à reprodução da vida. Assim, a capacidade de trabalho se manifesta como uma mercadoria a ser vendida a outrem, aos que possuem os meios de produção e que, por isso, se apropriam do resultado do processo de trabalho. Esta é a base para a particularidade do trabalho no capitalismo, o trabalho assalariado (Ferraz; Fernandes, 2019, p.7)

Conforme destacado pelos autores, no contexto do capitalismo, a dinâmica das relações de trabalho se caracteriza pela divisão entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores capacitados para desempenhar determinadas tarefas. Os trabalhadores, neste sistema, vendem sua força de trabalho e recebem em troca remuneração baseada nos resultados, sendo conhecidos como assalariados.

Outro fator predominante frente ao capitalismo que engrena a economia é o consumismo, onde a partir da produção e do consumo em grande escala, conforme destacado por Teixeira (2010) Ele ressalta que "da produção e do consumo em grande escala emerge um ciclo de retroalimentação positivo, onde o aumento de um provoca consequentemente o acréscimo do outro." O consumismo acaba sendo entendido com uma força motriz, dentro do sistema capitalista, pois além do aumento de produtos, também impulsiona a criação de empregos.

Assim, o consumismo impulsiona novas descobertas tecnológicas, incentivando o investimento em inovações e maquinários. Isso acaba sendo benéfico para o sistema capitalista, não apenas promovendo maior organização e estruturação, mas também reduzindo o tempo de trabalho e aumentando a produção. Esse processo contribui para o desenvolvimento da sociabilidade dentro do contexto capitalista.

[...]sociabilidade capitalista se constitui sobre o antagonismo de duas classes, a trabalhadora e a capitalista (abstraindo, neste momento, a heterogeneidade sociocultural das diferentes estratificações dentro de cada uma dessas categorias), as quais interagem e confrontam entre si na dinâmica de produção de mercadorias e na produção das diversas mediações que emergem desse processo constitutivo da sociabilidade humana sob o capital (Franco; Ferraz, 2019, p 3)

Com isso, as inovações tecnológicas, geraram uma melhor qualificação para aqueles que se aperfeiçoaram, os investimentos em maquinários por exemplo, passaram a ser um processo necessário para a produção, assim o sistema capitalista, induz o homem a produzir mais do que demanda, resultando desta forma a excedentes, contudo as formas de organização desse trabalho e os rearranjos superam esses empecilhos. Antunes (2009) ainda destaca:

A diminuição do tempo físico de trabalho, bem 120 como a redução do trabalho manual direto, articulado com a ampliação do trabalho qualificado, multifuncional, dotado de maior dimensão intelectual, permite constatar que a tese segundo a qual o capital não tem mais interesse em explorar o trabalho abstrato acaba por converter a tendência pela redução do trabalho vivo e ampliação do trabalho morto na extinção do primeiro, o que é algo completamente diferente. E, ao mesmo tempo em que desenvolve as tendências acima, o capital recorre cada vez mais às formas precarizadas e intensificadas de exploração do trabalho, que se torna ainda mais fundamental para a realização de seu ciclo reprodutivo num mundo onde a competitividade é a garantia de sobrevivência das empresas capitalistas. (Antunes, 2009. p.120)

Com base no pensamento do autor, o capitalismo, e está colocando o trabalho vivo em segundo plano, ou seja, substituindo o trabalho diretamente realizado pelo homem, pelo trabalho morto, trabalho este feito pela tecnologia, máquinas etc., implicando a dizer que o trabalho vivo, assim chamado pelo autor, tende a desaparecer. Entretanto, mesmo assim o capital ainda irá suprir as suas necessidades com o trabalho precarizado e exploratório, ou seja, não deixará de existir por conta do trabalho morto.

Mesmo com esse modo alienatório, exploratório e que engendra relações de trabalho cada vez mais precarizadas, se prevalece o foco nas tecnologias avançadas, desenvolvimento de novos maquinários e, se faz necessário que os trabalhadores busquem aperfeiçoamentos e treinamentos que visem suas qualificações, devido aos grandes investimentos nessas tecnologias de ponta que tem como principal demanda a busca por maiores lucros, ou seja, produzindo ou usando conforme destacado por Antunes (2011). Ele ressalta como as novas formas de organização do trabalho e rearranjos, tendo uma reorganização do capital:

Neste ponto, o capital enfrenta sua maior contradição, porque precisa investir nas forças produtivas, principalmente em novas descobertas tecnológicas. Ao desenvolver as forças produtivas reduz significativamente o trabalho vivo, que cria valor. Porém, sem conseguir dar conta dessa contradição, o capital se reorganiza para implementar mudanças na forma de produção de mercadorias. Hoje, a forma predominante ainda é a grande indústria implementada outrora pelo taylorismo/fordismo e, mais recentemente, com a reestruturação produtiva (Felizardo, 2017, p.8)

Contudo, sempre com foco nos interesses do capital e nos lucros, o desemprego em massa ocorre abruptamente. Isso se deve ao fato de muitos trabalhadores não estarem qualificados para o novo mercado impulsionado pela tecnologia, além da substituição da mão de obra humana por máquinas. Conforme Felizardo (2017, p.9), para que o trabalhador possa se integrar na sociedade contemporânea, é necessário que ele adquira um conjunto mais amplo de ferramentas disponíveis na vida moderna."

Para Antunes, não é possível falar em sentido do trabalho enquanto este estiver submetido à lógica do capital, afinal, tanto as atividades desenvolvidas sob as relações de trabalho assalariado, quanto aquelas desenvolvidas no tempo livre são repletas de sentidos estranhos, não produzem desenvolvimento unilateral da humanidade; são atividades desprovidas de sentido.

Portanto, o trabalho só tem sentido para além do capital. Em outras palavras, o trabalho somente tem uma teleologia humanizadora quando superadas as condições de desumanização do trabalho assalariado, que tem suas raízes na propriedade privada dos meios de produção.

A estruturação do mercado de trabalho dentro do sistema capitalista gera uma disparidade de poderes: de um lado, os trabalhadores precisam se integrar ao mercado; do outro, os empregadores determinam salários e atribuições. No entanto, a tecnologia tem desempenhado um papel intervencionista ao substituir o trabalho humano, resultando frequentemente em aumento do desemprego.

A propriedade dos meios de produção e do desenvolvimento tecnológico permite ao capitalista manter uma parcela dos trabalhadores desempregados. A existência deste exército de reserva de trabalhadores possibilitaria a manutenção de salários a níveis tão próximos quanto possível do nível de subsistência. Mesmo que em algum momento se alcance o pleno emprego, este não será duradouro, visto que o capitalismo é caracterizado por uma instabilidade dinâmica que se traduz por crises econômicas (Oliveira; Piccinini, 2011, p.5)

Nesse sentido, o trabalho, segundo os autores, mesmo passando por momentos de instabilidade, sempre poderá contar com um exército de reserva, como denominado por eles, suprindo assim a demanda do capitalismo. Sempre na maioria dos casos, sendo valorizado e recompensado com salários, onde de um lado tem-se os proprietários do meio de produção e no outro, os trabalhadores que buscam um trabalho que possa suprir suas necessidades a partir do assalariamento conforme Cattani; Holzmann, 2011 p.7:

Na sociedade capitalista o assalariamento é forma típica de relações de trabalho e as particulariza historicamente. Ao longo do séc. XX, e de forma objetiva depois da II Guerra Mundial, o trabalho assalariado tornou-se fonte de segurança dos trabalhadores, possibilitando organizar suas vidas, projetar minimamente seu futuro, com expectativas de ascensão social para seus filhos. A montagem de um Estado provedor de serviços e de direitos laborais garantiu essa segurança, com amplitudes distintas em cada contexto nacional, dependendo do poder de barganha dos trabalhadores em obter ganhos no confronto com o empresariado.

Do mesmo modo Marx (1982) esclarece que o salário paga aquilo que se faz no tempo de trabalho necessário e, havendo um trabalho excedente o empregador vai usufruir de capital a partir do trabalhador, acaba resultando na lei de mais-valia. E o aumento de produtividade gera mais valia e assim posteriormente a ascensão do capital, independente se essa elevação de produção interferir nas condições desses trabalhadores (CHESNAIS, 1996).

Não é apenas uma atividade econômica, mas também uma fonte de status e prestígio. É por meio do trabalho que as pessoas se inserem na sociedade, estabelecem relações de poder e hierarquia, e constroem suas identidades pessoais. Dentro desse sistema capitalista, pode ser resumido com características específicas, conforme Ferraz; Fernandes, 2019:

**1º Relação de subordinação:** Os trabalhadores estão subordinados aos empregadores, que têm controle sobre suas atividades e horários de trabalho. Os empregadores têm o poder de contratar, demitir e determinar as condições de trabalho.

**2º Divisão de Classes:** O sistema capitalista cria uma divisão de classes entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores assalariados, resultando em desigualdades tanto econômicas como sociais.

**3º Exploração do trabalho:** O lucro é uma das principais motivações do sistema capitalista, pode resultar assim à exploração dos trabalhadores, por meio da obtenção de mais trabalho do que o valor pago em salários

**4º Competição:** As empresas competem entre si para obter vantagens econômicas.

**5º Flexibilização:** O sistema capitalista também está associado à flexibilização das relações de trabalho, como contratos temporários, trabalho por projeto e terceirização.

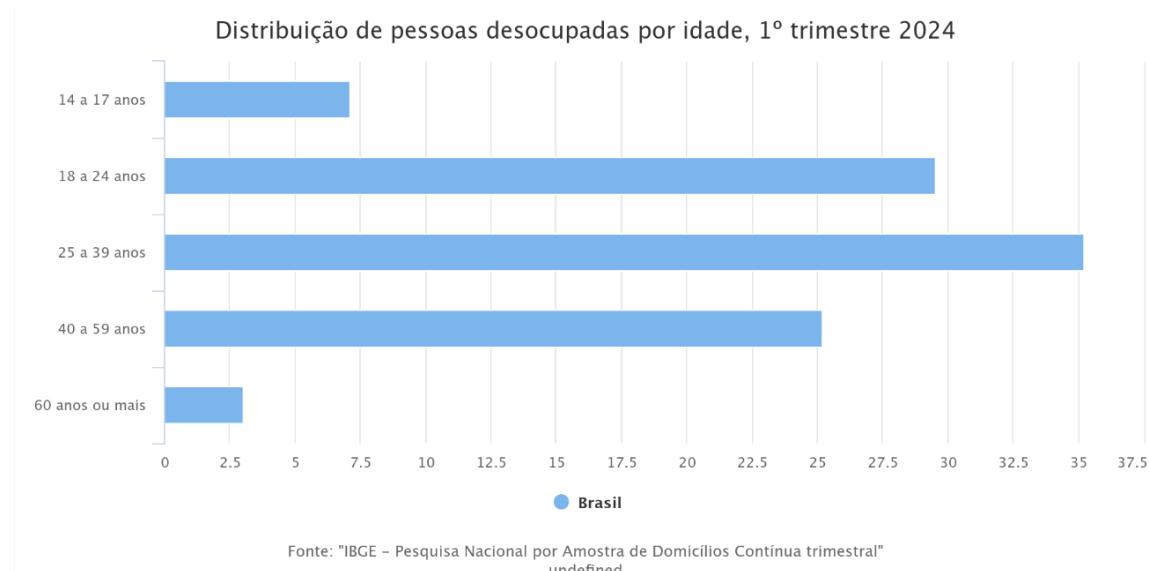
Analizando cada item, temos uma relação do sistema capitalista com o trabalho onde no primeiro item temos o processo de *subordinação*, o que implica entender que os trabalhadores sofrem um vínculo hierárquico, refletindo a uma estrutura autoritária, onde obedecem a ordens e horários. Em sequência, no segundo item se é apresentando a *divisão de classes*, aqui o capitalismo divide a sociedade em duas classes: como os proprietários e os meios de produção, onde proprietários concentram riquezas e os trabalhadores tentam sobreviver com o que ganham.

Entretanto, como retratado no terceiro item, na *exploração do trabalho*, trabalhadores tentam sobreviver enquanto o capitalismo busca os lucros por meio do trabalho vindo dessa classe que recebem menos do que o valor real gerado, resultando na exploração da força de trabalho.

No item 4 sobre *competição* temos a lógica do capitalismo, ou seja, a concorrência entre eles, impulsionando mais as inovações e sempre tentando um estar à frente do outro, porém acaba afetando também nos trabalhadores, que acabam sendo mais explorados e por fim temos a *flexibilização* que aparece como uma forma de ajudar as empresas, de uma forma mais fácil, porém também prejudicando o trabalhador com contratos temporários, terceirização, além de contribuir para a precarização do trabalho.

É observado que o sistema capitalista, está relacionado com visões diferentes e abordagens em relação ao trabalho, isso devido a sua ampla gama de modelos de economia com a junção de poder e hierarquia que acabam tomando caminhos às vezes inoportunos, gerando por exemplo o desemprego, segundo o IBGE (2024), pode ser denominado como as pessoas que têm idade para trabalhar, no caso acima de 14 anos que não estão trabalhando, mas que estão disponíveis para exercer sua força de trabalho. No gráfico 1 se apresenta a distribuição de pessoas desocupadas por idade:

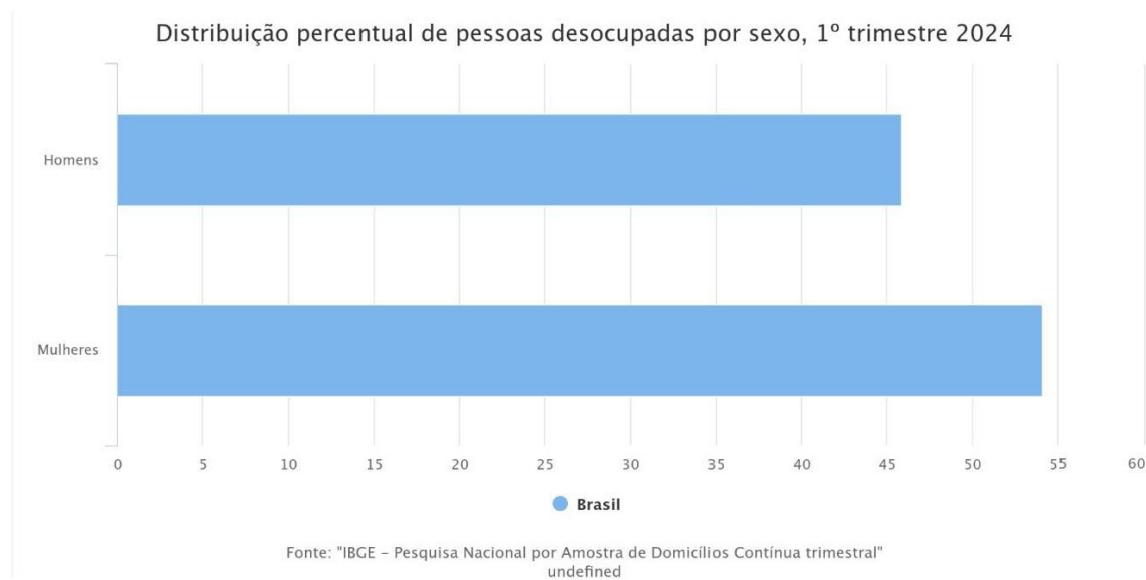
**GRÁFICO 1-: DISTRIBUIÇÃO PESSOAS DESOCUPADAS POR IDADE NO BRASIL NO 1º TRIMESTRE 2024**



**Fonte:** IBGE, 2024.Org. VILELA, L.S,2024

De acordo com o IBGE, especificamente com a pesquisa Nacional por amostras de domicílios contínua-PNAD, considera a palavra desemprego como conceituada de desocupados, sendo então classificados como dados de ocupação e desocupação. Desta forma os dados trazem: no primeiro trimestre de 2024, 8,6 milhões de pessoas encontram-se desempregadas.

O maior percentual dessa população desempregada está na faixa etária de 25 a 39 anos, seguido pelos jovens de 18 a 24 anos. Ainda no primeiro trimestre de 2024, observa- se um percentual significativo de desemprego por sexo, com as mulheres liderando esse grupo.

**GRÁFICO 2- PERCENTUAL DESOCUPADOS POR SEXO NO BRASIL NO 1º TRIMESTRE 2024**


**Fonte:** IBGE, 2024.Org. VILELA, L.S, 2024

Analizando o gráfico 2, Antunes (2009) explica que isso se deve a classe de divisão sexual, cujo capitalismo sabe exatamente que a mulher tem dupla função, sendo desta maneira duplamente explorada:

Na divisão sexual do trabalho, operada pelo capital dentro do espaço fabril, geralmente as atividades de concepção ou aquelas baseadas em capital intensivo são preenchidas pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor qualificação, mais elementares e muitas vezes fundadas em trabalho intensivo, são destinadas às mulheres trabalhadoras (e, muito frequentemente também aos trabalhadores/as imigrantes e negros/a. (Antunes, 2009, p.105)

É interessante ver que a mulheres lideram essa taxa de desocupação, ainda mais a partir do pensamento de Antunes, então isto pode ser resultado de vários fatores que incluem a discriminação de gênero no mercado de trabalho, onde pode se ter a preferência por homens para determinada vaga, desta maneira, as mulheres acabam por receber salários mais baixos, ou até mesmo por contas das responsabilidades domésticas, com duplas jornadas, não tendo estrutura de apoio familiar, limitando-se assim a oportunidades de trabalho. Para estar melhorando esses dados, se deve implementar mais políticas e práticas que promovam a igualdade de gênero no mercado de trabalho.

#### 1.4 Divisão social no trabalho

Na definição de trabalho, de acordo com Marx (1993), a relação entre o homem e a natureza ocorre a partir do momento que o homem transforma a natureza, ao extrair dela o que necessita para sua sobrevivência, logo temos o desenvolvimento da divisão social do trabalho. E ainda podemos apontar, segundo MARX; ENGELS (2007) que “[...] cada nova fase da divisão do trabalho determina também as relações dos indivíduos uns com os outros no que diz respeito ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho.”

Sendo assim, a cada divisão do trabalho, acaba definindo uma nova fase, novas relações, o que influencia diretamente nas formas de produção, nos recursos, incluindo a tecnologia, até o produto. Ou seja, a cada divisão que surge, vão se transformando os pontos mais isolados, quem controla os meios de produção, como o trabalho é realizado e quem se beneficia dos produtos gerados, aumentando então as questões envolvendo as desigualdades.

No conjunto formado pelos valores-de-uso diferentes ou pelas mercadorias materialmente distintas, manifesta-se um conjunto correspondente dos trabalhos úteis diversos, - classificáveis por ordem gênero, espécie subespécie e variedade, - a divisão social do trabalho (Marx, 1989, p.49).

Marx ressalta então que as mercadorias apresentam diferentes tipos, logo é preciso diferentes formas de trabalho para a sua produção, e os trabalhadores desta maneira necessitam desempenhar diversas funções específicas para cada tipo de mercadoria, sendo classificados e aparecendo então a divisão do trabalho para cada indivíduo.

Isso porque o autor defende a ideia de que por meio do trabalho, a matéria utilizada vira um meio de trabalho e logo passa a ser um produto de valor de uso para o homem visto que “o processo se extingue no produto”. Seu produto é um valor de uso; uma matéria adaptada às necessidades humanas mediante transformação de forma. O trabalho se uniu com seu objetivo. (Marx, 1983, p.151)”.

O que é importante notar, partindo da análise de Marx é que no processo de trabalho o valor de uso pode ser produto, matéria prima e meio de trabalho, e tal distinção ocorrerá dependendo totalmente da função que desempenhará no processo de trabalho. De acordo com as mudanças das determinações, mudaram também as funções que desempenham na produção. (Barradas, 2012, p.28)

De acordo com a autora e, em consonância com Marx, o valor de uso pode sofrer mudanças, ou seja, ele se transforma conforme o seu objetivo no processo de produção para o determinado trabalhador, resultando assim mais uma vez em mudanças na divisão do trabalho, para cada tipo de produção existe um trabalhador com habilidades específicas. Percebe-se também, que todo esse envoltório com ligação ao valor de uso e sua função final está diretamente relacionado à lógica do capital por transformar as relações de trabalho e de produção para cada vez mais acumular riquezas.

**Figura 2- FLUXOGRAMA SOBRE VALOR DE USO**



**Fonte:** VILELA, L.S, 2024

Ao analisar o fluxograma, percebe-se a concepção de Marx (1983) com a ideia de que: “o homem não apenas efetua uma transformação na forma de matéria natural; realiza; ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e qual tem que subordinar sua vontade” Logo um objeto externo possui uma utilidade para o ser humano. Esse objeto passa por um processo de transformação até se tornar uma mercadoria. Como já discutido, esse processo envolve a divisão do trabalho, pois, para que a mercadoria atenda às necessidades humanas, é indispensável a atuação de trabalhadores especializados que dominem sua produção.

Entretanto, Marx também destaca a importância do trabalho abstrato, ou seja, aquele que exige apenas a energia humana para ser realizado. É por meio desse trabalho que se desenvolve o trabalho concreto, responsável por transformar a mercadoria e atribuir a ela um valor de uso.

Segundo Marx (1983), a divisão do trabalho e as relações de produção têm suas origens nas famílias e tribos primitivas. Naquele período, a organização do trabalho era essencial para garantir a sobrevivência familiar, sendo estruturada de acordo com a necessidade de produção. Com o crescimento da população, essa divisão foi se modificando, passando a ser determinada por critérios como gênero e idade dentro da comunidade.

Há, nesse sentido, uma divisão fisiológica do trabalho, determinada pelas distinções entre os dois sexos e pela idade. A prosperidade comum ou tribal era fruto do trabalho comum realizado coletivamente por todos os membros. A divisão do trabalho se desenvolvia voluntariamente, de forma espontânea e o fruto do trabalho era distribuído no interior da tribo. As diferenças fisiológicas entre homens e mulheres e a partir de diferenças por idade condicionam uma divisão do trabalho baseada no planejamento coletivo do trabalho a satisfação comum das necessidades que garantisse a reprodução da tribo. (Barradas, 2012, p.31)

Desta maneira, a autora retrata que essa forma fisiológica, que a divisão entre idade e sexo da população, eram muito comuns na época primitiva, onde as tribos faziam essa divisão para a separação das funções, assim os homens, por exemplo, eram responsáveis pela caça e pesca e as mulheres em cuidados dos filhos e os seus próprios alimentos e tendo ao mesmo tempo, um trabalho coletivo, todos ajudavam e todos compartilhavam os frutos de seus trabalhos, não tendo hierarquias, sendo de forma espontânea e natural entre as tribos.

No entanto, com o crescimento das tribos, as comunidades começam a encontrar várias formas de diversidades para as suas produções e consequentemente de sobrevivência, passa-se então a aparecer as trocas, por exemplo, uma tribo troca o seu gado por uma roupa feito pela outra tribo, mas conforme Marx aponta, sem esse produto virar uma mercadoria.

Esse valor de troca impulsiona as mercadorias, desta forma a mercadoria passa a ter valor:

A equivalência entre duas mercadorias tem que ser feita entre duas mercadorias distintas, porque não se trocam mercadorias iguais. Além disso,

duas mercadorias que se relacionam na forma simples do valor, representam valor distintos: uma enquanto forma relativa de valor, expressando seu valor no corpo de outra mercadoria. (Barradas, 2012, p.41)

A autora defende a ideia de Marx, equivalente no valor de uso das mercadorias, como base de trocas dentro do capitalismo, desta maneira, duas mercadorias assumem papéis diferentes no ato da troca. Essas trocas acabam impulsionando a produção de mercadorias, logo se intensifica a divisão do trabalho. Marx (1983, p.50) destaca ainda “a divisão social do trabalho é a condição da existência para a produção de mercadorias, embora, inversamente, a produção de mercadorias não seja a condição de existência para a divisão social do trabalho”. Assim, no capitalismo a mercadoria acaba sendo um fator promissor para essa divisão social.

E ainda Barradas (2012, p.42) dá ênfase que “a divisão social do trabalho quando da generalização da forma mercadoria potencializa a tendência à complexificação, surgindo incessantemente novos trabalhos úteis [...]. Assim sendo, com a crescente produção de mercadorias, temos um trabalhador específico, surgindo novas formas constantes de trabalho, logo tais produções começam a ser deixar de ser simplesmente comuns e artesanais para outras mais fragmentadas e especializadas.

Esse processo de aumento de produção de mercadorias acaba resultando nas consequências que vemos até os dias atuais, pois conforme Marx (1983, p.149) na sociedade capitalista “o trabalho aparece como a própria utilização da força de trabalho”. Gerando desta maneira um aumento da dependência entre os trabalhadores, homens trabalham para seu produto ser consumido no final por outra classe. Marx (1984, p.293) ainda ressalta que “[...] tão logo os trabalhadores tenham sido convertidos em proletários e suas condições de trabalho no capital [...],” ocasionando a alienação presente até hoje, a precarização e desigualdade, pois logo se enxerga que essa divisão do trabalho não significa necessariamente melhores condições para todos e sim uma nova forma de exploração do trabalho.

A divisão social do trabalho pode ser compreendida como a especialização das atividades produtivas, onde cada trabalhador desempenha uma função específica. Isso leva à distribuição do trabalho entre diferentes grupos sociais. No capitalismo, essa divisão se torna uma importante fonte de alienação e desigualdade, resultando em significativas consequências sociais para os trabalhadores.

## 1.5 O trabalho e a Questão social

O século XXI é caracterizado por uma significativa reorganização das relações de trabalho, acompanhada por um aumento expressivo da informalidade, tema que será aprofundado no próximo capítulo. Neste subitem, contudo, o foco recai sobre as questões relacionadas às desigualdades sociais e à precarização conforme discutido no subitem 1.4, dos quais emergem a partir da nova dinâmica no mundo do trabalho.

Como já discutido, o trabalho manifesta-se de forma dual: de um lado, é uma atividade que permite ao homem construir sua identidade; de outro, é um instrumento de alienação e exploração. Nesse sentido, as questões sociais estão intrinsecamente ligadas ao sistema capitalista, cuja lógica está centrada no interesse pelo lucro e na acumulação de riquezas.

Interpreta-se desta forma que o trabalho e a desigualdade social estão intrinsecamente conectados, isso porque ao relacionar como o homem trabalha, quais são suas condições, qual renumeração recebe pela sua produtividade, quais oportunidades esse trabalhador tem dentro do seu emprego, acabam se tornando fatores determinantes para saber pelo contexto do capitalismo, se existe uma exploração da força de trabalho pela busca incessante dos lucros para a distribuição da riqueza.

Dessa forma, o mercado de trabalho acaba retratando esse cenário de divisões de empregos, tanto formais como informais, tendo diferenças salariais, por conta de qualificações profissionais, de limitações que esses trabalhadores enfrentam, além de passarem por divisões referentes a categoria e gênero. Ocasionando desta maneira, mais ainda as desigualdades, resultando assim de um lado os que prosperam e do outro, os que são precarizados e excluídos.

Tudo isso leva à compreensão de que o trabalho não está sendo apenas um meio de sustento e de valorização do homem, mas também um espaço onde as desigualdades sociais são reproduzidas ou, em alguns casos, intensificadas. Se faz necessário nesse contexto a importância de se ter políticas públicas e ações que possam ajudar não só na inclusão, como também na proteção desses trabalhadores, diminuindo assim as desigualdades tão presentes.

Isso se torna ainda mais problemático quando o capitalismo enfrenta uma crise, gerando profundas alterações no mundo do trabalho. Essas crises podem ser compreendidas como em momentos em que o sistema capitalista, baseado na acumulação de riquezas e na busca incessante por lucros : [...] “ocasionada pelo “mau comportamento” de “especuladores gananciosos” explicação mais difundida nos meios de comunicação de massa e são de ordem inteiramente diversa se a consideramos como a mais recente reedição das contradições do capitalismo”, desta maneira entra em desequilíbrio, resultando em desemprego, precarização das condições de trabalho e aumento das desigualdades sociais, conforme ressalta Santos (2012). Outro autor que também explica essa crise:

Em tempos históricos de crise do capitalismo financeiro em dimensão estrutural (Mészáros, 2009), profundas alterações no mundo do trabalho podem ser observadas, com queda no ritmo de crescimento, acentuados níveis de desemprego e miséria da população, o que contribui para o aprofundamento e agudização da questão social. (Guiraldelli, 2014, p.101)

O autor defende que, em períodos de crises financeiras do capitalismo, as consequências recaem exclusivamente sobre a população, levando ao aumento do desemprego e, consequentemente, à ampliação da miséria. Esse cenário agrava ainda mais as desigualdades sociais e intensifica as condições de precariedade.

Santos (2012) enfatiza que as questões sociais estão profundamente ligadas ao sistema capitalista, uma vez que este se estrutura com base na exploração da força de trabalho e na busca incessante por lucros, gerando desigualdades e precarização das condições de vida da população.:

É preciso dizer, no entanto, que esse conceito possui, entre nós, determinada abordagem que não se reproduz em outras áreas do conhecimento. Nela a “questão social” é entendida como um fenômeno necessariamente hipotecado ao capitalismo. De um lado designa o crescimento da pobreza (absoluta e relativa) que, nesse modo de produção, adquire determinações singulares, já que vem acompanhado do desenvolvimento sem precedentes das forças produtivas; de outro, designa a problematização dessa situação pelas lutas de classe protagonizadas pelo movimento operário desde o século XIX. (Santos, 2012, p.433)

Em outras palavras, tanto a pobreza quanto às desigualdades sociais tem suas raízes e se expandem dentro do sistema capitalista. Nota-se que a carência de recursos básicos, combinada com o aumento do padrão de vida esperado pela sociedade, cresce à medida que o desenvolvimento tecnológico e a produção se intensificam. Nesse contexto, a luta de classes, especialmente por meio dos movimentos operários, busca

melhores condições de vida e trabalho, visando mitigar e transformar as consequências geradas pelo capitalismo.

Na atualidade, se percebe que estamos passando por uma redução de trabalhos formais, por trabalhos precários, informais ainda pior com grandes taxas de desemprego, logo Pochmann (2001, p. 89), apresenta que o país está passando é por um “[...] desajuste entre a mão-de-obra demandada pelo processo de acumulação do capital e a mão-de-obra disponível no mercado de trabalho”. Assim sendo o mercado de trabalho, apresenta dificuldades de seguir o ritmo exigido pelo desenvolvimento do sistema capitalista, resultando todo nesse ciclo de precarização e exclusão social, pois os trabalhadores não conseguem se inserir no mercado de trabalho, por não serem compatíveis com os requisitos solicitados.

Guiraldelli (2014, p.103) ressalta ainda que: “As relações sociais no capitalismo tornam-se coisificadas e alienadas, baseadas em relações de trocas, sem possibilidades de plena realização da liberdade”, implica no entendimento de que as relações sociais no capitalismo são transformadas em relações objetificadas e desumanizadas, dominadas pelo mercado e pelo lucro. Isso limita a possibilidade de liberdade plena, pois as pessoas são condicionadas por estruturas econômicas que priorizam a mercadoria e o capital sobre a realização humana e social.

Penso que no caso brasileiro é preciso mediatizar essa análise, já que a “flexibilização/precariade” do trabalho entre nós não pode ser creditada à crise recente do capitalismo. Muito embora estejam mais visivelmente presentes no atual contexto da acumulação flexível, essas características fazem parte da nossa “modalidade imperante” de exploração do trabalho há bastante tempo [...]” (Santos, 2014, p.443)

Desta maneira é perceptível que, no Brasil, a precarização não se dá somente por conta da crise do capitalismo, mas também devido ao vínculo presente nos trabalhos frágeis e precários, provenientes da desigualdade social, sendo assim, devem ser entendidas de forma mais específica.

Trazendo como exemplo no Brasil, uma questão que vem sendo bastante debatida, que infelizmente é um tipo de trabalho que ainda acaba persistindo nos dias atuais. Apesar dos avanços e do surgimento das leis trabalhistas, ainda existem casos no Brasil envolvendo pessoas submetidas a condições análogas à escravidão, evidenciando que essa prática não foi completamente erradicada.

**Figura 3-: REPORTAGENS SOBRE A CONDIÇÕES ANÁLOGAS À ESCRAVIDÃO NO BRASIL**

**g1** POLÍTICA

**Brasil registrou maior número de denúncias de trabalho escravo da história em 2023, diz governo**

Foram 3.422 denúncias em 12 meses, 61% a mais que em 2022. Resgate de pessoas em situação análoga à escravidão também foi o maior em 14 anos, segundo o governo.

Por Lorena Fraga, \*GloboNews — Brasília  
05/01/2024 11h59 · Atualizado há 10 meses

**Brasil resgatou 3,1 mil trabalhadores escravizados em 2023**

Apesar de falta de fiscais, essa é a maior marca anual desde 2009

WELLTON MÁXIMO — REPÓRTER DA AGENCIA BRASIL\*  
Publicado em 03/01/2024 - 21:54  
Brasília



DIVULGAÇÃO/MINISTÉRIO DO TRABALHO

**gov.br** Entrar

Ministério do Trabalho e Emprego

Notícias e conteúdos > 2024 > Agosto > 593 trabalhadores são resgatados em condições análogas à escravidão na maior operação da história do Brasil

593 trabalhadores são resgatados em condições análogas à escravidão na maior operação da história do Brasil

Operação Resgate IV ocorreu entre 19 de julho e 28 de agosto, em 15 estados e no Distrito Federal

INÍCIO > DIREITOS HUMANOS  
TRABALHO DIGNO

**Mulher é resgatada de trabalho análogo à escravidão após 47 anos no RS**

Força-tarefa fiscalizou trabalho escravo doméstico em quatro residências em Porto Alegre e região Metropolitana

Redação\*  
Brasil de Fato | Porto Alegre (RS) | 15 de maio de 2023 às 17:30



Mais de 61 mil brasileiros foram resgatados em

**Fonte:** G1, Gov. Org.: VILELA, L.S, 2024

Todas essas reportagens destacam o crescente número de casos no Brasil, evidenciando um aumento significativo apenas em 2023, com várias denúncias relacionadas a condições degradantes e jornadas exaustivas. Essa exploração provavelmente ocorre devido à vulnerabilidade social e à insuficiência ou ineficácia de leis que garantam a proteção dos trabalhadores.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o trabalho forçado, também conhecido como escravidão moderna, registrou um aumento significativo nos últimos cinco anos. Conforme a Convenção sobre Trabalho Forçado da OIT, de 1930 (nº 29), a escravidão moderna é definida como "todo trabalho ou serviço exigido de qualquer pessoa sob ameaça de uma penalidade, para o qual essa pessoa não se ofereceu voluntariamente". O número de 50 milhões de pessoas submetidas a esse tipo de exploração é alarmante, especialmente considerando o contexto contemporâneo em que vivemos.

A maioria dos casos de trabalho forçado (86%) ocorre no setor privado. O trabalho forçado em outros setores que não o da exploração sexual comercial representa 63% de todo o trabalho forçado, enquanto a exploração sexual comercial forçada representa 23% de todo o trabalho forçado. Quase quatro em cada cinco vítimas de exploração sexual comercial forçada são mulheres ou meninas. (ONU, 2022)

A maior parte dos casos de trabalho forçado, ou escravidão moderna, ocorre no setor privado, evidenciando um padrão recorrente em que os mais privilegiados exploram as classes mais vulneráveis. Essa prática se manifesta em diversas formas de exploração, incluindo a exploração sexual, que afeta especialmente mulheres e meninas. Esses dados reforçam a gravidade do problema relacionado ao trabalho forçado na atualidade.

**Figura 4-REPORTAGEM EXIBIDA NO G1-TRIÂNGULO E ALTO PARANAÍBA SOBRE O DIA DE COMBATE AO TRABALHO ESCRAVO**



**Fonte:** Globo.com.Org. VILELA.L. S,2024

Na reportagem supramencionada<sup>1</sup>, um procurador do trabalho apresentou alertas sobre os casos registrados no estado de Minas Gerais, sendo presentes em várias atividades, seja indústrias, construção civil, rurais e até mesmo em trabalhos domésticos, destacando que mesmo o trabalhador concordando em ficar naquelas

Reportagem exibida no MGTV 1º edição (Figura 4), que se refere a um telejornal, abrangendo a região do Triângulo Mineiro, apresentou no dia 28 de janeiro de 2025, cujo dia é denominado como dia Nacional do Combate ao trabalho escravo, trazendo o reforço a essa luta por condições dignas de um trabalho, além apontar o estado de Minas Gerais como as maiores repercuções desse tipo de prática.

condições, as vezes por estar em vulnerabilidade, acaba se tornando um crime, devido a ser subordinado a situações precárias, ou trabalhando para receber em troca um prato de comida.

Todo este cenário enaltece as explorações de trabalho e suas consequências no sistema capitalista, resultando em uma sociedade mais desigual conforme aponta Dedecca (2010 p.4):

Portanto os problemas de emprego e de distribuição do excedente produtivo tornam-se recorrentes no desenvolvimento capitalista. Na visão liberal, ambos podem ser equacionados com o aumento do capital humano da população economicamente ativa, pois ele permitiria uma elevação da produtividade individual que justificaria a contratação e remuneração mais elevada, resolvendo concomitantemente os problemas de emprego e de renda.

Como o autor traz, esses problemas se devem porque o sistema sempre está focado em maximizar os lucros gerando então as desigualdades. Desta maneira, o autor enfatiza que, para que tal cenário fosse possível de se resolver, seria com o capital humano, buscando investimentos em educação, mais especializações, qualificações e treinamentos. Desta maneira se aumentaria a produtividade, com isso teria uma valorização do trabalho e a redução dos desempregados, pois os trabalhadores teriam mais oportunidade.

Se não ocorrer essas mudanças e uma maior atenção ao trabalho, vamos observar a perda da sua centralidade, aquela de que o “trabalho edifica o homem”, como já falado, ou conforme ressalta Estanque (2005) de que: “É verdade que o trabalho tende a perder significado enquanto símbolo principal daquilo que somos [...]” ou seja, estamos enxergando uma realidade divergente de um trabalho concebido como a profissão ou o emprego que temos para infelizmente a de que o trabalho precariza o homem.

## 2.O TRABALHO INFORMAL: metamorfoses no mundo do trabalho

### 2.1 Novas formas de organização do Trabalho

As transformações iniciadas a partir dos anos 1980, impulsionadas pela globalização e pelos avanços tecnológicos, que remodelaram as relações de trabalho e as dinâmicas sociais até os dias atuais, resultaram em impactos profundos nas desigualdades sociais e criando novas formas de organização do trabalho.

O esgotamento da velha relação salarial fordista, a crise do Estado-providência, o aumento da competitividade a nível global, sobretudo desde meados dos anos 80, desenharam-se sob a emergência de Trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo uma nova onda liberal, largamente apoiada na inovação tecnológica e na revolução informática. Estas tendências estão a gerar profundas transformações e novas contradições e desigualdades sociais nas sociedades contemporâneas em todos os domínios, com resultados impressionantes na recomposição e estandardização das formas tradicionais de trabalho. (Estanque, 200, p.115)

O autor apresenta um novo modelo de trabalho oriundo da globalização, logo o modelo fordista começou a perder forças, passando de um modelo com foco na indústria, produção em massa, para um mais amplificado com o avanço tecnológico, demonstrando alguns benefícios como produtividade e inovação, porém a realidade se apresenta com grandes desafios que incluem as desigualdades e precariedade do trabalho.

Como também Antunes (2014) ressalta que o capitalismo a partir das mudanças sofridas com as tecnologias, acaba resultando na redução de trabalhos formais, consequentemente o aumento das desregulamentações, terceirizações, logo temos novas organizações de trabalho, com novas explorações, tendo desta forma uma reestruturação no mercado de trabalho.

Deste modo, como essa reestruturação do trabalho se procede novas tendências:

Pode dizer-se que esta recomposição tem implicações que incidem simultaneamente em todos os níveis da pirâmide social, ou seja, vai das novas elites profissionais, empresariais e institucionais às camadas mais excluídas e proletarizadas, passando pelos segmentos intermédios das chamadas “novas classes médias”. Vale a pena situar alguns dos principais contornos destas tendências de transformação das estruturas de classe. (Estanque,2005, P.117)

Desta maneira o autor traz a reflexão de que a partir das mudanças oriundas da sua reestruturação, acaba abrangendo todas as camadas da pirâmide social (classes

sociais), ou seja, ela ressalta que essas mudanças não atingem apenas um grupo em específico, mas um todo desde uma elite que está no topo de uma pirâmide até atingirem aqueles mais marginalizados, resultando em uma distribuição desigual. Chegando à conclusão de que essas transformações têm implicações diretas e indiretas para todas as camadas da sociedade, modificando, por exemplo, as condições de vida e as relações de poder.

Sendo assim, vemos que com essas transformações, o desenvolvimento capitalista contribui significantemente para o crescimento de um grupo que detém a maior parte da riqueza e do poder econômico e de outro lado, inclui operários, trabalhadores de serviços mal remunerados, autônomos informais e desempregados em busca de alternativas de trabalho, que visem principalmente a busca da sobrevivência, como trabalho informal.

Logo temos que na medida que o sistema capitalista se reproduz, o trabalho vai ganhando diversas formas, o mundo do trabalho vai se configurando nos mais diversos espaços. Ricardo Antunes (2009) interpreta como várias metamorfoses no mundo do trabalho e, de forma crítica o autor argumenta que o capitalismo globalizado enfatiza essas transformações, resultando em um aumento significativo da exploração da força de trabalho.

Surgindo, conforme Borges (1999), um grande crescimento do exército de reserva (designados como a massa de trabalhadores disponíveis, ou seja, que não estão empregados e que podem entrar no mercado de trabalho de forma rápida) constituído tanto com desempregos, como com empregos, isso devido ao fato das novas tecnologias envolverem o trabalhador de tal maneira, onde necessitam de exercerem novas aplicações e novas organizações do trabalho, sempre buscando enriquecer de novos conteúdos.

Deste modo, na medida em que o processo de centralização do capital acontece, ocorre também o alargamento do exército industrial de reserva, expressando completa funcionalidade ao sistema. Ora, por um lado, ele contribui para manter e/ou reduzir os salários sempre abaixo do valor capaz de atender as necessidades da classe trabalhadora e, por outro, cria uma massa de sujeitos disposta a, de acordo com os ritmos e compassos do desenvolvimento capitalista, inserir-se imediatamente nos processos produtivos, mediante as requisições existentes. (Trindade, 2017 p.217.)

Em síntese, o exército industrial de reserva é um mecanismo que reforça e auxilia no funcionamento do capitalismo, daqueles trabalhadores em massa que estão desocupados, ou denominados conforme Marx (1989) de “sobrantes e excedentes”. E ao mesmo tempo em que mantém os trabalhadores em uma posição vulnerável, com salários baixos e pouca estabilidade, contribuindo para a perpetuação das desigualdades sociais.

Assim o modo exploratório vem tomando lugar, logo Araújo e Raposo (2017) ressalta que “[...] a alternativa encontrada pelos países subordinados para resolver a equação da transferência de valor e do intercâmbio desigual se deu pela maior exploração do trabalhador, que associa a intensificação, o prolongamento da jornada [...]” entrando em contradições com o mercado. De maneira geral, a concepção de trabalho, por abranger vários sentidos, está associada ao modo de produção e produtividade sobre a influência de tanto na forma econômica, como política e ideológica.

Como já foi descrito no capítulo anterior, primeiramente se obteve o desdobramento do proletariado das fábricas e serviços a fim que acabaram por interferir nos processos de trabalho. Isso devido a industrialização ter avançado no seu modo de produção, resultando em grandes escalas nas fábricas e consequentemente o surgimento da classe operária, conforme Ricardo Antunes (2008) aponta como uma nova morfologia do trabalho, resultando uma flexibilidade nas forças sociais do trabalho.

O autor destaca que, com essa nova morfologia do trabalho, as relações laborais foram reestruturadas, incorporando novos modelos de contratação e abrangendo diferentes perfis de trabalhadores, que permanecem sujeitos a distintas formas de exploração.

Consequentemente, começa a se aparecer os serviços terceirizados ou “arranjos do trabalho”, como Ricardo Antunes prefere denominar. Apresenta-se como exemplo, as indústrias que passam a substituir o homem pela máquina, gerando produtividade de forma mais rápida, porém se passa a ter menos trabalhadores e surgem então os “arranjos”.

Isto é, não se contratam mais trabalhadores de forma direta, preferem a terceirização, já que as máquinas começam a fazer o trabalho que o homem teria que

realizar, repercutindo a precarização do trabalho e consequentemente nos empregos informais, Thomas Jr. (2004) também ressalta a ideia dos rearranjos, que seria uma reestruturação do capital:

Propomo-nos compreender de forma articulada os rearranjos territoriais que respondem às diversas tramas sociais que, simultaneamente, expressam a dinâmica do modo de produção capitalista e a materialização da reestruturação produtiva do capital nos lugares e os impactos produzidos para o trabalho, numa conjuntura paralisante para a classe trabalhadora, mas que nos dá as pistas para procedermos investigações voltadas à compreensão da dinâmica territorial das novas formas de trabalho em um contexto de exploração ampliada, requisito da valorização do capital. (Thomaz JR, 2004, p. 11).

Os autores ressaltam que esses rearranjos estão diretamente ligados a expansão do capital, pois o mesmo se reorganiza para atender suas necessidades, buscando sempre o aumento de sua lucratividade, o que acaba ocasionando grandes impactos para a classe trabalhadora, logo os trabalhadores enfrentam dificuldades para se organizarem frente a essas mudanças, que resultam em perda de direitos, instabilidade e informalidade.

Vemos que o sistema capitalista, diante sua crise estrutural passa por mudanças como resposta a esta crise. É o que Antunes (2008) denomina como a acumulação flexível, sendo um novo modelo econômico e social, ou seja, uma nova fase do capitalismo, tendo a transformação das relações de trabalho, assim se tem a flexibilização da produção, do trabalho e do consumo. E com isso reduzem custos e aumentam a lucratividade, já que a intensificação desses trabalhos e a desproteção social, as condições de vida se tornam características que afetam profundamente as formas de trabalho.

Compreendendo o que seria as formas de trabalho segundo Thomaz Jr. (2004, p.13) temos:

Se entendemos, então, que cada forma de trabalho “requer” uma arrumação espacial específica há, por sua vez, uma nítida vinculação entre as reformulações que ocorrem no âmbito do trabalho, passando pelas formas proletarizadas (assalariamento clássico), às formas mais expressivas da subproletarização, tais como o trabalho parcial, temporário, domiciliar, informal etc.

Arrumação espacial esta, que está diretamente vinculada ao capitalismo, apresentando diversas formas. Com isso a modernização traz consigo uma alta reestruturação, logo temos mudanças em trabalhos tradicionais por novas formas de

exploração, assim Antunes (2002) trata como uma crise estrutural, trazendo profundas mudanças nas relações de produção e trabalho, com crescimento de empregos sem vínculos formais, jornadas irregulares, trabalhadores enfrentam mais dificuldades para garantir estabilidade e direitos de forma tanto heterogênea, fragmentada e com complexidades.

Aplicando-se então a subproletarização, conforme ressaltado por Thomaz Jr., com trabalhos parciais ou de formas temporárias, domiciliares e os informais.

O aumento da exploração do trabalho, que passou cada vez mais a se configurar de fato como superexploração da força de trabalho, além de aumentar o desemprego, ampliou enormemente a informalidade, a terceirização e a flexibilização da força de trabalho, processo esse que atinge não só os países do Sul, as periferias do sistema, mas também os países centrais. (Antunes, 2018, p.62)

Antunes retrata que informalidade, a terceirização e a flexibilização da força de trabalho são resultadas da superexploração da força de trabalho, dando ênfase ao fato de que a precarização do trabalho não atinge somente determinada localidade e sim se trata de um cenário global.

Essa superexploração, como vimos, amplia esse mercado de vários processos relacionados ao mercado capitalista e, ligados a forma de estruturação do trabalho, abrindo leques para aumento do desemprego, terceirizações, informalidades, criando desta maneira um ciclo de precarização, a partir do amplo desenvolvimento das forças produtivas, redução de custos e maximização de lucros.

Outro fator que fortaleceu precarização das relações trabalhistas, foi conforme Oliveira ressalta (2021 p.5) que por consequência do pós- industrialismo trouxe como atividade econômica o trabalho informal:

[...] pós-industrialismo como a compreensão de que a geração de conhecimento seria o principal vetor da atividade econômica na sociedade da informação. O eixo predominante da economia seria, então, a prestação de serviços em razão do declínio da atividade industrial com a consequente valorização das profissões especializadas em conhecimento. Esta organização empresarial em rede permite a precariedade do trabalho por meio de terceirização e a subcontratação, embora o autor ressalta que a conjunção de inovação tecnológica com a desvalorização do emprego seja uma expressão mais de ordem política e econômica, conforme os fatores de cada país, do que um dado técnico.

Retratando então que o trabalho informal, pós industrialismo vem para mudar aquele modelo fordista para o capitalismo informacional, logo temos a inovação e a

tecnologia como papel central nas atividades econômicas, ocasionando a valorização das profissões especializadas, redefinindo as relações de trabalho e produção, criando novas oportunidades, mas também aprofundando desigualdades, devido às máquinas, inteligência artificial e sistemas digitais que substituem o trabalho humano em diversas atividades.

Assim sendo, a prestação de serviço, resulta nessa precarização do trabalho, onde as atividades industriais acabam por desvalorizar a força de trabalho e partir para novos rumos como a terceirização e subcontratação, o autor ainda destaca que não é somente culpa do tecnicismo, mas também de fatores políticos e econômicos.

## 2.2 O trabalho informal e sua diversidade

No Brasil, considerado um país em desenvolvimento, uma situação similar a outros países, grande parte da população se encontra em setores tradicionais como a agricultura, o comércio e a indústria e uma parcela significativa na informalidade, conforme Matsou (2009), resultando na falta de acesso a empregos formais e da crescente flexibilização das relações de trabalho.

De acordo com Lima (2009), a concepção de informalidade, inclui uma complexidade de situações abrangendo atividades econômicas e que a partir da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e do Programa Regional de Emprego para América Latina e Caribe da CEPAL que a informalidade ganha regras e normas que passam a ser difundidas a de 1972. E ainda ressalta que:

O termo informal (setor, economia, mercado, trabalho), foi instrumental nos estudos de atividades não organizadas ou regulamentadas de pequenas e micro empresas com processos tecnológicos simples, situados na base da estrutura produtiva e com trabalhadores por conta própria, com uso de trabalho familiar ou no emprego de formas assalariadas não regulares, característicos dos países subdesenvolvidos. No final da década de 80, passou a descrever e explicar também os processos de precarização do trabalho a partir da reestruturação econômica e crise do padrão fordista de organização do trabalho. (Lima,2009, p. 26)

A abordagem do autor apresenta que o termo informal auxiliou no entendimento de situações como as atividades não organizadas e regulamentadas que tinham trabalhadores não regulados ou trabalhando por conta própria e que a partir de 1980 esse mesmo termo também passou a ser utilizado para descrever a precarização do trabalho,

sem horário flexível, com a devida remuneração e sem garantias tornando-se, assim, relevante para a presente pesquisa.

A partir desse desdobramento da (OIT) começa desta forma a fazer estudos sobre o trabalho informal, analisando as novas formas que vão ganhando uma flexibilidade no mercado de trabalho e Tavares (2004) aponta que acaba se deslocando o sistema capital-trabalho para incluídos e excluídos ou melhor dizendo os formais e informais.

Além disso, segundo Thomaz Jr (2004 p.7) “as atividades informais não são apenas permitidas, mas vêm sendo incentivadas, visto que conduzidas mais de perto pelo capital, podem ser até mais lucrativas que as atividades formais”. Isto porque a informalidade não tem garantias e regulamentações, acaba sendo mais vantajoso para o capital já que pode ser, vamos dizer mais fácil de explorar, mais flexível, logo tendo a maximização dos lucros, portanto sendo incentivado. Sendo diferenciado do formal que conforme o autor aponta vários pontos positivos como:

- *FGTS;*
- *salário;*
- *salário-família;*
- *licenças maternidade e paternidade;*
- *descanso semanal remunerado;*
- *aviso prévio proporcional;*
- *adicionais de insalubridade, periculosidade e penosidade;*
- *contrato precário de trabalho por tempo indeterminado, etc.*

Todos esses pontos retratados pelo autor, se tornam direitos que são garantidos pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) que tem como responsabilidade o de assegurar a proteção para o trabalhador, logo os trabalhadores informais não possuem esses direitos, ficando desta forma mais vulnerável a situações de exploração e precarização.

Assim sendo, ao abordar o trabalho informal, tema central desta pesquisa, observa-se uma relação direta com as atividades desempenhadas pelos catadores de recicláveis. Esses trabalhadores atuam de forma autônoma ou como empregados sem vínculo formal, o que os deixa sem garantias trabalhistas, direitos ou estabilidade. Conforme Costa (2012, p. 41):

[...] o setor informal é composto por pequenas atividades urbanas, geradoras de renda, que se desenvolvem fora do âmbito normativo oficial, em mercados desregulamentados e competitivos. Estas atividades utilizam técnicas rudimentares e força de trabalho pouco qualificada, falta de acesso aos financiamentos e créditos disponíveis para o setor formal e principalmente pela baixa capacidade de acumulação de capital e riqueza.

O autor retrata assim a realidade presenciada pelos trabalhadores dos informais, logo que embora mesmo fornecendo uma fonte de renda para muitos, dificilmente conseguem ao longo de suas trajetórias garantir algum tipo de acumulação de riquezas, o trabalho informal é geralmente considerado desvantajoso, pois esses trabalhadores recebem salários baixos e irregulares; além disso, essa informalidade leva a insegurança e precariedade no trabalho.

Essa vem sendo uma realidade cada vez mais presente dentro da sociedade, esse aumento do trabalho informal se deve com todos os processos de transformação que o trabalho vem sofrendo devido a globalização. Temos no Brasil cerca de 41 milhões de pessoas que estão na geração da informalidade:

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em auxílio com a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio Contínua (PNAD), os dados de trabalhadores informais estão divididos em duas categorias: os que trabalham por conta própria (autônomos) e os que não possuem carteira assinada. O primeiro grupo concentra 20% da População Economicamente Ativa, a PEA. Já o segundo conta com 12% da PEA. O número total desses trabalhadores informais é quase igual aos que possuem carteira assinada — 31%. Ainda nesses dados, podemos acrescentar os trabalhadores informais que não são recompensados, em termos monetários, pelo seu trabalho: os trabalhadores informais não remunerados. Se somarmos, temos o total de 41% economicamente ativos vivendo na informalidade. (Brasil escola,2024)

A pesquisa da (PNAD) Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio Contínua, de acordo com o IBGE geralmente é feita a cada trimestre a partir de amostras por cerca de 210 mil domicílios, auxiliando no fornecimento de dados sobre o mercado de trabalho. Desta maneira vemos que a pesquisa faz uma divisão em três grupos: os trabalhadores por conta própria ou autônomos (representam 20%), os trabalhadores sem

carteira assinada (representando 12%) e os trabalhadores informais não remunerados (correspondendo a 31%).

Percebe-se então que os dados apontam um crescimento da informalidade muito grande no Brasil, englobando uma grande parte da força de trabalho, pois o quantitativo de pessoas que são informais, chega a ser igual ao de pessoas com carteira assinada. Logo significa a decadência dos empregos formais e a precarização desses trabalhadores para a sociedade, tendo uma classificação de trabalhadores regulados e não regulados:

O modelo de um mercado regulado implica no contraponto de atividades não reguladas ou não cobertas por normas que regem o mercado de trabalho. As denominações das atividades não reguladas variam conforme o enfoque teórico dos estudos: setor não protegido, setor informal, processo de informalidade. Assim, a institucionalização dos termos formal-informal parece indicar uma classificação em situações reguladas e não reguladas de Trabalho. Neste sentido, o modo informal de trabalho é explicado pela oposição ao modo formal de trabalhar. (Sasaki,2009 p.33)

Conforme a autora acima ressalta essa classificação de trabalho regulado e não regulado vemos que no mercado de trabalho geralmente não se supõem as normas, e sim sendo denominadas de "setor não protegido", "setor informal" ou simplesmente "processo de informalidade". Em vista disso, o termo formal-informal acaba sendo classificado de regulado e não regulado, em virtude de o trabalho informal ser uma contraposição do trabalho formal, tornando-se uma ausência da regulamentação.

Conclui- se então que o que difere trabalho formal do trabalho informal, seriam as normas que estabelecem os direitos dos trabalhadores frente ao mercado empregatício. O modo como se contratava de maneira formal, vai ganhando espaço para trabalhadores informais. Entretanto, ambos não deixam de ter participação no sistema capitalista.

Em concordância com Tavares (2004) ressalta que independente da sua inserção no mercado de trabalho, seja ela indireta ou direta, estará sujeito às exigências do desenvolvimento capitalista, isso significa que o capitalismo acaba alcançando todas as formas de trabalho, independentemente de como esse trabalhador está inserido no mercado.

Esse deslocamento do desenvolvimento para a luta contra a pobreza, faz com que o emprego deixe de ser uma questão econômica para ser uma questão social, sem que a racionalidade do capital em nada se altere. Acumular continua sendo o seu propósito, e, exatamente por isso, é preciso fazer ajustes, no sentido de que o fim capitalista não deixe de ser alcançado. Ou

seja, deslocam-se os trabalhadores, mas a lógica da acumulação permanece. Não importa ao capital como essa mudança se reflete na classe trabalhadora.” A sociedade tem que ser modelada de maneira tal a permitir que o sistema funcione de acordo com as suas próprias leis” (Tavares, 2004, p.50)

A partir da autora, consideramos que o sistema capitalista sempre busca os lucros e a acumulação de riquezas, não se importando com a classe trabalhadora, porém o sistema passa por transformações e logo entendemos que antes o emprego era visto como uma questão econômica e já atualmente como uma questão social, ou seja, voltado para a luta contra a pobreza, desta maneira o sistema funciona com suas leis e a sociedade que se ajusta para manter a acumulação do capital.

E ainda em concordância com a autora, o capitalismo molda a sociedade de acordo com seus próprios interesses, independentemente das circunstâncias, mantendo a lógica de acumulação inalterada. Mesmo que isso leve a elevados índices de precarização e informalidade no trabalho, como destacado por Costa (2012), a estrutura capitalista permanece intacta:

A existência de altos níveis de informalidade, principalmente nas últimas décadas, no mercado de trabalho brasileiro, tem gerado intensos debates na sociedade e na literatura econômica. Existe uma preocupação cada vez maior com a informalidade e seus impactos, em especial, a questão dos diferenciais de salários e de condições de trabalho entre os que exercem atividade no setor formal e os que estão na informalidade. (Costa, 2012, p. 14).

Como já foi visto há uma disparidade de trabalhadores informais no Brasil que vem se elevando na última década, o que vem gerando preocupações pois trazem consigo grandes consequências por terem salários mais baixos e condições de trabalho precárias, acabam impactando a sociedade com a vulnerabilidade social, como o caso dos catadores de recicláveis.

Repercutindo na maioria das pessoas trabalha para essa elite, recebendo salários que são muitas vezes insuficientes para suprir suas necessidades básicas, como alimentação, moradia e saúde. Além disso, a competição entre as empresas e os indivíduos na busca pelo lucro faz com que a desigualdade se amplie cada vez mais. Conforme ainda Yamamoto (2001), aponta que acaba tendo um conjunto de desigualdades dentro da sociedade capitalista, de forma inevitável, enquanto uma parte da sociedade privada se apropria do fruto desse trabalho, às vezes de formas inadequadas.

Antunes (2011) ainda nos ressalta que essa informalidade, resulta em características destrutivas, de forma crescente, onde cada vez mais, trabalhadores que eram considerados estáveis, são substituídos pelo trabalho precário, sem estabilidade, sem registro em carteira, isso pode ser retratado em diversos setores, como o setor central desta pesquisa, que são os catadores de recicláveis que assim como a maior parte da população busca por alternativas de renda com trabalho autônomo, ambulante, temporário, irregular e precário.

### **2.3 Catadores de reciclagem no Brasil**

O Brasil é conhecido internacionalmente por diversos momentos de práticas discriminatórias e excludentes, ainda mais em se tratando de atividades informais que resultam em vulnerabilidade, ocasionando o processo de exclusão social, como ocorre com a categoria dos catadores de recicláveis.

Assim comprehende-se que o país nas últimas décadas, vem se destacando pela grande preocupação na geração e descarte de resíduos sólidos e ao mesmo tempo verifica-se a predominância do crescimento da população mais pobre e logo se abrem várias lacunas como desempregados, surgindo a figura do catador de materiais recicláveis (GOUVEIA et al., 2019).

No Brasil, a expansão das indústrias de reciclagem dinamizou esse circuito econômico, que encontrou terreno fértil para garantir a sua lucratividade através do trabalho de milhares de trabalhadores desempregados, com baixa ou nenhuma qualificação profissional (serviços gerais, domésticas, servente de pedreiro etc.) que como forma de obter algum rendimento são obrigados a desenvolver a catação dos resíduos recicláveis. (Gonçalves, 2002, pág. 22)

Percebe-se que a reciclagem tem atribuído a um grande crescimento econômico, entretanto como de prodígio, para uma alta lucratividade, se faz necessário um exército de trabalhadores informais, com baixa ou nenhuma qualificação, ocasionando grandes situações de vulnerabilidade, tendo essa alternativa como uma forma de rendimento e sobrevivência, desta maneira, mesmo se o setor crescer, ele acaba dando fundamento na relação da informalidade e a reciclagem.

Assim sendo, Gonçalves (2002 p.23) afirma que existe uma superexploração na reciclagem e ainda ressalta que a precariedade do trabalho da catação revela- se para nós

como fundamental para os ganhos dos demais agentes do circuito “[...] isso se deve a esse tipo de trabalho, não ser formalizado e nem cumprir as leis trabalhista, tendo assim uma lucratividade ainda maior [...]”. Podendo também concluir que esses catadores iniciaram essas atividades de forma informal, por conta dos resultados já discutidos até aqui, como a falta de qualificação e desemprego.

A principal hipótese a ser explorada indica que o trabalho dos catadores de recicláveis no Brasil está integrado ao processo acumulação de capital e que a suposta situação de exclusão dos catadores (desempregado, baixa escolaridade, faixa etária elevada) o qualifica para esse tipo de ocupação. Além disso, apesar da ausência de contratos de trabalho e de pagamento em forma de salário na rotina dos catadores, tornasse importante indagar quais as articulações existentes entre o trabalho dos catadores e o capital envolvido no empresariamento da reciclagem, de modo a revelar como são realizadas e reproduzidas historicamente as condições do trabalho dos catadores (Bosi, 2008., p.102)

Deste modo, percebe-se que os catadores acabam se “qualificando” para a vaga devido a sua falta de escolaridade, desemprego ou faixa etária elevada, indicado que são vulneráveis e perceptíveis para a ocupação da vaga como catadores, além de mostrar que tais atividades estão relacionadas com a acumulação de capital, visto que empresas e setores industriais sempre acabam se beneficiando.

Conforme Borges, Carbonera e Trindade (2023) apresentam que por meio da catação de recicláveis, temos um recorte da grande desigualdade presente no Brasil, logo podemos afirmar conforme o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) que esses catadores são os principais responsáveis por cerca de 90% da reciclagem do país, sendo que 2.203.747 estavam com vínculo e filiado como Microempreendedor Individual (MEI) (conforme o quadro 2)

**QUADRO 2- NÚMERO DE MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS (MEIS)  
EM 2021**

Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) 2021		
Brasil e Grandes Regiões	Total	Unidades
Brasil	2.203.747	167
Norte	102.802	5
Nordeste	349.110	20
Sudeste	1.150.057	84
Sul	412.889	48
Centro oeste	188.889	10

**Fonte:** IBGE - Estatísticas dos Cadastros de Microempreendedores Individuais.

Org. VILELA.LS ,2024

Como visto, após levantamento da pesquisa, referente a microempreendedores individuais filiados com ano base referência de 2009 a 2021, isso é bem significativo, comparado com a informalidade, visto que a formalização, ajuda a proporcionar reconhecimento e dignidade, já que através da MEI, podem ter acesso a benefícios, como auxílio-doença, aposentadorias entre outros, mesmo tendo vários fatores contra, dando esse passo, já é uma grande conquista.

Observa-se também, conforme o quadro, que quase metade dos catadores cadastrados está concentrada na região Sudeste, que apresenta o maior número de unidades. Um avanço significativo foi possibilitado pelo reconhecimento da ocupação de catador/a de material reciclável na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), o que permitiu a obtenção desses dados.

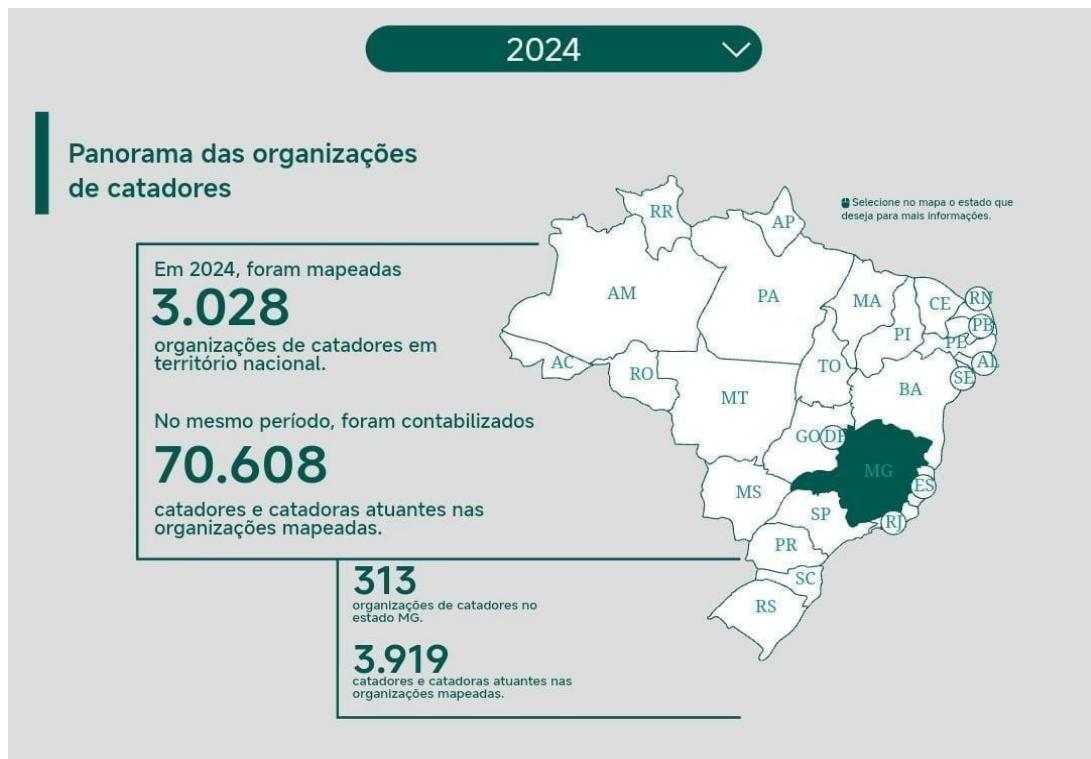
Segundo o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), "Há diversas estimativas de catadores variam entre 300 mil até 1 milhão de pessoas sobrevivendo da coleta de materiais recicláveis no Brasil [...]", com uma média de aproximadamente 800 mil catadores e catadoras exercendo essa atividade no país. De acordo com o MNCR, as mulheres representam cerca de 70% dos catadores, conforme estatísticas de 2017.

Diferentemente do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) que abrangem todos os tipos de catadores de forma individual, dispomos do Anuário da reciclagem, que contabiliza as organizações de reciclagem. Tal anuário foi desenvolvido pelo Instituto Pragma, cuja é uma associação sem fins lucrativos que visa promover ações que possam auxiliar na sustentabilidade de nosso planeta

Desta maneira, o Anuário da reciclagem passa a ser uma ferramenta que ampara a economia da reciclagem e a reflexão de um modelo mais sustentável. Assim o Anuário apresenta um “raio x” do segmento do Brasil, logo salienta assuntos importantes como o perfil demográfico dos catadores, proporção homens e mulheres dentro da reciclagem, as respectivas rendas, preço dos materiais comercializados dentro da reciclagem, os municípios que possuem coleta seletiva e os impactos ambientais que a reciclagem pode amenizar.

Dados mais recentes de 2024 de acordo então com o Anuário da reciclagem que como vimos reúne informações de suma importância e de forma mais detalhada sobre a reciclagem no Brasil temos que ano passado foram mapeadas 3.028 organizações de catadores em todo território nacional (Figura 5). Além de nessa mesma área que foi mapeada contar 70608 catadores e catadoras nessas organizações e que graças a essas organizações foram recicladas 1.689.489,12 toneladas de resíduos.

**Figura 5- MAPEAMENTO DE ORGANIZAÇÕES DE CATADORES DE RECICLÁVEIS NO BRASIL E NO ESTADO DE MINAS GERAIS EM 2024**



**FONTE:** ANUÁRIO DA RECICLAGEM,2024

No estado de Minas Gerais, o Anuário aponta a existência de 313 organizações dedicadas à reciclagem, que reúnem um total de 3.919 catadores. Juntos, esses trabalhadores foram responsáveis pela recuperação de 150.156,22 toneladas de resíduos recicláveis, conforme quadro 3.

A partir das informações contidas no quadro 3 dos resíduos recuperados para a reciclagem temos que o papel no estado de Minas Gerais é o mais recuperado, possivelmente devido a sua facilidade de se coletar, seguidos pelo plástico e vidro, já outros podem-se aqueles cujos são de difícil acesso a coleta ou recuperação.

**QUADRO 3-RESÍDUOS RECUPERADOS NO ESTADO DE MINAS GERAIS EM 2024 PELAS ORGANIZAÇÕES.**

<b>Tipo de Resíduo recuperado</b>	<b>Quantidade em toneladas</b>
Papéis	73.274,95
Plástico	28.120,63
Vidros	33.563,69
Metais	15.065,09
Outros	131,86
<b>Total</b>	<b>150.156,22</b>

**Fonte:** Anuário da reciclagem. Org. VILELA, L.S,2024

Percebe-se que no estado no ano de 2024 teve uma significativa quantidade de resíduos reciclados, desta forma vemos a importância significativa que o trabalho dos catadores tem sobre o meio ambiente, contribuindo para um desenvolvimento sustentável de qualidade.

Apesar da grande importância dos catadores para o Brasil, os dados do anuário mostram que esses trabalhadores essenciais para o processo de reciclagem não são devidamente valorizados. Eles recebem salários muito baixos, com uma renda média nacional de aproximadamente R\$1.305,65.

A situação é ainda pior em Minas Gerais, onde a média cai para R\$1.168,60. Esses números evidenciam a desigualdade social enfrentada pelos catadores, que vivem em condições financeiras precárias e lutam para sobreviver com o pouco que ganham, tornando-se extremamente vulneráveis.

Ao analisar outros estados para comparar as respectivas rendas dos catadores, observa-se que Mato Grosso apresenta a maior média salarial, chegando a R\$1.724,48. Por outro lado, a situação é extremamente preocupante em Roraima, onde a renda média dos catadores é de apenas R\$383,33. Esse valor é alarmante, pois torna inviável a sobrevivência de um trabalhador e sua família, dificultando até mesmo o acesso à moradia, levando muitos a viverem em condições precárias, como nas ruas.

## 2.4 Importância da atividade de catadores na reciclagem

A reciclagem de materiais tem se tornado cada vez mais significativa devido ao alto volume de resíduos gerados. Dessa forma, a busca pelo desenvolvimento sustentável se intensifica, devido à mesma abranger a conservação e manutenção do meio ambiente, uma vez que os impactos ambientais e a escassez dos recursos naturais em que o planeta vem sofrendo já foram amplamente divulgados.

De acordo com Zaneti (2003, p.26) o mundo se apresenta como altamente moderno e em decorrência dos hábitos de uma sociedade considerada capitalista, o meio ambiente tem sofrido vários impactos ambientais provenientes do consumismo, oriundos de produtos com alto desenvolvimento tecnológico, industrializados e alguns tóxicos, esses quando são descartados acabam se tornando resíduos que provocam sérios danos ao planeta.

Observa-se que a geração de resíduos está diretamente ligada às necessidades humanas, sendo um processo inevitável. Os resíduos não desaparecem espontaneamente; pelo contrário, à medida que a população cresce e o consumo aumenta, a quantidade e a variedade de resíduos também se expandem, tornando a gestão adequada desses materiais um desafio cada vez maior. (TENÓRIO; ESPINOSA, 2004).

Há uma enorme complexidade para se chegar à correta definição para o tema resíduo sólido, porém, a que se classifica melhor é a (ABNT, 2004), Norma Brasileira NBR 10.004 que conceitua o mesmo como:

Resíduos Sólidos são resíduos nos estados sólidos e semissólidos, que resultam de atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços de varrição. Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpos de água, ou exijam para isso solução técnica e economicamente inviável em face à melhor tecnologia disponível.

De acordo com a NBR 10.004, os resíduos sólidos abrangem muito mais do que o lixo comum, incluindo diversas substâncias, como os lodos provenientes do tratamento de água, que também são classificados como resíduos. Dessa forma, um descarte adequado é essencial para minimizar os impactos ambientais e proteger a saúde da população.

Assim os resíduos sólidos se fazem presente a todo momento na vida das pessoas, eles incluem uma variedade de materiais, como plástico, papel, vidros, metais, tecidos, resíduos orgânicos e eletrônicos, que desta forma pode ser considerado como um problema ambiental em todo o mundo, se não for corretamente descartado.

Nesse contexto, NBR 10.004 (ABNT, 2004), traz que os resíduos sólidos, são provenientes de atividades humanas, fazendo parte de sua natureza a sua geração, podendo ocasionar pontos negativos se não forem gerenciados de forma correta. Essa norma classifica os Resíduos Sólidos a partir de sua origem como resíduos sólidos urbanos, industriais, de serviços de saúde, de portos, aeroportos, terminais rodoviários e ferroviários, resíduos agrícolas, de entulho e resíduos radioativos.

Segundo Freitas (2012), é dever de todos, produzir e partilhar o desenvolvimento limpo, favorecendo a saúde, com a preocupação do princípio da sustentabilidade. Sustentabilidade essa, considerada por Valenga e Stefani (2021) como sendo a qualidade de vida para a população e, consequentemente, visando a conservação e a preservação do meio ambiente.

Assim, a maioria dos municípios brasileiros apresenta como soluções para a minimização dos impactos ambientais provenientes dos resíduos, a reciclagem, a coleta seletiva para então se ter a destinação correta, que seria em aterros sanitários. Todavia, não são todos os municípios que possuem programas e projetos que visam esses pontos e consequentemente, não são todos que possuem aterros sanitários e os que possuem a população não participa de forma colaborativa, como separar os resíduos orgânicos cujos podem ter outra funcionalidade, por exemplo, fertilizantes para o solo, ou os recicláveis.

Entendendo então o que seria a reciclagem, temos em Trennepohl, 2019:

[...] processo de transformação dos resíduos sólidos que envolvem a alteração das propriedades físicas, físico-químicas ou biológicas, com vista a transformação de insumos ou novos produtos, observados as condições e padrões estabelecidos pelos órgãos competentes do Sisnama e se souber do SNVS e do Suasa (art.3º, XIV da lei 12.305/2010)

De acordo com a lei 12.305/2010 temos então que a reciclagem é o processo de transformação dos resíduos sólidos, entretanto para que esses resíduos possam ser transformado em novos produtos reutilizáveis se faz necessário o segmentos de normas

e padrões de alguns órgãos específicos, como Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama), cujo é responsável pela qualidade ambiental do Brasil , e ainda o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária (SNVS) e do Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (Suasa).

Ainda para Alencar (2005 p.6) define a reciclagem como: "resultado de uma série de atividades pelas quais os materiais que se tornaram lixo ou que sejam lixo, sejam desviados, coletados, separados e processados para serem usados como matéria prima na manufatura". Desse modo o autor ressalta que a reciclagem passa por diversas etapas até se transformar em matéria prima, promovendo sua reutilização e a redução dos impactos ambientais vindos dos resíduos, necessitando para isso de uma mão de obra específica.

Portanto direcionando para essa linha de minimização, apresenta-se aqui os catadores de materiais recicláveis, que fazem parte dessa cadeia que buscam a preservação do meio ambiente e ao mesmo tempo acham uma forma de estarem trabalhando e se destacando cada vez mais.

Percebe-se então que os catadores de materiais recicláveis, podem proporcionar uma significativa cooperação na sustentabilidade a partir da gestão dos resíduos sólidos, ajudando a diminuir o número de resíduos para aterros sanitários e até mesmo o descarte incorretos em lixões, assim, a partir de seus trabalhos, eles conseguem inserir um material novamente no mercado, gerando um ciclo produtivo.

O catador de material reciclável é um trabalhador que recolhe os resíduos sólidos recicláveis e reaproveitáveis, como papelão, alumínio, plástico, vidro, entre outros. É ele o nosso guardião do lixo saudável que jogamos fora todos os dias, pensando nós que existe um “fora” quando estamos todos dentro de um mundo que exige cuidados da nossa parte (Trajano, 2024)

A autora ressalta a grande importância dos catadores de materiais recicláveis para o correto gerenciamento dos resíduos sólidos, visto ser considerado como um guardião do lixo, ou seja, esse catador acaba sendo responsável pelo reaproveitamento dos resíduos, evidenciando que tudo que descartamos, pode futuramente causar sérios impactos, demonstrando que precisamos de mais responsabilidades de nossa parte também.

E ainda destaca que “embora exerçam um trabalho tão bonito para o meio ambiente, os catadores de materiais recicláveis, na sua grande maioria, vivem duramente, não sendo reconhecidos muitas vezes como profissionais”. Na verdade, mesmo desempenhando um importante papel na preservação do meio ambiente e contribuírem para a economia circular, acabam não sendo valorizados, trabalhando informalmente, muitas vezes em condições precárias, observando-se assim a necessidade de políticas públicas, que visem a proteção e direitos desses catadores.

No cotidiano de trabalho dos catadores, o material reciclável não é apenas uma matéria prima que se troca por dinheiro. Para esses trabalhadores, a catação de materiais ajuda a garantir a continuidade da vida. O material reciclável também gera reflexão, pois pode representar o fortalecimento, a conscientização e a preocupação com a realidade, muitas vezes, desumanam, que os catadores vivenciam (Souza, Pereira, Calbino, 2019, p.226)

Dessa forma, a catação de materiais recicláveis vai além de uma simples troca por dinheiro, tornando-se a principal fonte de subsistência destes trabalhadores. Por meio dessa atividade, eles não apenas garantem o próprio sustento, mas também o de suas famílias, assegurando a continuidade da vida. Além de representar uma forma de resistência e sobrevivência, esse trabalho contribui significativamente para a sustentabilidade do planeta.

## **2.5 Políticas públicas e iniciativas de apoio aos catadores de reciclagem**

Diante da grande geração de resíduos sólidos, de forma contínua e diária no país, como já vimos, se faz necessário a elaboração de diretrizes que sejam capazes de promover uma transformação de forma significativa do gerenciamento dos resíduos no Brasil, juntamente com a contribuição dos catadores que são peças-chaves na implementação de políticas públicas, promovendo a sustentabilidade, a inclusão social e econômica.

Os catadores de reciclagem, conforme Gonçalves (2002) aponta, vêm demonstrando interesse em se organizarem através de associações e cooperativas que visem mobilizar e auxiliar em seus trabalhos de coleta, fortalecendo desta maneira essa categoria que é tão vulnerável. Ressaltando que os catadores vão além de associações ou cooperativas, se organizando de outras formas:

Sob tal prisma, a atividade dos catadores de materiais recicláveis se destaca cada vez mais. Tal atividade pode ocorrer de forma individual, organizada em cooperativas, ou outras formas coletivas como associações e redes de coleta. As cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos são ainda emergentes no Brasil. (Schneider, Costa, Mesquita, 2017, p. 106)

Os autores ressaltam que as atividades de catação não ocorrem somente de forma organizada, mas na maioria dos casos de forma individualizada, visto que as cooperativas ainda estão na fase de crescimento no Brasil, demonstrando que ainda não estão estáveis. O objeto de estudo desta pesquisa em específico não é considerado uma cooperativa e sim uma forma de organização não legalizada, levando à informalidade dos catadores que trabalham nela.

Desta maneira, com a estruturação de políticas com leis e normas e organizações, esses catadores poderiam se beneficiar mais de várias formas como: uma maior valorização e assim maior renda e respectivamente tendo o reconhecimento profissional, com acesso a seus devidos direitos e benefícios.

Temos assim, primeiramente a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), que apresenta a grande importância dos catadores de recicláveis pela Lei 12.305/2010, logo há o reconhecimento dos catadores, visando também ressaltar a importância de cooperativas de catadores dentro das coletas seletivas, com planejamento de separação de resíduos, facilitando a reciclagem e o reaproveitamento, além de programas e apoio financeiro necessário para estarem se formalizando. Ou seja, a PNRS além de reconhecer e valorizar os catadores, ainda recomenda medidas que visam o correto gerenciamento dos resíduos.

Já a legislação de Minas Gerais sobre destinação dos resíduos sólidos está prevista na Lei Estadual nº18.031, de 12/01/2009, que institui a Política Estadual de Resíduos Sólidos. Esta lei estabelece diretrizes, objetivos e instrumentos para a gestão integrada dos resíduos sólidos no estado.

Sendo um sistema planejado e coordenado, por variados setores presentes na sociedade, com o objetivo de promover a redução, reutilização, reciclagem e destinação final ambientalmente adequada dos resíduos. Desta maneira, essa legislação busca o controle dos resíduos promovendo práticas que minimizem os impactos ambientais

Dispomos também da LEI Nº 14.260, DE 8 DE DEZEMBRO DE 2021 que estabelece o estímulo à indústria da reciclagem juntamente com fundos de apoio e investimentos:

Art. 1º Esta Lei estabelece incentivos fiscais e benefícios a serem adotados pela União para projetos que estimulem a cadeia produtiva da reciclagem, com vistas a fomentar o uso de matérias-primas e de insumos de materiais recicláveis e reciclados (art. 44 da Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010)

Ressaltando que esta lei visa impulsionar a cadeia produtiva da reciclagem, com o intuito de incentivar o uso de materiais recicláveis, assim empresas e indústrias, teriam por exemplo a redução de impostos, dentre outras vantagens, gerando assim mais reutilização e menos desperdícios.

A resolução do CONAMA nº 275/2001 de 2001, que vemos muito no nosso dia a dia, trata-se da diferenciação dos resíduos a partir de determinadas cores, facilitando desta forma, tanto a coleta seletiva como a reciclagem dos materiais recicláveis. As cores mais utilizadas são justamente para aqueles resíduos que mais descartamos como o azul para papel/papelão, o verde para vidros, amarelos para metais e vermelho para os plásticos.

Percebe-se assim, que ultimamente, vários órgãos ou instituições vão surgindo, de forma a contribuir e apoiar os catadores de reciclagem, entretanto, vale ressaltar que a partir de toda essa problematização do trabalho informal e com enfoque nos catadores, se é notório que a um déficit, deixando a desejar, em se tratando deste apoio e contribuição sobre os mesmos.

Verifica-se que todas essas leis ambientais e resoluções, mesmo reconhecendo a importância da reciclagem e dos catadores, deixam a desejar na prática. Não garantindo desta forma melhorias nas condições de trabalho e vida desses catadores. É notório que falta fiscalização, pois ainda há muitos municípios que não aderem a implementação de políticas e apoio aos catadores.

A fim de mudar um pouco essa situação e ajudar os catadores, destaca-se a descrição de quatro organizações que se sobressaem pelos seus grandes projetos. Contando com o Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis (O CIISC), o Movimento Nacional

dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), Atlas Brasileiro da Reciclagem e o Ecycle.

Conforme o decreto de 13 de fevereiro de 2023 que apresenta o comitê de inclusão social de catadores: “Institui o Programa Diogo de Sant’ Ana Pró -Catadoras e Pró-Catadores para a Reciclagem Popular e o Comitê Interministerial para Inclusão Socioeconômica de Catadoras e Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis. (art. 84, *caput, inciso VI*)

Assim o CIISC defende a inclusão tanto social como econômica dos catadores, contribuindo de forma positiva para a melhoria de vida desses trabalhadores, zelando pelo bem-estar, tentando reduzir as desigualdades e ao mesmo tempo contribuindo com o desenvolvimento sustentável, ressaltando também que esse comitê é o principal responsável para as implementações de políticas públicas que auxiliem esses profissionais.

Mas enfim, o que seria esse movimento MNCR, cujo já foi citado em subitens dessa pesquisa? O MNCR é um movimento que veio para apoiar e ajudar nas organizações das lutas que os catadores de recicláveis sempre enfrentam, contribuindo de forma significativa para a melhoria de condições de trabalho para essa classe, conforme o site do movimento apresenta a saúde e a educação são primordiais e trabalham junto com a coleta seletiva que auxiliam na conscientização e sensibilização da população para um melhor resultado.

O site da Ecycle trata a realidade dos catadores materiais recicláveis e suas organizações, apresentando informações que ajudam na prática de sustentabilidade, trabalhando com temas importantes, como compostagem, coleta seletiva, além de ajudar a encontrar um local para descartes corretos, além de dicas de como fazer a correta separação em casa dos resíduos e mostrar o que seria materiais recicláveis e não reciclável conforme o quadro 4:

**QUADRO 4:- ESPECIFICAÇÕES DE MATERIAIS QUE PODEM E QUE NÃO PODEM SER RECICLADOS**

<b>Recicláveis</b>		<b>Não recicláveis</b>
<b>Papel</b>	Para escrever: cadernos, papéis gerais; Jornais, panfletos; de embrulho, papel de seda  Papéis para fins sanitários: papel toalha,	Papel vegetal; Celofane  Papéis encerados ou impregnados com substâncias impermeáveis, fotografias;  Papel carbono; Papéis sujos, engordurados ou contaminados com substâncias nocivas à saúde
<b>Plásticos</b>	Todos os tipos de embalagens outros produtos domésticos  Tampas plásticas de recipiente  Embalagens de plástico de ovos, frutas e legumes  Utensílios plásticos, como canetas esferográficas, escovas de dentes, baldes, artigos de cozinha, copos, etc.	Plásticos (tecnicamente conhecidos como termofixos)  Embalagens plásticas metalizadas, como as de bolachas e salgadinhos  Plástico tipo celofane  Acrílico, cabo de panela, espuma, fraldas descartáveis e absorventes
<b>Vidros</b>	Garrafas de bebidas alcoólica e não alcoólica  Frascos em geral; potes de produtos de alimentos  Cacos de qualquer dos produtos acima	Espelhos, vidros de janelas; Lâmpadas  vidros de automóveis  Tubos de televisão e válvulas, cristal, ampolas;
<b>Metal</b>	Folha-de-flandres: latas de óleo, sardinha, creme de leite, fio de cobre, alumínio, lata refrigerantes, cerveja, chás etc.	Lata de aerosol Esponja de aço  Lata de tinta e verniz

**Fonte:** Ecycle, 2024; Org. VILELA, L.S, 2024

Como vemos, embora vários produtos possam ser reciclados, nem todos são considerados viáveis, havendo exceções, ou seja, a reciclagem, embora seja considerada como grande fonte de recursos que podem ser reutilizáveis, não é especificamente a solução para um ambiente igualitariamente sustentável, sendo necessário a junção de todas as práticas, como redução, a compostagem, entre outros que possam colaborar de maneira satisfatória para a gestão de resíduos.

O Atlas Brasileiro da Reciclagem traz a proposta de um projeto que proporciona o fornecimento de dados através de associações e cooperativas de catadores, visando de forma confiável, expondo o conjunto da cadeia de recicláveis, informações estas, graças aos materiais que são coletados e encaminhados para a reciclagem, seja por meio de catadores, sistemas de coletas ou pequenas e grandes cooperativas de recicláveis.

Pelo Atlas é possível também ver o mapa da reciclagem, onde com um clique no estado desejado, ele fornece dados sobre o quantitativo de cada tipo de material coletado, sendo parecido com o Anuário da reciclagem, já usando nessa pesquisa para a obtenção de dados.

A diferença do Atlas para o Anuário, é que o mesmo possibilita pesquisar por municípios e ao analisar Ituiutaba, município foco da pesquisa, constatou-se que há apenas um empreendimento de reciclagem, que registrou a coleta de 453 mil toneladas no ano de 2022, conforme os dados do Atlas da Reciclagem.

Desta maneira essas organizações de plataformas auxiliam de diversas formas os catadores, tanto com apoio, como visibilidade, informações e incentivos para essa categoria que sempre são considerados marginalizados e vulneráveis.

### **3. O TRABALHO INFORMAL DOS CATADORES DE RECICLÁVEIS EM ITUIUTABA-MG**

#### **3.1 Os catadores de recicláveis do setor sul**

Assim como outras cidades do Brasil, em Ituiutaba-MG, também pode ser observada a presença do trabalho informal. Mesmo tendo uma economia diversificada, com indústrias, agricultura e comércio, a cidade enfrenta desafios relacionados à força de trabalho precarizada. Assim, a pesquisa buscou enfatizar como objetivo principal compreender o trabalho informal dos catadores de materiais recicláveis, especificamente no setor Sul de Ituiutaba-MG.

O setor Sul conta, até o momento, com 20 catadores de recicláveis (quadro 5) que serão apresentados por “nomes fictícios”, para assim preservarem as suas identidades e ficarem mais receptivos e à vontade com as entrevistas realizadas, visto que trabalham informalmente de forma contínua e diária.

Vale ressaltar que a pesquisa não busca o quantitativo, ela se direciona mais no exploratório e qualitativo, contextualizando sobre o sentido do trabalho de um grupo de trabalhadores informais, buscando interpretar a partir das entrevistas, as respostas de cada trabalhador na pesquisa, conforme Martinelli (1999) ressalta que o importante não seria a quantidade de entrevistados que proporcionarão dados e sim o significado que esses trabalhadores representam no contexto.

Considerando que grande parte desses catadores já está nessa atividade há vários anos como a Maria, que está nessa profissão há 50 anos, enquanto outros têm entre 1 e 7 anos de experiência, surge uma reflexão: será que aqueles que estão há mais tempo se acomodaram, ou realmente não existem outras oportunidades ou qualificação para conseguirem um trabalho formal?

Esta reflexão nos leva a várias hipóteses, pois há diferentes fatores que podem ser respondidos, como realmente a falta de oportunidades, devido a muitos destes catadores, não ter tido a chance de acesso aos estudos e muito menos uma qualificação, tendo assim dificuldades no mercado de trabalho, logo a opção de estarem nessas atividades por acomodação, seria improvável, visto que esta modalidade é considerada como um trabalho árduo, difícil e sem valorização.

**QUADRO 5: RELAÇÃO DE NOMES FICTÍCIOS E O TEMPO DE TRABALHO COMO CATADOR(A)**

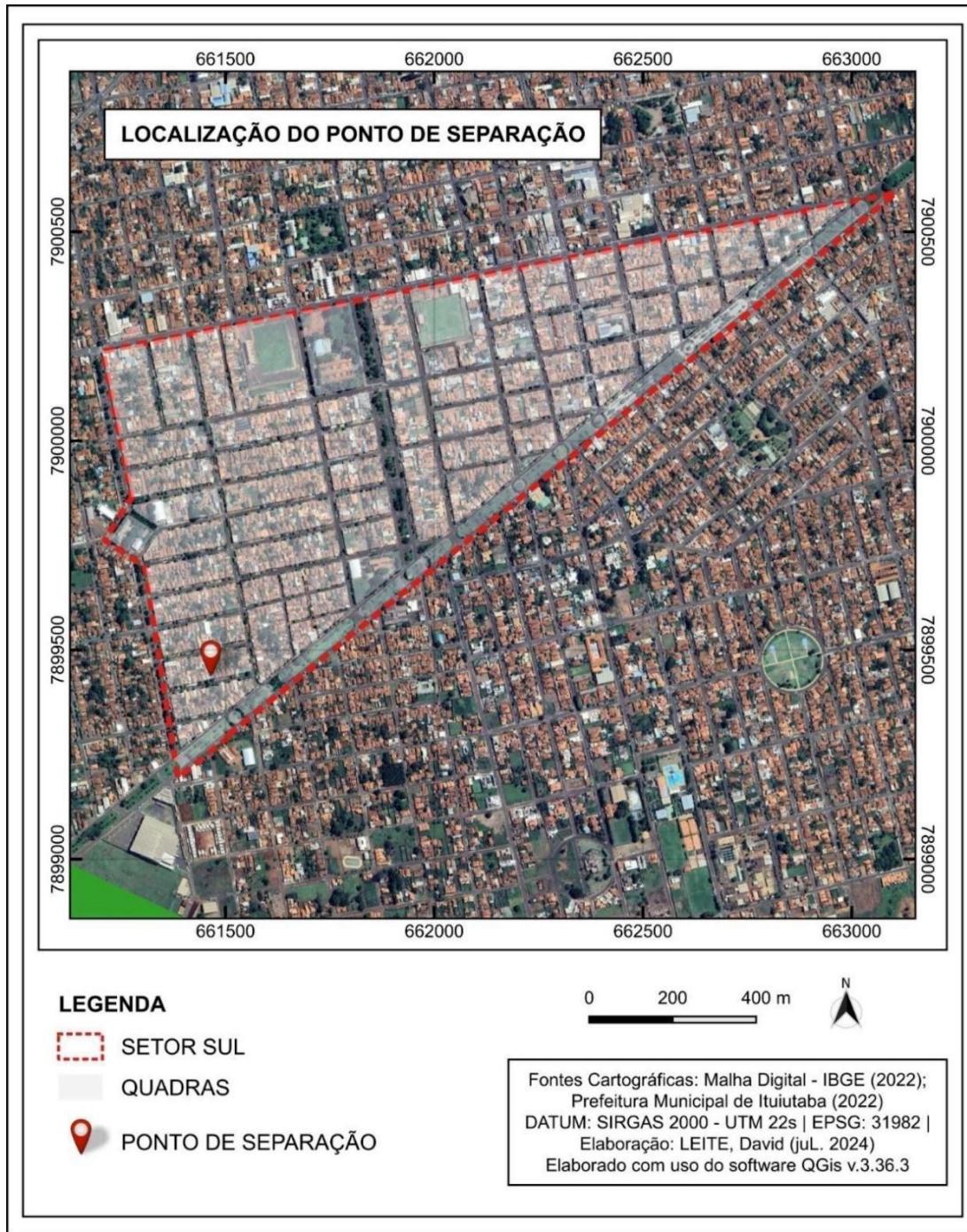
<b>Nome Fictício</b>	<b>Tempo de Trabalho</b>
1- Pedro	5 anos
2- Maria	52 anos
3- Rita	7 anos
4- Francisco	3 anos
5- Marcos	5 anos
6- Sebastião	6 anos
7- Josefa	1,5 anos
8- Carlos	5 anos
9- Manoel	3 anos
10- Isabel	3 anos
11- Cícero	1 anos
12- Romeu	6 meses
13- Luiz	1,5 anos
14- Cleusa	6 anos
15- José	3 anos
16- Ricardo	4 anos
17- Antônio	2 anos
18- Rita	2 ano
19- Maria do Carmo	3 anos
20- Joaquim	1 ano

**Fonte:** VILELA, L.S, 2025

Todos esses 20 catadores se reúnem em um local já existente na rua 47 (ver figura 6), realizando as atividades de coleta e triagem de resíduos de segunda a sábado, totalizando 6 dias por semana. Esses catadores recebem pagamento por dia trabalhado, o

que além da necessidade, incentiva a sua presença constante e o engajamento nas atividades de reciclagem.

**Figura 6- MAPA - ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL - LOCAL DOS CATADORES DE RECICLÁVEIS NA RUA 47**



**Fonte:** LEITE, David, 2024

O local em questão é um terreno que não se enquadra como um terreno baldio ou abandonado, pois ele é cedido por uma catadora (*que para manter a sua identidade, denominou-se como a Maria*) que mora ao lado e, portanto, é a dona do local. No

entanto, ela não é considerada a patroa, mas sim apenas mais uma trabalhadora informal, igual aos demais catadores:

Meu esposo - que Deus o tenha, iniciou esse serviço aqui do lado de casa, tudo que ele vinha de interesse, ia pegando e trazendo pro terreno, no fim das contas, mais gente foi juntando e levando e dali em diante foi crescendo, ele já foi achando comprador pra aquele lixo que juntavam e já foi conseguindo pagar aquele pessoal que ajudava a juntar. Ele deixou essa história, essa conquista que hoje em dia meu filho toma conta, por isso não me considero uma patroa, sou igual aos outros (Maria)

Iniciamos então, com esse relato da Maria, umas das pioneiras do trabalho de catação, percebemos que ela segue esse legado, a partir da visão de empreendedor de seu esposo que cedeu um terreno para tudo começar e temos hoje essa organização de coleta de materiais recicláveis, com o incentivo de ajudar outras pessoas com aquilo que muitos da sociedade descartam como algo que não presta mais.

Essa catadora, de 69 anos, conta com muito orgulho como tudo começou, ela está envolvida nessa atividade há mais de 50 anos. Apesar de atuar de forma informal, ela adquiriu vasta experiência na catação junto com seu marido. Ela destaca que, com esse trabalho, criaram seus quatro filhos, um dos quais ainda hoje gerencia o negócio, sendo a fonte de sustento da família. Com isso, percebe-se o lado bom dessa organização, resultando em um lugar que é considerado mais que um negócio, mas sim uma atividade construída com dignidade e esforço conjunto, servindo como uma rede de apoio, ajudando outras pessoas que procuram trabalho, abrindo suas portas para quem precisa, conforme enfatiza a catadora.

Maria possui uma vasta experiência na atividade, o que contribui para a organização do trabalho na catação. Sua vivência permite identificar maneiras mais eficientes de agilizar os processos, organizar a separação dos resíduos de forma produtiva e observar se os demais catadores estão desempenhando corretamente suas funções.

A partir de conversas com a catadora, foi possível perceber o quanto aquele local está profundamente ligado a sua trajetória de vida ali, criou seus quatro filhos e permaneceu mesmo após a perda do marido. Ela compartilha que a caminhada nunca foi fácil, enfrentando mais dificuldades do que conquistas. Atualmente, aposentada e não dependendo mais da catação como principal fonte de renda e com todos os filhos casados, afirma que sua vida está em uma fase tranquila. Segundo suas palavras, todo

sofrimento ficou no passado, e hoje se considera como uma pessoa rica, levando em conta tudo o que superou ao longo da vida.

Conforme observado na figura 7, o ponto de coleta é simples, sem sofisticação e com pouca organização. No entanto, ele serve como um local essencial para o agrupamento dos catadores, que realizam as atividades de separação e triagem dos materiais recicláveis.

**Figura 7- ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- PONTO ONDE REÚNEM PARA TRABALHAR**



**Fonte:** VILELA, L.S, 2024

Apesar da simplicidade e dos poucos recursos disponíveis, esse ponto se torna crucial para a reciclagem. É neste local que os catadores conseguem obter alguma fonte de renda, mesmo trabalhando de forma informal e precarizada. A organização básica e o esforço conjunto permitem que eles desempenhem um papel importante na gestão de resíduos e na promoção da sustentabilidade ambiental, pois sem eles a reciclagem seria bem menos eficiente.

A coleta de dados e as visitas ao campo proporcionaram uma compreensão mais ampla dos catadores, abrangendo suas histórias de vida, perspectivas para o futuro, desafios atuais, motivações para ingressar nessa atividade e suas expectativas para os próximos anos. Logo, foi possível conhecer não somente os seus perfis econômicos, mas também a realidade dos catadores de recicláveis.

Analizando as respostas de forma quantitativa temos a faixa etária, bem como a distribuição de gênero entre os 20 catadores estudados. Das entrevistas realizadas com 20 catadores, 13 são homens, com idades entre 19 e 59 anos, e 7 são mulheres, com idades entre 38 e 69 anos. Isso indica uma predominância de catadores sendo homens, em contraste com as estimativas mencionadas nesta pesquisa, que sugerem uma maior porcentagem de catadores sendo mulheres. Além disso, observa-se que os catadores homens são, em média, mais jovens do que as catadoras.

De maneira geral, quando se pesquisa a existência entre mulheres e homens como catadores de materiais recicláveis, sempre há uma predominância de mulheres, logo lideram, porém no caso da pesquisa estamos tratando do assunto ao contrário, pois indica mais homens, acreditando desta forma que estudos locais devem sofrer variações, ou até mesmo devido a essas catadoras da pesquisa já serem marginalizadas, evitando assim o seu quantitativo dentro desse ponto de catação.

Adentro nas questões de gênero e classe no ingresso do mercado de trabalho, Antunes (2009) ressalta a desigualdade da divisão sexual no trabalho:

Mas é isso tem sido central o capital incorpora o trabalho feminino de modo desigual e diferenciado em sua divisão sociais e sexuais do trabalho. Vimos anteriormente, com base nas pesquisas referidas, que ele faz precarizando com intensidade maior o trabalho das mulheres. Os salários, os direitos, as condições de trabalho, em suma, a precarização das condições de trabalho tem sido ainda mais intensificada quando, nos estudos sobre o mundo fabril, o olhar apreende também a dimensão de gênero (ANTUNES,2009 p.105)

Em suma, a discussão do autor permite observar, na pesquisa, a divisão social de gênero no trabalho dos catadores de recicláveis. As mulheres frequentemente desempenham suas funções com um nível de aperfeiçoamento igual ou superior ao dos homens. No entanto, mesmo na informalidade, elas têm rendimentos inferiores aos homens e não conseguem completar a mesma carga horária.

**Figura 8-: ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- CATADORAS REALIZANDO OS SEUS TRABALHOS**



**Fonte:** VILELA, L.S,2024

Essa imagem retrata essas mulheres, dedicadas, concentradas, sem equipamentos de segurança, manuseando e separando os recicláveis sem nenhuma proteção, como observado, onde se é improvisado até um banquinho para se sentarem e realizarem suas atividades, demonstrando desta forma a insalubridade. Isso devido ao simples fato de serem mulheres, geralmente consideradas mais frágeis, e teoricamente não conseguirem seguir a mesma carga horária de homem e não coletarem a mesma quantidade de materiais, o que justificaria os salários mais baixos e também a discriminação só porque são mulheres. Enquanto um catador pode ganhar até R\$ 1.400 mensais, trabalhando 45

horas semanais, algumas catadoras conseguem apenas R\$ 750, ou seja, quase metade do salário de um catador.

Mesmo assim, se percebe que não só as mulheres, mas que muitos estão ali, para manter de pé o “pão de cada dia” e ajudar o próximo, como visto que ao decorrer dos anos, o caso da catadora Maria, por exemplo, teve oportunidades de sair desta profissão e seguir para outras, como doméstica, trabalhar no frigorífico local totalmente formal, porém como já havia alguns anos naquele mundo e não tendo muitos benefícios a mais nesses outros trabalhos, ou até as vezes por medo do novo, preferiu seguir como catadora.

### **3.2 Cotidiano de vida e trabalho**

A partir de visitas até o local e com o auxílio das entrevistas de forma presencial, de aproximadamente 1 hora, possibilitou uma maior aproximação, de forma a facilitar o relato de experiências no trabalho, suas trajetórias de vida, condições de trabalho etc. Como já visto, a maioria dos catadores pertencem a uma faixa etária avançada, já com experiências e várias histórias, das quais algumas foram possíveis de serem conhecidas, a partir da proximidade como já dito.

No que diz respeito à escolaridade, é evidente que a falta de estudos pode dificultar a busca por melhorias e garantias de um trabalho digno com direitos trabalhistas. Isso leva a população a buscar alternativas viáveis em setores do mercado de trabalho que não exigem altos níveis de escolaridade e qualificação, como é o caso dos catadores de recicláveis. Visto que é a partir da educação, que os indivíduos podem ter a oportunidade de se qualificarem diante do mercado de trabalho tão competitivo.

**GRÁFICO 3-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- GRAU DE ESCOLARIDADE DOS CATADORES**



**Fonte:** VILELA, L.S, 2024

Ao analisar o grau de escolaridade desses catadores, constatamos que nenhum deles possui ensino superior, e nenhum completou o ensino médio. Entre os 20 entrevistados, 5 são analfabetos, 8 têm o ensino fundamental incompleto, 1 completou o ensino fundamental, e 4 têm o ensino médio incompleto. Vale ressaltar que esses catadores não estão no trabalho informal por falta de estudos ou por não quererem estudar ou buscar melhorias. Muitas vezes, a falta de oportunidades ou incentivos impede que frequentem a escola, obrigando-os a priorizar o trabalho. Em muitos casos, eles devem escolher entre trabalhar ou estudar, optando pelo trabalho para garantir sua sobrevivência ou ajudar a família desde cedo.

Em se tratando da naturalidade desses catadores, chegou-se à conclusão de que 9 dos 20 catadores não são naturais de Ituiutaba, mas vieram de Alagoas, o que levanta a importante questão da migração. Ituiutaba é bastante receptiva para receber cidadãos de outros estados, especialmente de Alagoas. Isso, no entanto, gera momentos de crítica entre os ituiutabanos, que se referem a eles como "alagoanos".

Aprofundando um pouco sobre essa recepção vinda de Alagoas, se dá conforme Fonseca e Santos (2011 p.3) destaca:

Concomitante à transferência de população do campo para a cidade, ocorre também o incremento populacional urbano decorrente de milhares de migrantes, sobretudo nordestinos, que se dirigem para a cidade de Ituiutaba

com o intuito de conseguirem um posto de trabalho nas agroindústrias canavieiras da região.

Como especificado pelos autores, a população geralmente realiza esse processo de migração em busca de melhores condições de vida. Ituiutaba se destaca como um destino atrativo devido às agroindústrias canavieiras, vistas como uma oportunidade para conseguir emprego e crescimento profissional, oportunidades essas que não estão disponíveis em suas cidades de origem.

Dessa forma, em busca de emprego e acreditando que serão bem empregados, essas pessoas migram com sonhos específicos, principalmente o de sustentar suas famílias. No entanto, a realidade pode ser um pouco diversa. Conforme retratado nesta pesquisa, a tecnologia vem transformando o trabalho, especialmente nas grandes indústrias, substituindo trabalhadores por máquinas.

Eu vim pra Ituiutaba, por causa de um primo meu que veio na frente e disse que eu poderia vim sem medo, que aqui era fácil de entrar numa usina e que eu ganharia muito em vista da minha cidade. Eu até entrei na usina, cortava a cana e ganhava por tonelada que conseguia cortar, mas daí veio umas tais de máquina que ia cortar no lugar da gente, e desandou tudo (Pedro)

Assim, muitos desses migrantes como o caso do Pedro, e não só migrantes, mas também trabalhadores no geral, que às vezes não possuem muita qualificação e educação, acabam encontrando outros meios de sobrevivência, muitas vezes informalmente, como no caso da catação de recicláveis. Durante a entrevista, foi questionado aos catadores sobre os trabalhos que exerciam anteriormente (quadro 6):

**QUADRO 6-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- EMPREGO ANTERIOR DOS CATADORES**

Emprego Anterior	Quantidade
Corte de cana	6
Frigorífico	3
Faxineira	3
Piscineiro	1
Balconista	1
Babá	1
Cozinheira	1
Trabalhador Rural	2
Entregador	2

**Fonte:** VILELA, L.S, 2024

Entre os 9 que vieram de Alagoas, 6 conseguiram emprego no setor canavieiro, que já era considerado precário, para outro, também precário, enquanto outros foram para um frigorífico no município, conhecido por contratar pessoas sem experiência prévia. Os demais tinham outras profissões.

Isso levanta a questão de porque essas pessoas acabam entrando no ramo da catação de materiais recicláveis. Muitos relataram que seus trabalhos anteriores eram pesados, que não eram reconhecidos profissionalmente, ou que foram dispensados pelas empresas devido a razões não informadas ou pela substituição por tecnologia.

Eu trabalhava na fazenda, com carteira assinada, tinha patrão e tudo, como férias, aquele salário extra no fim do ano, só que cai na bobeira de vim pra cidade, tentar uma coisa melhor, só que aqui as coisas são diferentes, pra entrar em qualquer lugar pede um tal de currículo pra fala de experiência. Minha experiência foi na roça, não conta muito numa cidade né, aí complica tudo, foi onde vi a chance aqui mexendo com catação (Pedro).

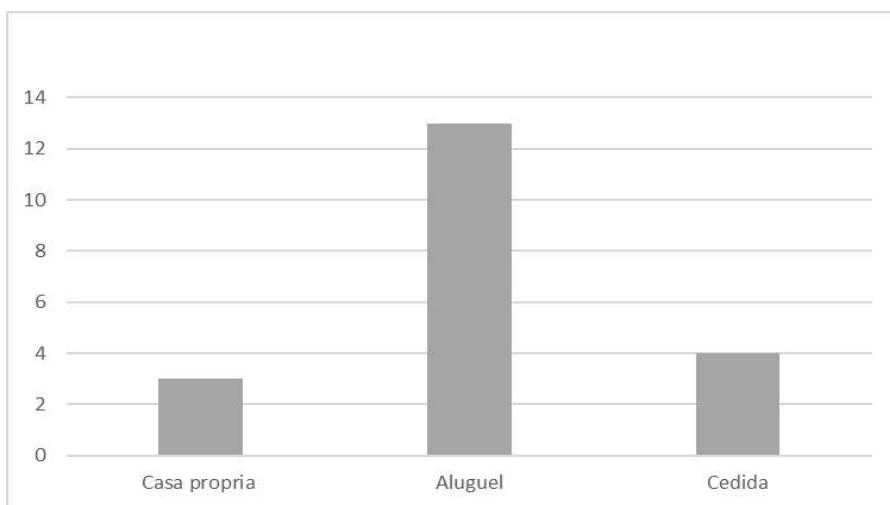
Segundo este catador, a experiência é um fator crucial para conseguir um emprego formal. O mesmo já se encontra nessa profissão de catador a 5 anos, sem chances de crescer e sobrevivendo daquilo que consegue com muito suor e esforço. Casado e com dois filhos, nessa vida de catação que o ajuda nas despesas da casa, só conseguindo com a ajuda de sua esposa que também trabalha de doméstica. Ele destaca a dificuldade de se adaptar, especialmente por ter vindo de uma área rural para a cidade,

enfrentando tanto a falta de qualificação quanto a falta de oportunidades. Isso é particularmente desafiador para aqueles que ainda não entraram na competição capitalista presente no mercado de trabalho.

Outro ponto avaliado é a questão da moradia. Quando questionados sobre o tipo de residência, apenas 3 dos 20 catadores possuem casa própria. Entre os 13 que moram de aluguel, estão incluídos os 9 que vieram de Alagoas e ainda não conseguiram adquirir uma casa própria, o que agrava sua situação devido à despesa mensal do aluguel. Além disso, outros 4 catadores vivem em casas cedidas ou de favor.

A maioria dos catadores possui famílias e vive com esposas, maridos e filhos, com uma média de 5 pessoas por família. Além disso, há aqueles que, já em idade avançada, moram com filhos e netos, em casas cedidas por parentes. Apenas 5 dos entrevistados vivem sozinhos. Isso evidencia a importância do trabalho na conquista da casa própria, pois os trabalhadores informais enfrentam grandes dificuldades para adquirir melhorias em suas condições habitacionais, reforçando assim a grande necessidade de políticas públicas que possam contribuir para o incentivo da inclusão social.

**GRÁFICO 4- ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- TIPO DE RESIDÊNCIA DOS CATADORES**



**Fonte:** VILELA, L.S,2024

Com base nas entrevistas, os resultados não são muito satisfatórios. A maioria dos trabalhadores vive em casas alugadas, totalizando 13 pessoas. Apenas 4 moram em casas cedidas e apenas 3 dos 20 trabalhadores possuem casa própria. Vale destacar que

esses três trabalhadores com imóvel próprio são também os mais velhos e um deles recebe algum tipo de benefício, como aposentadoria.

Analizando o gráfico e conforme a entrevista com Joaquim, que está somente a 1 ano como catador, mas já enxerga as grandes dificuldades por trabalhar na profissão sem carteira registrada, logo destaca que:

É impossível comprar uma casa, quando eles perguntam qual profissão e renda, e falo que sou um catador, já me olham diferente, acho que já pensam, esse aí, catando lixo, nunca que vai conseguir pagar a parcela de uma casa. Eles duvidam da nossa capacidade, mas é tipo assim se eu consigo pagar um aluguel, eu conseguiria pagar a minha casa (Joaquim)

Ressaltando o quanto são discriminados e a grande importância de se ter um trabalho formal, pois dos 3 que possuem casa própria, relataram que só conseguiram por estarem com carteira registrada na época, isso devido o registro financeiro proporcionar uma base mais sólida financeiramente, tendo um acesso mais fácil ao crédito, a maioria dos entrevistados ao questionar o tipo de residência e ao falarem que moravam de aluguel, relataram o sonho da casa própria, porém não possuem as oportunidades necessárias.

Dentre os entrevistados, 7 pessoas relataram que vão a pé para o trabalho (gráfico 5). A principal razão é a falta de recursos financeiros para adquirir outro meio de transporte. Além disso, essa situação reflete a ausência de crédito ou investimento necessário para comprar um veículo. Por fim, ao caminharem até o trabalho, já começam a coleta de materiais recicláveis que encontram pelo caminho, iniciando a jornada de trabalho desde o trajeto.

**GRÁFICO 5-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- TRANSPORTE FEITO PELOS CATADORES**



**Fonte:** VILELA, L.S,2024

Ao prosseguir com a análise do gráfico, observamos que 4 pessoas vão de bicicleta, 5 utilizam motos, 3 usam o transporte coletivo gratuito oferecido pela prefeitura, e 1 pessoa pega carona com outro catador. É importante notar que nenhum dos entrevistados possui um carro. Podendo então concluir que os catadores utilizam meios de transportes mais acessíveis ou gratuitos, demonstrando a fragilidade financeira e suas limitações devido aos seus cotidianos de vida e trabalho.

A partir do cotidiano desses catadores, analisamos que passam por grandes desafios em suas vidas, refletindo nas suas condições socioeconômicas, devido ao fato de que os mesmos, uma vez inseridos no trabalho informal, acabam ficando fragilizados e vulneráveis.

### **3.3 O trabalho da separação dos recicláveis até destinação final**

Os catadores iniciam suas atividades às 7 horas da manhã e terminam às 18 horas, tendo 1 hora de almoço, grande maioria já levam suas marmitas, por morarem longe e não dar tempo de voltar. Alguns como já foi visto não tem condições de transporte melhores para estarem indo, logo uns chegam bem cedo e já outros até atrasados por conta dos imprevistos, como relatado pela catadora Isabel, que também está nesse trabalho a 3 anos e comprehende bem já como lidar com as mais diversas situações:

Eu chego cedo, pra mim horário é horário, se me pedem pra estar aqui tal hora, eu estarei. O bravo que tem uns que atrasa, que a gente vê

que tá pirraçando o patrão. Todo dia fala uma desculpa, mas eu por exemplo venho de bicicleta e chego no horário. Isso é ruim pra esses caboclos mesmo, pois eles mesmos acabam se prejudicando. (Isabel)

Como observado, existem discordâncias entre os catadores, o que é comum em qualquer ambiente de trabalho que envolva um número considerável de pessoas. No entanto, há exceções. Quando essas pequenas desavenças são deixadas de lado, eles se mostram unidos, pois todos estão ali por necessidade e se ajudam mutuamente. Um exemplo disso é durante o café da manhã ou lanche: mesmo com o pouco que possuem, se juntam para comprar um café ou um lanche mais reforçado, proporcionando apoio uns aos outros para enfrentar o dia difícil que têm pela frente.

Os catadores já começam seu dia de trabalho cientes de suas funções específicas, como se cada um tivesse uma área determinada de atuação. Existem motoristas, coletores, separadores e aqueles responsáveis por prensar ou empacotar os materiais, deixando-os prontos para os receptores para a sua destinação final.

Primeiramente os catadores vão para os pontos de coleta, seja as ruas ou locais já estabelecidos, ou seja, aqueles em que já são combinados pelo patrão de que os próprios vão ser responsáveis por aquela coleta. Nisto vão coletando o material de seus interesses, como papelão, plástico e alumínio, com a ajuda de carrinhos para ir colocando os materiais coletados.

**Figura 9-: ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- CATADOR UTILIZANDO CARRINHO PARA SUAS ATIVIDADES**



**Fonte:** VILELA, L.S,2025

Nesta imagem, observamos a dona Josefa e o senhor Antônio, que estão nesse trabalho a quase dois anos, observando , nota-se que já são de idade, e vão para as ruas como uma forma de ajudar nas despesas de casa, visto que já são aposentados , mas garantem que o salário não é o suficiente para suprir todas as despesas que aparecem, além de ajudarem pessoas da própria família, como filhos e netos

Vemos que estão realizando o processo de coletagem, ou catação pelas ruas da cidade, essa parte do processo da reciclagem é considerada como sendo umas das mais difíceis, visto que exige grande esforço físico para empurrar o carrinho por grandes distâncias, além de enfrentarem os fatores climáticos, como, sol, chuva e frio.

Além disso, há pontos específicos, como comércios, supermercados e residências, que realizam a coleta diariamente, logo a carga acaba sendo bem maior, se

faz necessário a ajuda de dois caminhões pertencentes ao proprietário (figura 10). Para essa operação, são necessários motoristas: um sendo o próprio proprietário e o outro um funcionário que, no entanto, não possui carteira de habilitação.

**Figura 10:** ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- CAMINHÃO UTILIZADO NA COLETA



**Fonte:** VILELA, L.S,2024

O senhor Sebastião é quem dirige uns dos caminhões, já está sendo motorista nessa organização há quase 4 anos, porém ele já trabalha nesse ramo a 6 anos, começou ajudando nas catações nas ruas e logo viu que sendo motorista, seria mais tranquilo e menos pesado, do que andando de rua em rua. Mas quem sabe não seja apenas uma justificativa dele, por não ter as devidas oportunidades, não ter outras chances de crescimento, pois como vimos, os catadores enfrentam dificuldades, sejam elas financeiras ou mesmo a escolaridade, já que muitos deles não são alfabetizados, como é o caso desse catador. Logo, se ele tivesse outras oportunidades, com toda certeza, se abrisse novas portas para ele, até mesmo em outras áreas, não iria querer continuar sendo apenas um motorista.

Até aqui vimos que temos então um comércio informal, com trabalhadores informais, como o ponto de confinamento, com catadores que percorrem as ruas, coletando materiais de interesse como plásticos, metais e papelão, que são posteriormente levados para o local de separação.

Entendo a lógica desse circuito econômico Gonçalves (2006 p, 78.) apresenta que:

Os compradores de resíduos recicláveis reconhecidos pelos catadores como sucateiros, intermediários, aparistas, ou simplesmente compradores, participam desse circuito econômico como "receptores" dos resíduos recicláveis recolhidos por aqueles nas ruas ou nos lixões, ou com qualquer outro que queira comercializar quantidades relativamente dessa mercadoria.

Como descrito pelo autor, qualquer pessoa pode tomar a iniciativa de acumular e comercializar materiais recicláveis. Muitas pessoas desempregadas acabam entrando nesse setor por essa razão. No entanto, a pesquisa em questão trata especificamente de um ponto onde os trabalhadores atuam sob a supervisão de um "patrão", de quem recebem o pagamento. É necessário que todos os trabalhadores participem desse circuito para que o material reciclável chegue à sua destinação final, pronto para os compradores. (GONÇALVES 2006 p.79)

Neste emaranhado de relações informais de comércio, o que saiu dos centros urbanos como lixo, como coisa inservível, e foi levado para o local de disposição e confinamento, retorna novamente como resíduo reciclável, como mercadoria. O que foi expelido dos centros urbanos com custos para os poderes públicos municipais, retorna como propriedade dos intermediários.

Confinamento este, onde então a coleta, tanto realizada com carrinhos ou por caminhões são transportadas para o ponto, sendo como um “centro de triagem”, ou seja, na rua 47, do setor sul de Ituiutaba-MG. Lá todos os materiais coletados, são colocados dentro do terreno e logo temos suas separações de papelão, alumínios e plásticos.

**Figura 11-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- CATADORES EXERCENDO SUAS ATIVIDADES**



**Fonte:** VILELA, L.S,2024

A imagem retrata 3 catadores dentro do estabelecimento, exercendo suas atividades, enquanto dois deles separam os materiais de uma forma mais rigorosa e de forma manual, ou seja, os materiais são passados de um a um por suas mãos, para ter a

correta separação. E não somente a separação se faz necessário, pois muitos desses materiais precisam ser limpos, pois vários ainda vem com restos de comidas ou bebidas como as garrafas pet.

Se observar na imagem, temos um trabalhador perto de uma máquina verde, denominada de prensa, que amassa e comprime os materiais recicláveis, para facilitar a embalagem e depois seu transporte, com essa parte do processo facilita muito no processo da reciclagem, pois diminui o espaço e também aumenta o valor dos recicláveis, devido ao fardo pronto ficar mais pesado (figura 12)

**Figura 12-: ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL - FARDOS PRONTOS E EMBALADOS PARA O TRANSPORTE**



**Fonte:** VILELA.L, S,2025

Nessa etapa, percebemos o grande esforço dos catadores, que dedicam seus dias à coleta de materiais recicláveis. É graças ao trabalho árduo deles que se alcança esse resultado tão gratificante: além de garantirem seu sustento, contribuem significativamente para a preservação do nosso planeta.

Após todo o processo de reciclagem, o caminhão devidamente preparado está pronto para transportar os materiais até a indústria, onde serão transformados em novos produtos. No entanto, nessa organização, é mais comum que empresas previamente selecionadas realizem a coleta semanalmente. Elas compram os materiais diretamente das cooperativas ou organizações de reciclagem e os encaminham para as indústrias responsáveis pelo restante do processo, nesse caso temos os chamados “atravessadores”:

Em Ituiutaba-MG, no comércio dos materiais recicláveis, entre os catadores e a indústria da reciclagem, existe a mediação dos chamados “atravessadores”. Estes intermediários que recebem o material coletado, pesam e estabelecem o preço a ser pago aos catadores, e em seus depósitos, vão acumulando os materiais recicláveis, prensando-os em fardos, até conseguirem uma quantidade que viabilize o transporte para encaminhá-los às indústrias de reciclagem. (Andrade, 2020, p.22)

Em conformidade com a autora, dentro da nossa pesquisa, identificamos o papel do atravessador, a quem os catadores seguem as determinações, realizam seu trabalho e aguardam o pagamento. Para esses trabalhadores, ele é visto como uma espécie de patrão, pois controla todo o processo de reciclagem, desde a coleta até a definição dos preços e o encaminhamento dos materiais para as indústrias. No entanto, muitas vezes, é o próprio atravessador quem desvaloriza o catador, pois não reconhece o esforço e a dedicação exigidos por essa atividade árdua

### **3.4 Condições de trabalho dos catadores**

As condições de trabalho dos catadores são precárias. Eles não dispõem de equipamentos de segurança para realizar suas atividades e não têm condições adequadas de salubridade, muitas vezes desconhecendo até o significado desse termo. Além disso, não recebem lanches, contando apenas com um café pela manhã. Muitos não conseguem ir para casa almoçar, tendo que comer marmitas com comidas frias, pois não há onde esquentá-las.

A gente custa ganhar o café aqui, geralmente escutamos que estamos aqui pra trabalhar e não pra comer, como sentimos fome e sede, por trabalhar no sol quente, a gente junta um dinheirinho com quem pode no dia e compra um lanchinho com refrigerante porque ninguém é de ferro né (Luiz)

Como observado no relato do Luiz, presente neste trabalho pouco mais de 1,5 meio e como já mencionado, geralmente são eles mesmos que organizam e

providenciam seus próprios lanches. É evidente que esses trabalhadores já ganham pouco e, com o pouco que ganham, ainda tentam se unir para se alimentarem. Suas vestimentas e calçados não são dos melhores, muitos usam roupas rasgadas ou furadas, embora haja alguns que se vestem um pouco melhor. (Figura 13)

**Figura 13-: ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- CATADOR COM SEU MEIO DE TRANSPORTE E CARRINHO**



**Fonte:** VILELA, L.S,2025

Como mostrado na imagem, este é o senhor Luiz, um trabalhador já em idade avançada também, que continua exercendo sua atividade com dedicação. Para facilitar seu trabalho, ele desenvolveu uma estratégia para acoplar o carrinho de coleta à sua bicicleta, permitindo maior agilidade no transporte dos materiais. No entanto, observa-se que ele utiliza apenas um boné e calçados fechados, calça e camisa de manga

longa, sem equipamentos de proteção adequados para a coleta, o que o expõe a diversos riscos no desempenho de sua função.

Ao longo do trajeto, percebemos como a vida desses trabalhadores é difícil, mas sempre marcada pela determinação e pela esperança de dias melhores. Mesmo enfrentando jornadas de 8 até 10 horas diárias, dependendo da coleta que precisam realizar, eles seguem firmes, cientes de que, na maioria dos casos, o sustento de suas famílias depende diretamente desse esforço.

Em concordância Gonçalves (2020) ressalta que “assim, não resta outra alternativa àqueles que são “rejeitados” pelo mercado formal, buscar a sobrevivência realizando de alguma forma a auto exploração ou a venda da sua força de trabalho”. Considera-se então que estão nessa vida por falta de oportunidades, não tendo outra opção, buscando desta forma a sobrevivência por conta própria.

A catação, mais do que uma atividade que lhes garanta alguma remuneração, é para os trabalhadores a única forma que resta para garantir sua sobrevivência e a de sua família dentro de uma lógica considerada socialmente como honesta, ou seja, a do trabalho. De todo modo, sua busca do trabalho no lixo, tido como honesta, é um esforço não reconhecido. Além de mal remunerado este tipo de atividade é socialmente considerada execrável, desenvolvendo-se à margem das regras sociais básicas estabelecidas, ao descaso dos poderes públicos, embora não sendo por este desconhecido. (Gonçalves,2020. p.54)

De acordo com o autor, fica evidente que os catadores procuram garantir sua sobrevivência por meio de um trabalho honesto, mesmo sem o devido reconhecimento, especialmente por parte do poder público. Forçados a ingressar no mercado informal, muitas vezes sem qualquer proteção social, eles enfrentam desafios constantes na luta para sustentar suas famílias, desta maneira eles consideram o trabalho de recicláveis como algo que os ajude na sua sobrevivência, mesmo na esperança de no futuro conseguirem algo melhor, estão ali desempenhando os seus trabalhos com muita determinação.

Dos 20 catadores entrevistados, todos relataram que a renda obtida com a coleta de recicláveis não é suficiente para cobrir suas necessidades básicas, evidenciando que essa atividade, por si só, não resolve os desafios financeiros que enfrentam diariamente.

A análise dos relatos revela que quase todos os catadores recebem algum tipo de assistência, seja do governo, como aposentadoria para aqueles que já têm direito, Bolsa

Família para quem possui filhos, ou benefícios como o auxílio-doença. Caso não tivessem esse suporte, muitos enfrentam dificuldades ainda maiores, podendo até mesmo não ter uma moradia, o que aumentaria sua vulnerabilidade e o risco de viverem em situação de rua.

Outra forma de ajuda significativa que recebem é durante as próprias coletas de resíduos, onde muitos catadores acabam encontrando materiais, roupas ou calçados que podem ser reutilizados por eles mesmos.

A gente acha, principalmente nos lixos de rico, muita coisa boa, que dá pra usar de boa, tem roupa ou calçado sem nenhum defeito, brinquedos também, talvez apenas sem uma rodinha de um carrinho, são jogados fora, eu aproveito tudo, se não servir pra mim, eu passo pra alguém que precisa. (Maria do Carmo)

De acordo com a narrativa da Maria do Carmo, observamos que, além de realizarem suas atividades de coleta de materiais recicláveis, os catadores acabam sendo beneficiados por itens que, embora não tenham mais utilidade para alguns, são de grande valor para eles. Também é notável a solidariedade entre eles, pois, quando algo não serve, há sempre o apoio mútuo, ajudando o próximo com o que foi encontrado.

Outro fator importante que facilita a vida dos catadores é a coleta realizada em uma rede de supermercados. Nessa coleta, eles acabam aproveitando produtos vencidos, como itens de limpeza, higiene, chinelos e até alimentos. Os supermercados, além de separarem os recicláveis, como plástico e papelão, destinam esses produtos próximos da data de vencimento ou já vencidos, sabendo que os catadores podem utilizar alguns deles.

Quando esses materiais chegam ao depósito, a cena parece quase uma disputa, como uma "festa" em que cada um tenta garantir a caixa que deseja. Por exemplo, Maria do Carmo escolheu uma caixa com pastas de dente vencidas e, ao fazer isso, torna-se a "dona" da caixa, mas frequentemente troca por outros produtos vencidos que lhe interessam. Eles afirmam que esses itens são de grande ajuda no seu cotidiano, pois são produtos ou alimentos que podem consumir sem precisar comprá-los. Alguns itens, inclusive, são bem mais caros e eles dizem que, de outra forma, jamais teriam condições de adquiri-los.

O que realmente causa indignação é que, para todos, o vencimento dos produtos não é uma preocupação. O que eles querem é aproveitar o que conseguiram, sem se importar com o risco de uma possível alergia ou intoxicação alimentar, por exemplo. O que importa para eles é que aquele produto vai ajudar no sustento de suas casas.

Percebe-se que o cotidiano dos catadores não é nada fácil, sendo marcado por grandes dificuldades. Ao ser questionado sobre a possibilidade de deixar esse trabalho, todos afirmam que, se tivessem uma oportunidade melhor, com registro e todos os direitos garantidos, não pensariam duas vezes. No entanto, a realidade é que eles não possuem muitas alternativas viáveis. Como qualquer pessoa, todos sonham com uma vida mais segura e com melhores condições.

### **3.5 Desafios enfrentados pelos catadores de reciclagem**

Os catadores de materiais recicláveis enfrentam grandes desafios em seu dia a dia, sendo a sobrevivência um dos maiores. Acordam diariamente sabendo que terão uma jornada longa e exaustiva pela frente, sem a garantia de que serão devidamente recompensados por todo o esforço dedicado, além de muitas das vezes serem marginalizados ou excluídos.

Podemos destacar a falta de valorização e reconhecimento desses trabalhadores. Se sua importância para a sociedade fosse devidamente reconhecida, sua profissão poderia ser vista com mais respeito e dignidade. No entanto, muitas vezes, os catadores são marginalizados e discriminados, deixando de receber o tratamento justo e digno que qualquer trabalhador merece.

A gente cuida do lixo de todo mundo, mas às vezes somos tratados como lixo, isso dói, porque não estamos nessa vida porque queremos, e também é nosso trabalho, só porque mexemos no lixo das pessoas, não podem nos tratar assim. Se todo mundo ajudasse, já deixasse separadinho o que a gente precisa, nem precisava da gente ficar revirando nas lixeiras (Rita)

Esse desabafo da Rita, foi uns dos mais emocionantes, pois ela abriu seu coração e relatou como se sente, demonstrando sentimentos de dor e ao mesmo tempo se sentindo injustiçada, mas vergonha não apresenta, pois é a partir desse trabalho que ela consegue sobreviver, reforçando a ideia de que não está nesta atividade por escolha e sim por necessidade. E ainda sugere que as pessoas deveriam ter mais conscientização e

separar corretamente os resíduos a serem reciclados, pois desta maneira seria mais fácil para eles.

Essa catadora já atua com materiais recicláveis há sete anos. Sua participação na pesquisa trouxe uma sensível contribuição, pois ela se mostrou aberta, confiou no processo e compartilhou seus sentimentos com sinceridade. Revelou as dificuldades enfrentadas pelos catadores, mas também evidenciou a imensa força com que seguem lutando por uma vida melhor, mantendo-se confiante de que dias melhores virão e novas oportunidades surgirão.

Outro fator considerado um grande desafio é que além da falta de dinheiro, o preconceito, pois a maioria dos 20 catadores já está com idades mais avançadas, o que acabam sendo excluídos do mercado de trabalho formal.

Um outro elemento que atinge os trabalhadores desempregados é o do desemprego somado à idade considerada avançada, fator que desqualifica e serve como pretexto para o não aproveitamento/exploração dessa força de trabalho em vários ramos produtivos da economia, mas que na verdade reflete apenas mais um aspecto do poder destrutivo do sistema do capital sobre o trabalho. (Gonçalves, 2009.p.200)

De acordo com o autor supracitado, para o capitalismo, o importante é a produção, colocando a culpa na idade, logo aquele que tem mais idade pode ter menos produção para o capital, dificultando de se reinserir no mercado de trabalho formal. Ou seja, além da falta de experiência ou de uma pessoa qualificada, temos o fator da idade também que acaba sendo um grande desafio, pois os trabalhadores acabam sendo descartados e excluídos socialmente.

Outro fator predominante e que já foi apontado, o ponto de organização onde os catadores ficam trabalhando nas etapas da reciclagem, acaba sendo de grandes desafios e riscos. (Figura 14)

**Figura 14-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- ACÚMULO DE RESÍDUOS PRESENTES NO LOCAL DE TRABALHO**

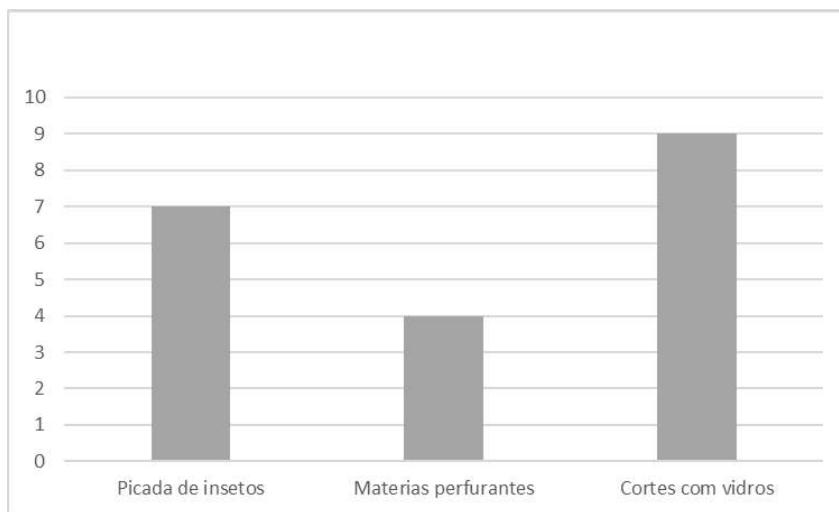


**Fonte:** VILELA.L. S,2025

O excesso de materiais que ainda precisam passar pelas etapas da reciclagem, como separação e prensagem, pode tornar o processo mais demorado, resultando no acúmulo de resíduos. Isso expõe os catadores a diversos riscos, como o contato com animais peçonhentos escondidos entre os materiais. Por exemplo, ao manusear um papelão, há a possibilidade de encontrar escorpiões, aumentando o perigo de acidentes.

Os catadores podem também dispor da presença de materiais cortantes misturados aos resíduos que precisam ser separados é um deles. Ao manusear esses materiais, eles acabam se cortando com vidros ou sendo perfurados por agulhas (gráfico 6). Isso ocorre porque as pessoas não fazem a separação correta dos seus resíduos, como já mencionado, prejudicando aqueles que dependem dessa profissão para sobreviver.

**GRÁFICO 6- ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- RISCOS RECONHECIDOS NO TRABALHO**



**Fonte:** VILELA, L.S, 2024

Como mostrado no gráfico, dos 20 catadores, 7 já foram picados por insetos, 4 infelizmente sofreram perfurações, correndo o risco de serem atingidos por objetos como agulhas, que podem estar contaminadas, e 9 deles já se cortaram com vidro. Isso reforça mais uma vez que, se a população separar seus resíduos de forma adequada, muitos desses riscos poderiam ser evitados, protegendo assim a segurança dos catadores.

Além de materiais perfurantes, tais como vidros e as picadas de insetos, os catadores enfrentam riscos de contato com insetos peçonhentos cujos podem ser letais, dependendo da espécie, como o encontrado na data do dia 24 de setembro, uma cobra venenosa (figura 15) presente no meio dos resíduos e que acabou atacando um cachorro que se encontrava no local do trabalho.

**Figura 15-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- COBRA VENENOSA ENCONTRADA NO LOCAL DE TRABALHO**



**Fonte:** VILELA.L. S,2024

Quando questionado se alguns deles, já foi exposto a algum tipo de doença, não souberam afirmar, não considerando ficar doentes por causa do trabalho, mais pelos relatos, acredita-se que adoecem sem perceber que seriam por conta de suas atividades, como uma doença na pele, problemas respiratórios, como uma asma, ou até mesmo depressão devido a fatores de exclusão por exemplo. Para melhorar essa situação e ainda prevenir os catadores de cortes, furos e picadas, seria essencial o uso de materiais de proteção, com equipamentos de proteção individual (EPIs), ou pelo menos deveriam usar luvas e botas que ajudassem a se proteger melhor.

Um dos grandes desafios enfrentados também pelos catadores na rua 47 é que, além de ser o local onde eles trabalham, essa rua também serve como um ponto de entrega de materiais para aqueles que desejam fazer o descarte correto. Essa situação tem um lado positivo, pois permite que os catadores lucrem com os materiais descartados. No entanto, os trabalhadores que ali estão não ganham nada diretamente por esses materiais, visto que não foram eles que os coletaram.

No caso das latinhas de alumínio, especialmente as de bebidas, há uma tradição de serem coletadas pela população após o uso e levadas a pontos de coleta, incluindo o

da rua 47 e outros espalhados pela cidade. Essas latinhas são vendidas, com o valor variando de acordo com o momento. No contexto atual da pesquisa, o quilo da latinha está sendo vendido a R\$7,50 (sete reais e cinquenta centavos.)

**Figura 16-ITUIUTABA (MG): BAIRRO SETOR SUL- ANUNCIO DE COMPRA DE LATINHAS**



**Fonte:** VILELA, L.S,2024

Este incentivo à venda de latinhas foi feito pelo proprietário do ponto de pesquisa, que encoraja a população a participarem da economia circular. Nesse processo, tanto os compradores quanto os vendedores contribuem para um descarte correto dos materiais, gerando renda tanto para os cidadãos que vendem latinhas quanto para o ponto de coleta. Em uma conversa com o proprietário, ressalta que o alumínio possui um valor significativo no mercado de reciclagem, sendo o maior precursor desse comércio, o que torna essa prática não apenas ambientalmente benéfica, mas também economicamente viável para todos os envolvidos.

Dentro dessa perspectiva, é evidente que os catadores de materiais recicláveis no local não recebem o devido reconhecimento e frequentemente perdem a oportunidade

de aumentar sua renda, especialmente através do reaproveitamento do alumínio, que acaba sendo vendido por intermediários em vez de diretamente por eles mesmos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho informal surge paralelamente à expansão do capitalismo, que se beneficia da força de trabalho disponível. Esse processo contribui para o aumento acelerado do desemprego e, consequentemente, para a intensificação da exploração dos trabalhadores. Dessa forma, a discussão sobre a sociedade capitalista e sua relação com o trabalho busca compreender a transição do trabalho braçal para a era da industrialização, impulsionada pelo avanço tecnológico. Esse processo resultou na redução da demanda por mão de obra, levando muitos trabalhadores a condições consideradas sub-humanas e de extrema exploração.

Esta pesquisa analisou como o sistema capitalista impacta as minorias na sociedade, com foco específico no trabalho informal dos catadores de recicláveis. Com o objetivo de analisar o processo de luta, resistência desses trabalhadores que sobrevivem dessas atividades. Embora muitas vezes sejam tratados como uma minoria invisibilizada, estes trabalhadores desempenham um papel essencial para a sociedade.

É neste contexto que podemos perceber a grande importância dos catadores de recicláveis e a necessidade de formalização dessa classe, que ainda se encontra vulnerável e desvalorizada. É fundamental que esses trabalhadores sejam reconhecidos para que possam ter melhores condições de vida e trabalho. No caso dos catadores do setor sul de Ituiutaba, é essencial um olhar mais atento e abrangente, considerando os desafios e dificuldades que enfrentam diariamente.

Desta maneira, a pesquisa se tornou importante para esses catadores, visto que a partir dela, foi possível mesmo em conversas informais mostrar que eles são essenciais e importantes para a sociedade, tendo de uma forma ou outra ajudado com palavras ou mesmo ouvindo cada um, com suas dificuldades, desafios, estando ali por momentos não apenas seguindo o objetivo de obter respostas, mas também o de silenciar e servir como apoio e desabafo.

Acredita-se também que esta pesquisa apresentou a grande importância e valorização desses catadores, demonstrando que os mesmos precisam de condições dignas com melhores condições de trabalho, pois esses catadores representam a exclusão social, são vulneráveis e acabam tentando sobreviver realmente dos recicláveis, pois passam por necessidades que poucos conhecem ou tentam não

enxergar, tendo a necessidade de um olhar mais atento para esses trabalhadores, necessitando de serem incluídos na sociedade, tendo seus direitos de forma igualitária e políticas públicas que possam ajudar nisto tudo.

Ressaltando que embora o Brasil possua diversas normativas e leis voltadas para a reciclagem e o apoio aos catadores, ainda há muito a ser aprimorado, logo o sistema ainda é falho. A aplicação dessas leis deixa a desejar, sendo necessário um maior rigor e atenção para que os objetivos sejam realmente alcançados e esses trabalhadores recebam a devida proteção.

Nota-se também a falta de conscientização da população, evidenciando a necessidade de uma maior educação ambiental. Com atitudes simples, como a separação adequada dos resíduos, a população poderia contribuir significativamente para o trabalho dos catadores, ajudando a reduzir os riscos que enfrentam e proporcionando melhores condições para o desempenho de suas atividades.

Conclui-se que a maioria desses trabalhadores atua na informalidade, como catadores por falta de alternativas, já que muitos tiveram experiências em outras áreas antes de ingressar na coleta de recicláveis. Para os mais jovens, a falta de experiência e qualificação, frequentemente exigidas pelo mercado de trabalho, acaba sendo um fator determinante para sua entrada no setor informal. Dessa forma, conclui-se que eles não estão nessa profissão por escolha, mas sim por necessidade e pela falta de oportunidades.

Compreende-se que os catadores enfrentam condições de trabalho precárias e de exclusão social porque tais trabalhadores se enquadram em condições de extrema precarização, tendo assim o direito ao trabalho violado, sem benefícios trabalhistas e previdenciários por conta de estarem inseridos no mercado informal.

A pesquisa demonstrou assim, um outro lado daqueles trabalhadores que sofrem, que passam necessidade, que sobrevivem do pouco, apresenta a realidade que poucos conhecem e poucos dão valor, uma realidade onde são tratados como ninguém, sendo simplesmente excluídos da sociedade e reforça a importância de políticas públicas que possam atender a este conjunto de trabalhadores que vivem da catação de recicláveis.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15112: diretrizes para projeto, implantação e operação de áreas de triagem e transbordo.** Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **NBR 10004: resíduos sólidos – classificação.** Rio de Janeiro, 2004.

ANDRADE, Ludmylla Arantes. **O "lixo" nosso de cada dia: os catadores informais e o circuito inferior da economia urbana em Ituiutaba-MG.** 2020. 117 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2020. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.62>.

ANUÁRIO DA RECICLAGEM. Disponível em: <https://www.anuariodareciclagem.eco.br/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade no mundo do trabalho.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 13–54.

\_\_\_\_\_. **A nova morfologia do trabalho e as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil dos anos 1990.** *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, v. 27, p. 11–25, 2014.

\_\_\_\_\_. **Neoliberalismo, reestruturação produtiva e mudanças no mundo do trabalho.** *Revista da Faculdade de Direito de Campos*, ano 11, n. 2; ano 13, n. 3, 2001–2002.

\_\_\_\_\_. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

\_\_\_\_\_. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital.** São Paulo: Boitempo, 2018.

\_\_\_\_\_. **O continente do labor.** São Paulo: Boitempo, 2011.

ARAÚJO, Ana Maria Moura; RAPOSO, Clarissa Tenório Maranhão. **A superexploração e as transformações no mundo do trabalho: um debate necessário.** In: **VIII JORNADA DE POLÍTICAS PÚBLICAS**, 2017, São Luís. Anais [...]. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2017.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CATADORES E CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS (ANCAT). **Sobre o Atlas Brasileiro da Reciclagem.** Disponível em: <https://atlasbrasileirodareciclagem.ancat.org.br/sobre>. Acesso em: 14 jun. 2024

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.

BORGES, L. de O.; YAMAMOTO, O. H. Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos. In: BASTOS, A. V. B.; GONDIM, S. M. G. (org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. v. 2, p. 25–72, 2014. Disponível em: [http://www.larpsi.com.br/media/mconnect\\_uploadfiles/c/a/cap\\_01989.pdf](http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01989.pdf). Acesso em: 20 maio 2024.

BORGES, Rosane Villanova; CARBONERA, Mirian; TRINDADE, Larissa de Lima. Catadores de materiais recicláveis: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Desenvolvimento em Questão**, v. 21, n. 59, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2023.59.14271>. Acesso em: 23 maio 2024.

BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/vm8vQ5LM49wp5Ktzjpn7gJz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2025. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000200008>

BRASIL. **Resolução CONAMA nº 275, de 25 de abril de 2001**. Estabelece o código de cores para diferentes tipos de resíduos na coleta seletiva. Disponível em: [https://www.normasbrasil.com.br/norma/resolucao-275-2001\\_96897.html](https://www.normasbrasil.com.br/norma/resolucao-275-2001_96897.html). Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. **Resolução CONAMA nº 275, de 25 de abril de 2001**. Estabelece o código de cores para diferentes tipos de resíduos na coleta seletiva. Disponível em: [https://www.normasbrasil.com.br/norma/resolucao-275-2001\\_96897.html](https://www.normasbrasil.com.br/norma/resolucao-275-2001_96897.html). Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.260, de 16 de dezembro de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para instituir a Política de Educação Digital nas escolas. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/L14260.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14260.htm). Acesso em: 7 jun. 2024.

BRASIL. **LEI N° 18.031, de 12/01/2009** (Regulamentada pelo Decreto nº [45181/2009](#)) Disponível em: [Lei Ordinária 18031 2009 de Minas Gerais MG \(leisestaduais.com.br\)](#). Acesso em: 25 jan.2024)

BRASIL. **Comitê Interministerial do Programa Pró-Catadores**. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/programa-pro-catadores/comite-interministerial>. Acesso BRASIL ESCOLA. Empregos informais. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/empregos-informais.htm>. Acesso em: 14 fev. 2024.

COSTA, Ângela Gomes dos Santos. **Trabalho informal e cidadania**: uma análise das alternativas de qualificação dos catadores de materiais recicláveis no município de Ijuí. 2012. Ijuí: Dissertação (Mestrado) Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012.

DEDECCA, Claudio Salvadori. **Trabalho, financeirização e desigualdade**. Texto para Discussão. IE/UNICAMP, n. 174, abr. 2010. Dicionário de trabalho e tecnologia /

Antônio David Cattani, Lorena Holzmann (orgs.);- 2. ed. rev. ampl. - Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

Duailibi, M. D. (2010). **A informalidade das relações de emprego e a atuação da inspeção do trabalho: Uma análise para o Maranhão contemporâneo**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Maranhão-São Luiz.

**ECYCLE. Anuário da Reciclagem 2021 retrata a realidade dos catadores de materiais recicláveis e de suas organizações no Brasil.** *eCycle*, 2021. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/anuario-da-reciclagem-2021-retrata-a-realidade-dos-catadores-de-materiais-reciclaveis-e-de-suas-organizacoes-no-brasil/>. Acesso em: 23 maio 2024.

ESTANQUE, Elísio. Trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [online], n. 71, 2005. Publicado em: 1 out. 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1023>. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.1023>. Acesso em: 10 out. 2024. <https://doi.org/10.4000/rccs.1023>

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem** (1876). Edição eletrônica. Ed. Ridendo Castigat Mores. 1999.

ESTENSSORO, Luiz. **Capitalismo, desigualdade e pobreza na América Latina**. 2003. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FERRAZ, Deise Luiza da Silva FERNANDES, Paula Cristina de Moura. Desvendando os sentidos do trabalho: limites, potencialidades e agenda de pesquisa. **Cad. psicol. soc. trab.** []. 2019, 22, 2, pp.165-184. ISSN 1516-3717. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v22i2p165-184>

FERREIRA, Brenda Aparecida de Souza. **O conceito de trabalho em Karl Marx**. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

FONSECA, Rogério Gerolinetto; SANTOS, Joelma Cristina dos. Os recentes processos migratórios em Ituiutaba (MG) e a inserção das agroindústrias canavieiras. **Caderno Prudentino de Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros**. Disponível em: Vista do OS RECENTES PROCESSOS MIGRATÓRIOS EM ITUIUTABA (MG) E A INSERÇÃO DAS AGROINDÚSTRIAS CANAVIEIRAS (unesp.br) Acesso em: 26 jun 2024

FONTANA, Clarissa Peres. A evolução do trabalho: da pré-história até ao teletrabalho. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE**, São Paulo, v. 7, n. 7, jul. 2021. ISSN 2675-3375. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i7.1759>. Acesso em: 21 maio 2024.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras [1930], 2016, p. 93

**IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral.** Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html>. Acesso em: 23 maio 2024.

FREITAS, Juarez. **Sustentabilidade: Direito ao futuro.** 2. ed. Belo Horizonte: Fórum, 2012.p.40; 117. Legislação 12.305 de 02 de agosto de 2010.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo. UNESP, 1991. 177p.

GOUVEIA, Nelson et al. Occupational exposure to mercury in recycling cooperatives from the metropolitan region of São Paulo, Brazil. **Ciência e Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 24, n. 4, p. 1517–1526, 2019. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.01332017>

GONÇALVES, Marcelino Andrade. **O Trabalho no lixo.** 2001. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2001.

Google. 2023. Ituiutaba. St. Sul - Google Maps. Acesso em: 29 de agosto de 2023

GUIA MAPA. **Setor Sul, Ituiutaba, MG.** Disponível em: <https://guiamapa.com/mg/ituiutaba/setor-sul/l/2>. Acesso em: 7 nov. 2024.

GUIRALDELLI, Reginaldo. Trabalho, trabalhadores e questão social na sociabilidade capitalista. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, Brasília**, v. 17, n. 1, p. 101-115, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/>. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v17n1p101-115. Acesso em: 15 nov. 2024.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo. Loyola, 1992

\_\_\_\_\_. **O enigma do capital:** e as crises do capitalismo. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

HISTÓRIA do trabalho. **Toda Matéria.** Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-do-trabalho/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na contemporaneidade:** trabalho e formação profissional. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Tabela 9592 - **Número de empresas e outras organizações, total e por porte, segundo as seções e divisões da Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0 - Brasil - 2010 a 2021.** Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/9592#resultado>>. Acesso em: 3 jun. 2024.

Instituto Gea-Ética e Meio Ambiente. Disponível em <http://www.institutogea.org.br/>. Acesso em 30 set. 2018. JACOBI, P. Educação e Meio Ambiente Transformando as Práticas. In **Revista Brasileira De Educação Ambiental**. Brasília. Rede Brasileira de Educação Ambiental, n.0. nov.2004. 140p trimestral.

LIMA, Jacob Carlos. "A globalização da precariedade: a informalidade em tempos de trabalho flexível." Retratos do trabalho no Brasil. Uberlândia, Edufu (2009): 37-62.

MARTINELLI, M. L. **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. 2. ed. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MARTINS, S. P. **Direito do trabalho**. 23º ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARX, Karl. **Trabalho assalariado e capital**. Tradução de Sílvio D. Chagas. São Paulo: Acadêmica, 1987.

Marx, Karl. **O Capital** (Vol. 1). Editora: Boitempo. 1867

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro 1. Vol I. 13a edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**: Livro I: o processo de produção do capital. Tradução Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Matsou, M. (2009). **Trabalho Informal e Desemprego: Desigualdades Sociais**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Tese. São Paulo.

MENDES, Rita de Cássia Lopes de Oliveira. **Os catadores e seletores de material reciclável: o social e o ambiental na lógica do capitalismo**. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS (MNCR). **Programa de Luta e Organização nas Bases do Movimento**. Disponível em:

<<https://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr/o-que-e-o-movimento/programa-de-luta-e-organizacao-nas-bases-do-movimento>>. Acesso em: 3 jun. 2024.

NAÇÕES UNIDAS. **OIT: 50 milhões de pessoas no mundo são vítimas da escravidão moderna**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/198847-oit-50-milh%C3%B5es-de-pessoas-no-mundo-s%C3%A3o-v%C3%A3timas-da-escravid%C3%A3o-moderna>. Acesso em: 15 nov. 2024.

NASCIMENTO, A. M; NASCIMENTO, S. M. **Iniciação ao Direito do Trabalho**. 40º ed. São Paulo: LTr, 2015.

NO MODO DE PRODUÇÃO PRIMITIVO A PRODUÇÃO É REALIZADA POR... **Portal DZP**, [s.d.]. Disponível em: <https://portal.dzp.pl/nhk/no-modo-de-producao-primitivo-a-producao-e-realizada-por.html>. Acesso em: 15 nov. 2024.

OIT. ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Directrices sobre una definición estadística de empleo informal, adoptadas por la Decimoséptima Conferencia Internacional de Estadísticos del Trabajo**. In: Conferência Internacional

de Estatísticos do Trabalho, 17. OIT, nov./dic. 2003. Disponível em: <https://www.ilo.org/>. Acesso em: 12 jun. 2023

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. **História do trabalho**. São Paulo: Ática, 2006.

REPÓRTER BRASIL. **Trabalho escravo**. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/trabalho-escravo/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos; LÉDA, Denise Bessa. O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 76- 83, 2004.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

Santos, J. S. (2012). **Questão Social: particularidades no Brasil** (1<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Cortez.

SASAKI, Maria Amélia. **Trabalho informal: escolha ou escassez de empregos?** Estudo dos trabalhadores por conta própria. 2009. 150 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Brasília, 2009.

SCHNEIDER, Alice Frantz; COSTA, Reinaldo Pacheco da; MESQUITA, Marco Aurélio de. A ATIVIDADE DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. **ORG & DEMO**, Marília, SP, v. 18, n. 2, 2018. DOI: 10.36311/1519-0110.2017.v18n2.08.p105. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/orgdemo/article/view/7588>. Acesso em: 9 mar. 2025.

SOUZA, A. A. S. de; OLIVEIRA, A. C.O. de.; SILVA, L. B. Da; SOARES, M. (Org.). **Trabalho e os limites do capitalismo: novas facetas do neoliberalismo**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. <https://doi.org/10.29388/978-65-86678-37-6-0>

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004.

TEIXEIRA, Marília Magalhães. **Realidade revelada**: os catadores informais de matérias recicláveis no contexto da Universidade de Brasília: Brasília: UNB, 2010. 189p.

TENÓRIO, J. A. S.; ESPINOSA, D. C. R. **Controle Ambiental de Resíduos**. In: PHILIPPI Jr, A.; ROMÉRO, M. de A.; BRUNA, G. C. *Curso de Gestão Ambiental*, Barueri, SP: Manole, 2004. (Coleção ambiental; 1).

TODA MATERIA. **Sociedade feudal**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sociedade-feudal/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

THOMAZ JÚNIOR, Antônio. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI: limites explicativos, autocritica e desafios teóricos**. 2. ed. São Paulo: [s.n.], 2009. 180 p.

THOMAZ JR., A. Por uma geografia do trabalho. **Pegada: A Revista da Geografia do Trabalho**, Presidente Prudente, v. 3, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.33026/peg.v3i0.786>.

THOMAZ JR., A geografia do mundo do trabalho na viragem do século XXI. **Geosul**, Florianópolis, v. 19, n. 37, p. 7–26, jan./jun. 2004.

TRAJANO, Rosângela. **A importância dos catadores de materiais recicláveis**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/642092-a-importancia-dos-catadores-de-materiais-reciclaveis-artigo-de-rosangela-trajano>. Acesso em: 10 mar. 2025.

TRENNEPOHL, Terence; FARIAS, Talden. Política Nacional de Resíduos Sólidos. In: TRENNEPOHL, Terence; FARIAS, Talden. **Direito Ambiental Brasileiro**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2019. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/doutrina/secao/politica-nacional-de-residuos-solidos-direito-ambiental-brasileiro/1250396190>. Acesso em: 01 jun. 2024.

TRINDADE, Hiago. Crise do capital, exército industrial de reserva e precariado no Brasil contemporâneo. **Crisis of the capital, industrial reserve army and precariat in contemporary Brazil**. Doutorando em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 13 dez. 202

VALENGA, A. C. V.; STEFANI, S. R. Cidades sustentáveis: uma revisão integrativa da literatura. **Gestão | Ciências Empresariais, Atlântico Business Journal**, v. 5, n. 1, p. 47, nov. 2021. Disponível em: [https://atlanticosummit.pt/Atlantico-Business-Journal\\_Volume-5\\_Numer0-1\\_Novembro-2021\\_v05.pdf](https://atlanticosummit.pt/Atlantico-Business-Journal_Volume-5_Numer0-1_Novembro-2021_v05.pdf). Acesso em: 25 jan. 2024.

VERNANT, Jean Pierre. Trabalho e natureza na Grécia Antiga. In: VERNANT, Jean Pierre; NAQUET, Pierre (org.). **Trabalho e escravidão na Grécia Antiga**. Campinas: Papirus, 1989. p. 9–33.

VESCHI, Benjamin. **Etimologia de Trabalho**. Portal Etimologia, 2019. Disponível em: <<https://etimologia.com.br/trabalho/>> Acesso: 20 abril, 2024

VITA, Álvaro de. **Sociologia da sociedade brasileira**. São Paulo: Ática, 1997.

ZANETI, I. C. B. **Educação ambiental, resíduos sólidos urbanos e sustentabilidade**. Um Estudo de Caso Sobre o Sistema de Gestão de Porto Alegre, RS. 2003. Tese (Doutorado) - Departamento de Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2003

**ANEXO****Formulário de Entrevista**

1) Escolaridade:  Não alfabetizado  Fundamental Incompleto  Fundamental Completo  Médio incompleto  Médio completo

2) Naturalidade \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

3) Sexo: Masculino  Feminino

4) Casa Própria  Aluguel  Cedida  Mora com parentes

Tempo de moradia no local\_\_\_\_\_

5) Quantas pessoas moram na casa?

Parentesco\_\_\_\_\_

Idade\_\_\_\_\_

Escolaridade\_\_\_\_\_

6) Quanto tempo que você trabalha nessa modalidade? \_\_\_\_\_

7) A família depende da renda desse trabalho informa como catador exclusivamente?

( ) Sim ( ) Não

8) Quais suas outras fontes de renda e qual valor adquirido?

---

9) Quantas horas trabalha por dia e quantos dias por semana? Qual a sua renumeração?

---

10) Sua renda é suficiente para suprir suas necessidades?

---

11) O que fazia antes de vim trabalhar aqui?

---

12) O que levou você a vim trabalhar aqui?

---

13) Qual o meio de transporte que utiliza para vim trabalhar?

Nenhum a pé () Bicicleta () moto () Ônibus () Carona () Veículo próprio ()

14) Já pensou em deixar esse trabalho e procurar outro? Por quê?

---

15) Já se sentiu marginalizado, discriminado ou excluído? Qual foi a situação?

---

16) Como você considera o seu trabalho?

---

17) Quais as dificuldades que você encontra no seu trabalho?

---

18) Através do seu trabalho já adquiriu algum tipo de doença? Ou alguém da sua família tem algum tipo de doença? Toma medicação constante?

---

---

19) Alguém da sua família participa de algum projeto ou benefício social?

Sim () Não ()

20) Qual o projeto ou benefício? \_\_\_\_\_